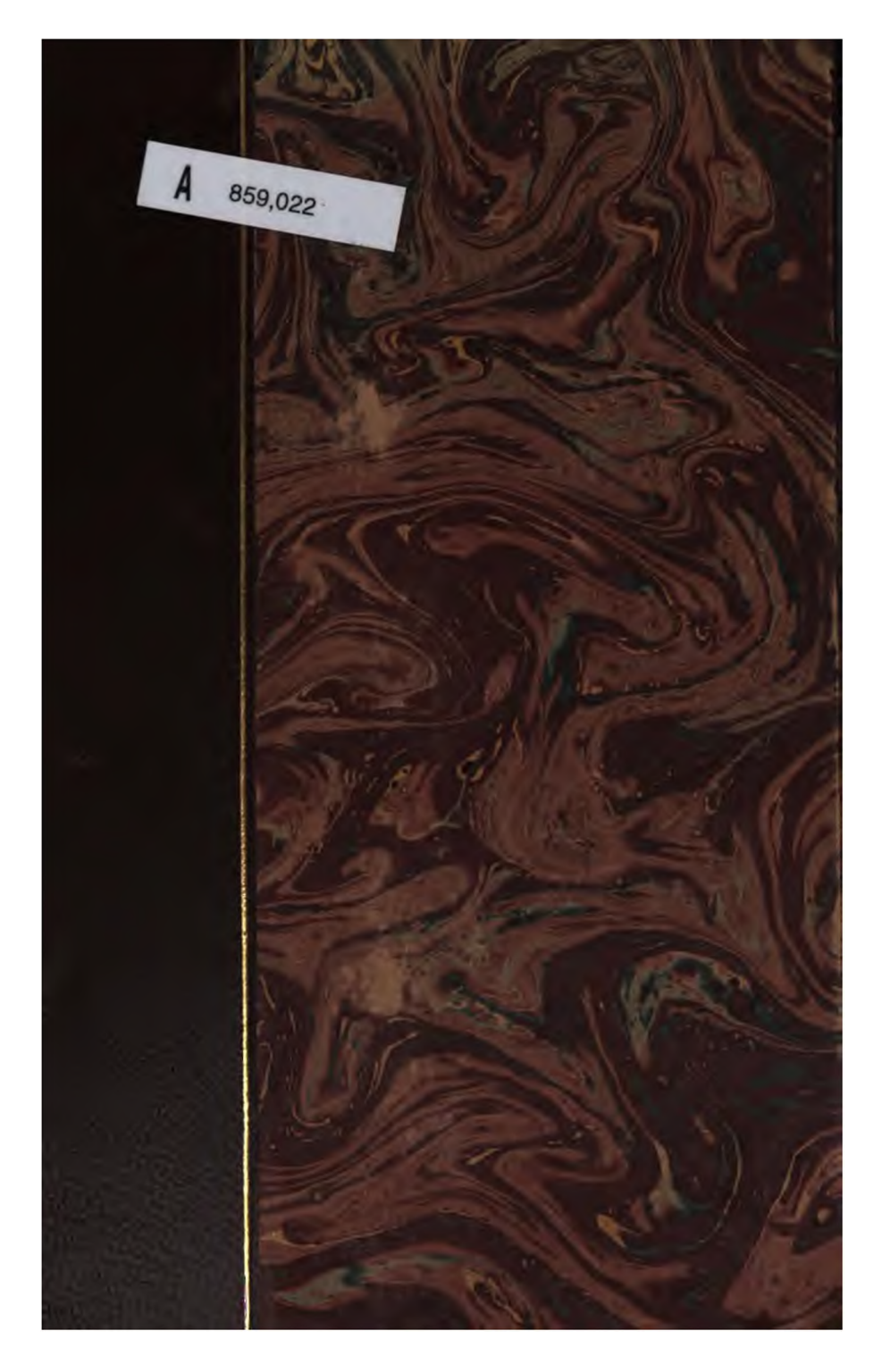
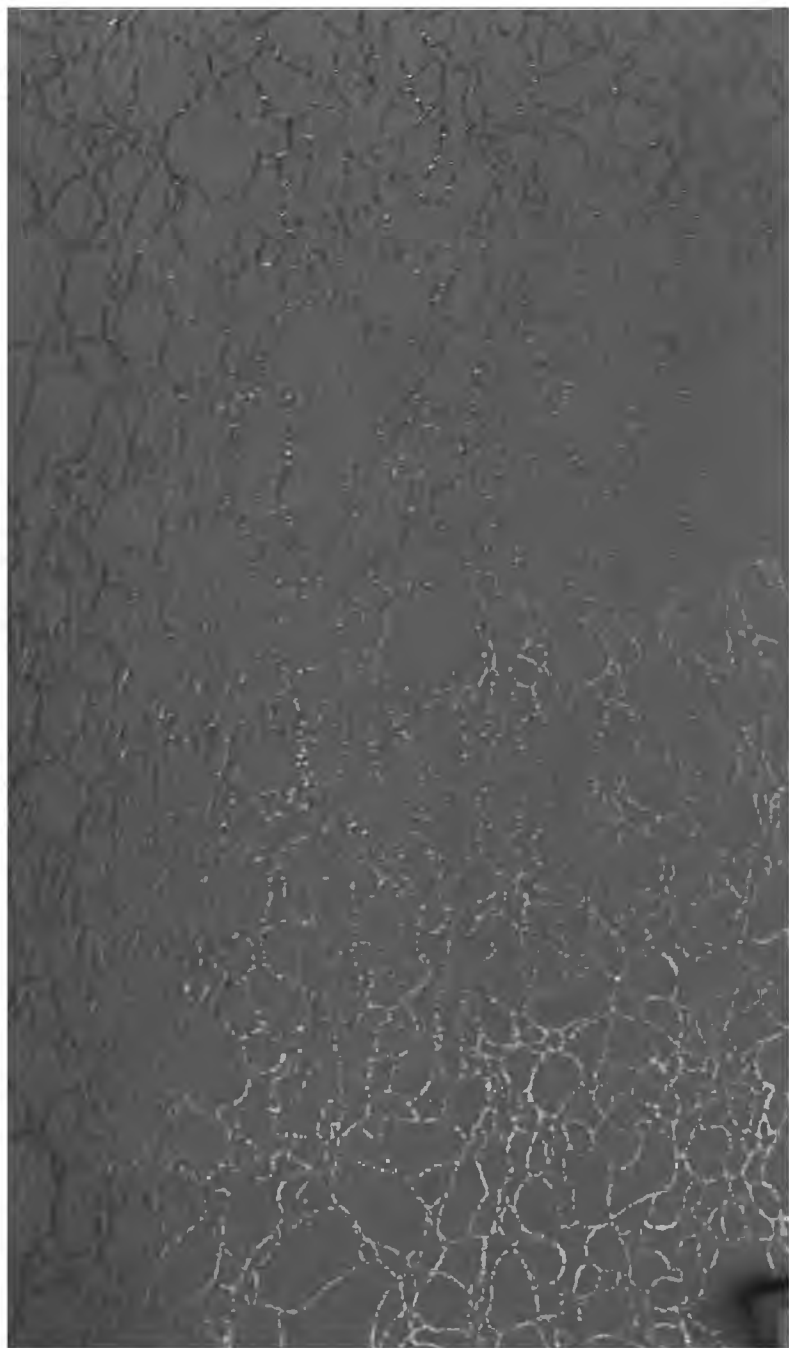


A 859,022

The image shows the front cover of a book. The cover is decorated with a traditional marbled paper pattern, featuring intricate, swirling designs in shades of brown, tan, and dark green. A vertical strip of dark, possibly black or dark brown, material covers the spine of the book, which is visible on the left side. A small, white, rectangular label is affixed to the upper left corner of the marbled area. The label contains the letter 'A' in a large, bold, sans-serif font, followed by the number '859,022' in a smaller, regular sans-serif font.

UNIVERSITY OF  
*Virginia*  
*Library*  
1817

ANNO DOMINI MDCCLXVII









CANCIONEIRO E ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

---

FLORESTA

DE VARIOS

ROMANCES

COLLIGIDOS

POR

THEOPHILO BRAGA

*Transformações do romance popular do século XVI  
a XVIII — Romances com forma litteraria dos cultistas  
portuguezes — Romances da Historia de Portugal,  
tirados das Collecções hespanhólas.*

PORTO

Typ. da Livraria Nacional

2, Rua do Laranjal, 22

1869

EX BIBLIOTHECA  
FRANCISCO J. MARTINS  
...  
Est. .... Prát. ....  
Caixa ..... N.º .....

LIVRARIA  
CASTRO  
E SILVA  
LISBOA

1.010.710



2033, 04

1/2 de ...  
...  
150.00

450

---

FLORESTA DE ROMANCES

---



FLORESTA  
DE VARIOS  
ROMANCES

POR

THEOPHILO BRAGA

Vimos rir, vimos folgar,  
Vimos cousas de prazer,  
Vimos zombar e apodar,  
Motejar, vimos trovar  
Trovas que eram para lèr.

GARCIA DE REZENDE.

---

PORTO

TYP. DA LIVRARIA NACIONAL

Rua do Laranjal, 3 a 22.

—  
1868

869.8  
B8fk



601529-176

## TRANSFORMAÇÕES

DO

# ROMANCE POPULAR

---

SECULO XVI A XVIII

Os romances genuínos da tradição oral do povo foram pela primeira vez recolhidos na *Silva de varios*, em 1550, tendo sido anteriormente glosados pelos poetas cultos hespanhoes da corte de João II e Henrique IV; no seculo XVI receberam uma fórma litteraria, dada por Lope de Vega, Gongora, Fuentes, Lasso de la Vega, Juan de la Cueva e outros. O mesmo facto se deu em Portugal: Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Jorge Ferreira de Vasconcellos, Francisco Rodrigues Lobo, Dom Francisco Manoel de Mello e Balthazar Dias, glosam e imitam os romances populares, já cantando os feitos da nossa historia, já as façanhas da guerra de Troya e de Roma, da Tavola-Redonda e de Carlos Magno. Convinha colligir estas flores dispersas, por onde se mostra que o movimento litterario operado em Portugal no seculo XVI e XVII era analogo ao de Hespanha; sem ellas o *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez* seriam uma obra truncada e imperfeita.

Não se pôde conhecer a litteratura portugueza ignorando as phases das litteraturas da idade media da Europa. Como a formação das linguas, do direito, da religião e das instituições sociaes, nenhum facto faz sentir mais do que a litteratura a unidade de raça dos povos neo-latinos. Quasi todas as transformações que experimentaram as litteraturas italiana, franceza, hespanhola e provençal, — quer na forma das primeiras poesias, nas novellas cavalleirescas, nas Chronicas ou nos contos decameronicos, no romance popular ou no sentimento da natureza despertado pela Renascença, — tudo, abertamente o sustentamos, se encontra, mais ou menos rudimentarmente, na litteratura portugueza. Foi a poesia dos jograes que soltou os dialectos neo-romanos da sua gaguez pelo canto; em Portugal vêmos tambem que os primeiros monumentos linguisticos são em verso, essas canções dos seculos XII e XIII, que os criticos não tem sabido avaliar.

Como conclusão dos estudos sobre a poesia popular portugueza, parecerá que este povo não tem uma poesia privativamente sua, filha espontanea do seu genio. As creações epicas que aí ficam nos romances colhidos da bocca do povo acham-se, é verdade, com alterações accidentaes nos Romanceiros hespanhoes. Devemo-nos desgostar com a falta de originalidade? Deveriamos abandonar a missão de recolher essas venerandas reliquias, por isso que não ha n'ellas uma feição propria? Os romances pertencem ao povo hespanhol pela fatalidade da raça e pelo estado social que os produziu. Não sômos nós do mesmo sangue, do mesmo tronco celtibero? não soffremos nós as mesmas modificações no cadinho da idade media da Europa? O facto de apparecerem os romances cava-

lheiroscos hoje em hespanhol é devido a uma circumstancia material, á curiosidade dos livreiros de Sevilha, Saragoça e Anvers; entre nós não se curou d'isso, mas nem por isso o povo portuguez deixou de cantar e poetisar as suas tradições. A parte mais bella dos romances hespanhoes constará, quando muito, de cem romances anonymos, os quaes se não referem a factos particulares da historia; estes mesmos andaram na tradição portugueza no seculo XVI, em tempo que a mente dos dois povos os elaborava ainda. (*Leis de formação poetica*, III e XIII). Se em politica Portugal e Hespanha são duas nacionalidades, nas tradições poeticas são mais do que gemeos, são um mesmo povo. O velho Romanceiro hespanhol da ultima metade do seculo XV, o legitimamente popular, tanto é hespanhol como portuguez; são os cantos d'esta epocha os que se repetem ainda na sua pureza nativa na Beira-Baixa, Traz-os-Montes e Açores. Que importa que não tenhamos os vultos poeticos de um Cid, de um Bernardo del Carpio, se os romances que os celebraram são na maior parte de origem litteraria, compostos por Lorenzo de Sepulveda, Juan de Leyva, Lasso de la Vega, e agrupados por Juan de Escobar? O *Romanceiro portuguez* é pequeno; mas, ainda ha tão pouco tempo interrogada a tradição, tem dado o que ha de mais bello e mais antigo na poesia peninsular.

No tempo de Dom João I, quando o povo deu pela primeira vez signal da sua existencia politica, foi ao mesmo tempo que revelou a poesia com que se alentava. Os cavalleiros cortezaños, que discreteavam com damas, pertenciam á *Ala dos Namorados* e da *Madre-Silva*, e entretinham-se com as novellas de Cavallaria do cyclo da Tavola-Redonda: « Por que nam se nega aos Luzitanos, des ho-

tempo dos Romanos que fizeram memoria dos feytos heroycos, hum abalisado e raro grao de cavallaria. E em tempo del Rey dom João de boa memoria sabemos que seus vassallos no cerco de Guimarães se nomearam por *cavalleyros da tavola redonda*; e elle por el rey Arthur. E de sua corte mandou treze cavalleyros Portuguezes a Londres, que se desafiaram em campo çarrado com outros tantos Ingrezes nobres e esforçados, por respeyto das damas do Duque Dalencastro. E de Santarem sayram tres cavalleyros andantes a buscar aventuras, por toda a Hespanha gaynhando muita honra: e em nossos tempos foram outros a Italia, Inglaterra e França, em que se abalisaram como gentyss soldados: vindo dahi a capitães não menos que os antigos.»<sup>1</sup> Porem o unico documento da existencia da poesia popular portugueza mais evidente, são essas canções que os moradores de Restello e Sacavem vinham cantar sobre a sepultura do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Que ingenuidade de sentir n'aquella strophe dos pobres á porta do convento do Carmo, aonde estava Nunal'vres! Recolheram-se essas trovas mais para provar a grandeza do Condestavel do que a santidade do povo. No reinado de Dom João II os costumes cortezãos tinham banido a poetica do vulgo; os cavalleiros, quasi todos heroes na conquista do Oriente, entretinham-se nos serões do paço em fazer versos ás damas sobre casos sentimentaes, imitações das coplas de Manrique, de Juan de Mena, de Juan Rodrigues del Padron, do Marquez de Villena e do de Santillana. Garcia de Resende, recolhendo todas essas coplas, seguiu o exem-

<sup>1</sup> Memorial das proezas da Segunda Tavola Redonda, por Jorge Ferreira de Vasconcellos, cap. XLVI, de accordo com Fernão Lopes, na Chronica, Parte II, p. 490, cap. 76; e com a Chronica do Condestabre, p. 42.



plo do *Cancionero de Baena*; a poesia de um é modello da poesia do outro. Lendo a nossa vasta collecção de 1516, encontramos os filhos de Dom João I, como Dom Pedro, <sup>1</sup> adoptando os versos de arte maior e enlevado na admiração de Mena; seu filho, que foi Rei de Chypre, imita o gosto pre-vençal nas tres canções ali conservadas. <sup>2</sup> Na infinidade das outras composições não se descobre a minima allusão a costumes, nem a tradições populares. Existem lá composições historicas, cuja forma não lembra o romance.

Não é para admirar. Don Agustin Duran affirma que nenhum Codice anterior á primeira metade do seculo XVI conserva vestigios da poesia popular; apenas o *Cancionero general* de Hernando del Castillo, publicado em Valencia de Aragon em 1511, contém alguns fragmentos de romances glosados. Taes são os romances sacros: *Durmien-do yva el Señor*, <sup>3</sup> *Terra y cielos se quezavan*, <sup>4</sup> e mais trinta romances com glosas, como são o de *Conde Claros*, com glosa de Francisco de Leon e uma imitação de Lope de Sosa; o romance de *Rosa fresca, rosa fresca* com a glosa de Pinar; o de *Fonte frida, fonte frida* com a glosa de Tapia; o de *Yo m'era mora morayna*, e outros muitos feitos pelos poetas cultos das cortes de Dom João II e Enrique IV, como Don Juan Manoel, o Comendador de Avila, Juan de Leyva, Garci Sanchez de Badajoz, o Bacharel Alonso Poza, Juan de la Ensina. <sup>5</sup> Estes poetas ou se serviam de

1 Cancioneiro geral de 1516, fol. Ixxij: «sobre o menospreço do mundo».

2 Idem, fol. Ixxij: «Del rey don Pedro quatro cantigas» erradamente attribuidas a Don Pedro I.

3 Fol. xxvij. Edição de Anvers de 1557, em casa de Martin Nuncio.

4 Fol. xxvj. verso.

5 Da fol. cci a cxxvj São ao todo 38.

fragmentos de romances populares para as suas glosas, ou os parodiavam. Quando, pela primeira vez, os romances populares foram recolhidos da tradição oral, em 1550, por Estevan de Najera, na collecção de Saragoça intitulada *Silva de varios romances*, muitos fragmentos do *Cancionero* de Hernando del Castillo appareceram mais completos. E' natural que, antes d'esta primeira colleccionação, os cantos do povo andassem em *pliegos sueltos* ou folha volante, com que mais tarde os livreiros tanto especularam. Pelo menos, os melhores romances da collecção de Najera encontram-se em folha solta de duas columnas, em typo gothico, sem logar de impressão, sem data e frontispicio: taes são os romances de *Durandarte*, de *Grimaltos*, do *Marquez de Mantua*, dos *Sete Infantes de Lara*, de *Gayfeiros*, do *Conde Claros de Montalvan*, do *Conde Dirlos*, de *Calaynos*, e outros muitos que se podem vêr no precioso trabalho do infatigavel Don Agustin Duran. <sup>1</sup> Os commentadores de Ticknor são de opinião, que antes das collecções os romances não andaram em *pliegos sueltos*, e fundam-se no prologo de Najera: «Eu não nego que em muitos dos romances impressos hajam casualmente erros; mas são devidos ás copias d'onde os extrai, copias quasi sempre alteradas, e á fraqueza da memoria das pessoas que nol-os dictavam e que se não podiam recordar perfeitamente.» D'onde concluem que o povo se servia de *cadernos manuscritos*. <sup>2</sup> Ao mesmo tempo Martin Nucio imprimiu esta mesma collecção em Anvers, para

<sup>1</sup> Catalogo por ordem alfabetica de varios pliegos sueltos que contienem romances, vilancicos, canciones, etc. «Romancero generale,» t. I, pag. LXXVII.

<sup>2</sup> Durante o meu trabalho de colleccionação, encontrei cadernos de uso do povo, cheios de emblemas pittorescos, e mais ainda de gordura. De um d'esses tirei a «Conversa de Namorados».

uso dos soldados e do povo que se achava fóra de Hespanha nos Paizes Baixos. O gosto da época pelas trovas cultas fel-o adoptar o titulo de *Cancionero*, com que então se nobilitavam todas as collecções. Emquanto o gosto dos romances populares se vulgarisava em Hespanha, em Portugal os poetas da corte de Affonso v e Dom João II não sonham a existencia d'esse riquissimo veio de poesia, continuam nas suas trovas do *cuydar e sospirar*. Apenas Garcia de Resende, chronista de Dom João II, e collecter das canções da sua corte, mostra ter conhecido esse renascimento em uma glosa que fez a um romance velho, e em algumas palavras da dedicatória do *Cancioneiro geral*.

No *Cancioneiro geral* sómente se depáram, com forma de romance, umas trovas que fez Garcia de Resende á morte de Ignez de Castro, que principiam : <sup>1</sup>

Eu era moça menina  
per nome dona Ines  
de Castro, e de tal doutrina  
e vertudes, qu'era dina  
do meu mal ser ho rreues.  
Uivia, sem me lembrar  
que paixan podia dar,  
nem dal-a ninguem a mim ;  
foy m'o principe olhar  
por seu nojo e mynha fim.

N'este tempo a fórmula do romance popular estava despresada completamente ; Garcia de Resende, traz mais um romance fragmentado, conservado a a pretexto da glosa : <sup>2</sup>

#### RYMANÇE

Tyempo bueno, tyempo bueno,  
quyen te llevo de my !

<sup>1</sup> Cancioneiro geral, fol. 221.

<sup>2</sup> Idem, fol. 217.

Qu'en acordar-me de ti  
 todo prazer m'es ajeno.  
 Fue tyempo y oras ufanas,  
 em que mys dias gozaron.  
 Mas en elhas se sembraron  
 la symyente de mys canas.  
 Quyen no lhora lo passado,  
 vrendo qual va lo presente ?  
 Quyen busca mas acydeno  
 de lo qu'el tiempo l'a dado ?  
 Yo me vy ser byen amado,  
 my deseo em alta cyma.  
 Contemprar em tal estado  
 la memorea me lastyma.  
 Y pues todo m'es ausente,  
 no ssé qual extremo escoja,  
 Byen y mal, todo m'anoja:  
 mésquyno, de quyen lo syente!

Este romance parece uma imitação dos dois celebres romances conservados no *Cancionero general* de Hernando del Castillo, *Fonte frida*, *Fonte frida*, e *Rosa fresca, Rosa fresca*, muitas e muitas vezes glosados pelos poetas palacianos. O romance de *Tyempo bueno* é um trecho conservado por causa da glosa. Então o renascimento das canções provençaes distrahia os serões das principaes cortes da Europa.

O romance popular era antigo e invariavel nos seus moldes; muitas das suas strophes tinham-se convertido em proverbio, como se vêem no *Don Quijote*; não se prestando a perpetuar as anedotas palacianas, a glosa veiu mobilisal-o. O romance popular, simples de condição, franco, rude, tocava a verdade na sua espontaneidade mais divina; era narrativo, não sabia abstrair, dramatisava, accumulava as situações. Era preciso um genio superior para comprehender a sua ingenuidade profunda. Lope de Vega foi um dos primeiros que lhe deu importancia; começou por mostrar que o metro octasyllabo servia para exprimir os mais altos pensamentos e poz em forma de romance os dolorosissimos passos da Paixão. Rengifo, na *Poe-*

*tica española*, reconhece a superioridade do romance. <sup>1</sup>

Só Gil Vicente foi o unico escriptor portuguez do seculo XVI conhecedor da vida do povo, das suas superstições e dos seus cantos. Na *Comedia de Rubena*, representada em 1521, cita um grande numero de romances populares, a que allude, como a cousa que por sabida não repete. E' certo que o nosso povo, apesar do desprezo dos cultistas, continuou a acceitar o romance, e d'outra sorte se não explica a reimpressão do *Cancionero de Anvers* em Portugal por Manoel de Lyra em 1551; a apparição do pequeno in-12, intitulado *Ramilhete de flores: quarta, quinta e sexta partes de romances nuevos hasta agora não impressos*, que Pedro de Flores, collector do *Romancero generale*, imprimiu em Lisboa em casa de Antonio Alvares em 1593; bem como o *Romancero del Cid* de Juan de Escobar, em Lisboa em 1605, 1613 e em 1615, e a *Primavera y Flor de los mejores romances* tambem em Lisboa, nos prelos de Matheus Pinheiro, em 1626.

O romance de *Dom Duardos*, composto por Gil Vicente, foi recolhido no *Cancionero de Romances* como anqnyto, e assim a historia dos amores de Bernardim Ribeiro. Na *Menina e Moça* encontra-se o solao da *Ama* e o romance de *Avalor*, mas com a difficil alliança do artificio provençallesco com a naturalidade da alma popular. Nas novellas cavalheirescas usava-se intercalar varias

1. «No ay cosa mas facil que hazer un Romance, ni cosa mas difficultosa, si hade ser qual conviene O que causa la facilidad es la composicion del metro, que toda es de una Redondilla multiplicada. La difficultad está en que la materia sea tal, y se trate por tales terminos, que levante, mueva y suspenda los animos. Y se esto falta, como la assonancia de suyo no lieba el oydó tras sí, no se que bondad puede tener el Romance. Descrievase en los Romances hechos hazahosos, casos tristes y lastimeros, acontecimientos raros, nuevos, singulares.» Edição de 1593, p. 38, cap. XXXIII.

composições poeticas; no *Memorial dos cavalheiros da Tavola Redonda* de Jorge Ferreira, se lêem muitos romances do cyclo troyano, do cyclo de Arthur, da historia de Roma, como então os fazia Gabriel Lasso de la Vega e Juan de la Cueva; mas é para notar que alguns dos romances de Jorge Ferreira se parecem muito com os romances da tradição, conservados no *Cancionero de Anvers*, taes como os que tratam da morte de Policena. Quando a eschola italiana se introduziu em Portugal procurou tambem banir das composições poeticas o octosyllabo da redondilha.

A eschola italiana não foi introduzida sem lucta na Peninsula; em Hespanha conhece-se bem qual foi a grandeza do combate. Em Portugal quasi nada consta, a não serem umas allusões de Sá de Miranda, de Ferreira e Bernardes. Boscan e Garcilasso davam-se por introductores em Hespanha dos novos metros italianos, fazendo uma revolução na poetica, pela qual o octasyllabo popular era expungido, substituído pelo endecasyllabo heroico. Argote de Molina nega-lhes o invento, e Lope de Vega decide-se abertamente pelo velho e desprezado octasyllabo, como o metro espontaneo da lingua hespanhola. Na edição do *Conde de Lucanor* de 1575, Gonzalo Argote de Molina, publicou um *Discurso sobre a poesia antiga castelhana*, em que diz: «*Bolviendo al proposito, los Castellanos y Catalanes guardaron en esta composicion (redondilla) cierto numero de pies ligados, com cierta ley de consonantes, por la qual ligadura se llamó COPLA, compostura cierto graciosa, dulce, y de agradable facilidad, y capaz de todo el ornato que qualquer verso puede tener, si se les persuadiesse esto a los Poetas deste tiempo, que cada dia la van olvidando, por la gravedad y artificio de las rimas*

*Italianas*, à posar del bueno de Castillejo, que desto graciosamente se queixa en sus coplas, el qual tiene en su favor, y de su parte el exemplo deste Principe Don Juan Manoel, y de otros cavalleros muy principales castellanos, que se pagaram mucho desta composicion, como fueron el Rey Don Alonso el Sabio, el Rey Don Juan el Segundo, el Marquez de Santillana, Don Henrique de Villena, y otros de los quales leemos coplas y canciones de muy gracioso donaire.» <sup>1</sup>

Este documento revela-nos a reacção contra a poetica estrangeira. Mas bem vistas as cousas, a questão provinha de se não ter conhecido ainda a unidade das linguas romanas. Argote de Molina, provando que os metros endecasyllabos já existiam na velha poesia castelhana, afirmava insensivelmente a unidade da poetica das linguas neolatinas. Transcrevemos aqui a sua opinião, para uso dos que ainda attribuem a Boscan e Garcilasso essa reforma ou renascença poetica, que vulgarisou os versos grandes ou endecasyllabos: «Es grave, lleno, capaz de todo ornamento y figura, y finalmente entre todos generos de versos le podemos llamar Heroico, el qual a cabo de algunos siglos que andava desterrado de su naturaleza, ha buuelto a España, donde ha sido bien recebido, y tratado como natural, y aun se puede dezir, que en nuestra lengua, por la elegancia e dulçura della, es mas liso y sonoro que en alguna vez parece en la Italiana. — No fueron los primeros que los restituyeron a España el Boscan e Garcilasso (como algunos creen) porque ya en tiempo del Rey Don Juan el Segundo era usado, como vemos en el libro de los Sonetos y Canciones del

<sup>1</sup> Conde de Lucaner, fol. 128. Edição de 1624.

Marquez de Santillana, que yo tengo, aunque fueron los primeros que mejor le trataron, particularmente el Garcilasso, que en la dulçura y liudeza de concetos, y en el arte y elegancia no deve nada al Petrarca, ni à los demas excelentes Poetas de Italia.» <sup>1</sup> A lucta contra a introduçãõ dos versos italianos foi renhida; os buccolistas chamavam ao verso octasyllabo *humilde e rasteiro*. Lope de Vega, com a auctoridade do seu grande nome, decide-se pelo verso nacional, e escreve o poema de *Santo Isidro* para o fazer valer em um assumpto religioso: «y de ser en este genero que ya los Españoles llaman *humilde*, no doy ninguna, porque no pienso que el verso largo Italiano haga ventaja al nuestro: que si en España lo dizen, es porque no sabiendo hazer el suo, se passan al estrangero, como mas largo, y licencioso: y yo sè que algunos Italianos embidian la gracia, dificultad y sonido de nuestras redondillas, y aun han querido imitallas, como lo hizo Seraphino Aquilano.... Llamando a nuestras coplas castellanas Barzeletas, ò Fretolas, que mejor las pudiera llamar sentencias, y concetos, desnudos de todo cansado y inutil artificio, que cosa iguala á una redondilla de Garci Sanchez, ò Don Diego de Mendoza: perdone el divino Garcilasso, que tanta occasion dio para que se lamentasse Castillejo, festivo e ingenioso poeta castellano, a quien parecia mucho Luis Gualvez Montalvo, con cuya muerte subita se perdieron muchas floridas coplas de este genero, particularmente la traduccion de la Jerusalem de Torcato Tasso, que parece que se avia ydo á Italia à escrivirlas para meterles las higas en los ojos. Maravillosas son las estancias del excelente

1 Idem, fol. 130, v.



portugues Camões: pero la mejor no yguala a sus mismas *redondilhas*, etc.» <sup>1</sup>.

O proprio Boscan, no prologo ao livro II das suas poesias, descreve os ataques que soffreu a nova eschola, e nos revela a quem foi devida a idêa para a revolução na poetica nacional. Um cavalleiro italiano, muito conhecido em Hespanha pelo seu gosto e importancia individual, Navajero, estando a conversar em cousas de letras, lembrou-lhe que experimentasse as trovas usadas pelos bons autores de Italia. Boscan cedeu ás instancias e experimentou; a final o verso endecasyllabo moldava-se á nova forma, como se fosse creado com ella. Garcilasso veiu imprimir o cunho da perfeição á nova tentativa. Aqui estão os dois modelos tão imitados em Portugal pelos poetas quinhentistas. O metro octosyllabo ficou desprezado; e as composições do povo que o preferiam, ficaram até ao principio d'este seculo desconhecidas.

O metro espontaneo das linguas hespanhola e portugueza é a redondilha octosyllabica; o verso da redondilha sae falado, natural, sem se pensar. No *Discurso sobre la lengua castellana* de Argote y de Molina, vem: «Leemos algunas coplillas Italianas antiguas en este verso, pero el es proprio e natural de España, en cuya lengua se halla mas antiguo que en alguna otra de las vulgares, y assi en ella solamente tiene toda la gracia, lindez e agudez que es mas propria del ingenio Español, que de otro alguno. — En el qual genero de verso al principio se celebravan en Castilla las hazañas y proezas antiguas de los Reys, y los trances y successos assi de la paz, como de la guerra, y los hechos notables de los Condes, Cavalleros, y In-

1 Santo Isidro, Barcelona, 1608. Prologo, p. 3 mihi.

fanções, como son testimonio los *Romances antiguos castellanos*, assi como el del Rey Ramiro cuyo principio es: *Ya se assienta el Rey Ramiro.*»<sup>1</sup>

Muitas vezes a historia era fundada sobre os romances da tradição oral; Esteban de Garibay y Zamalloa traz na sua Historia varios romances vasconços. D'elles, diz Argote: «en los quales romances hasta oy dia se perpetua la memoria de los passados, y son una buena parte de las antiguas historias castellanas de quien el Rey Don Alonso se aprovechó en su historia, y en ella se conserva la antiguidad, y propiedad de nuestra lengua.»<sup>2</sup> Só a contar do seculo XVI é que os romances populares começaram a tomar uma natureza artificial; até aí as chronicas procuravam o subsidio da tradição oral; d'aí por diante os poetas iam tirar d'ellas os motivos e factos para os seus romances. Sepulveda poz em verso os principaes factos da Chronica de Affonso o Sabio.

O que se dava em Hespanha acontecia egualmente em Portugal; Gil Vicente cantava em romances a morte de Dom Manoel, a acclamação de João III, o casamento e partida da Infanta Dona Beatriz, o nascimento de Dom Philippe. Era a moda do tempo, como confessa o proprio Sepulveda no prologo da sua collecção: «va puesto en estyllo que vuestra merced lea. Digo en metro Castellano y en tono de *Romances viejos, que és lo que agora se usa.*»<sup>3</sup> Por este tempo entraram na tradição do povo muitos romances de formação litteraria. O romance de *Don Duardos*, de Gil Vicente, foi re-

<sup>1</sup> Conde de Lucanor, edição de 1642, fol. 127.

<sup>2</sup> Ibid. fol. 128.

<sup>3</sup> Sepulveda, *Romances nuevamente sacados de historias antiguas*, Anvers, 1551, fol. 2 verso.

colhido nos Romanceiros hespanhocs; o Cavalheiro de Oliveira o colligiu outra vez da versão oral, e ha pouco nos veiu da Ilha de Sam Jorge, da freguezia dos Rosaes, outra variante não menos veneranda, se não mais pura. Estes romances eram intencionalmente compostos para serem cantados, em logar dos *velhos* e quasi perdidos da Tavola Redonda e do Cyclo carolino. Dil-o Sepulveda no prologo da sua collecção: que a fizera «para aproveitar-se los que cantarlos quisieren, en logar de otros muchos que yo he visto impressos y de muy poco fructo.»<sup>1</sup> Estes romances, a que allude Sepulveda com desprezo, são hoje a parte mais bella e divina dos Romanceiros da Peninsula. Portanto, pode dizer-se, que a transformação erudita do romance popular foi devida á falta de comprehensão dos cultistas litterarios. O mesmo tinha já succedido no seculo xv, quando o Marquez de Santillana, enlevado com os artificios da poetica provençal, considerava como *infimos* e *despresiveis* os que cultivavam a forma do romance. No seculo xvi, a imitação do classicismo e dos metros italianos fez novamente desprezar o metro octosyllabo pelo endecasyllabo heroico. Os que sustentam o combate pelo metro popular, como Lope de Vega, Argote y de Molina e Sepulveda, entregam-se ao romance como á forma mais do gosto do publico não accostumado ás canções petrarchistas. Não deixa de ser curiosa a lucta entre a eschola italiana e a nacional, em Hespanha suscitada por Boscan e Garcilasso, e em Portugal pelo Doutor Francisco de Sá de Miranda. Na sua viagem á Italia, Sá de Miranda tomou conhecimento da nova poesia; elle fala dos Provençacs, de Dante,

1 Idem, *ibid.* fol. 3.

de Petrarca, de Ariosto, de Bembo, e quiz implantar cá esses modelos. Não foi bem acolhido o pensamento. Igual arruideo ao que se fez com Boscan, suscitou a tentativa de Sá de Miranda. Ninguém fala n'essa lucta; mas nos poetas quinhentistas se acham a cada pagina rastos de uma mal ferida pugna.

Sobre a introduccão da eschola italiana, diz Sá de Miranda na Ecloga iv, a Dom Manoel de Portugal, *lume do Paço*, das musas *mimoso* :

que são dignos  
De perdão os começos já que fiz  
Aberta aos bons cantares peregrinos,  
Fiz o que pude . . . 1

Riram-se dos novos metros; e Sá de Miranda quando esperava o bom acolhimento da boa obra,

ouve aos sisos  
Medo (que assi o confesso) e a uns pontosos  
De rostro carregados, e de uns risos  
Sardonios, ou mais claro, maliciosos.

Antonio Pereira de Marramaque, senhor de Basto, da familia dos Forjazes e Pereiras, offereceu a Sá de Miranda um exemplar das obras de Garcilasso, quando elle se retirára para a sua casa de campo. Agradecendo-lhe a offerta que o distrahia na solidão, ainda Sá de Miranda se lembra dos esforços que fez para implantar a nova eschola :

Que el son que me aplazia  
Por mi hiziesse a prazer a nuestra gente. 2

E na morte de Garcilasso canta :

Al tan antiguo aprisco  
De Lasso de La Vega  
Tuyo, el nuestro de Sá viste augmentado. 3

1 Pag. 67, edição de 1877.

2 Pag. 87.

3 Pag. 402.

A eschola italiana, fundada por Sá de Miranda, teve por adeptos a Pero de Andrade, Caminha, a Ferreira e Bernardes, que se proclamaram discipulos do poeta. Caminha envia-lhe os seus versos, para

que os queiraes vêr  
E riscar, e emendar, porque emendados  
Por vós, possam andar mais confiados  
Do que por meus poderam merecer. 1

Dom Manoel de Portugal tambem lhe envia poesias suas para serem revistas:

Por isso ante vós não tão confiadas,  
Rarissimo Francisco, e excellente,  
A rudeza do estylo differente,  
E as incultas estanças desornadas.

Diogo Bernardes como estreia do anno novo envia-lhe uma copia das suas Flores do Lima, como se deprehe de do soneto xxiv:

Neste começo do anno, em tão bom dia  
Tão claro, porque não faleça nada,  
Me foi da vossa parte appresentada  
Vossa composição boa à portia.

N'este mesmo soneto refere-se Sá de Miranda ás difficuldades que teve a eschola italiana ao introduzir-se em Portugal:

De espanto me enche quanto ali via,  
E mais em parte cá tão desviada  
Sempre até agora da direita estrada  
De Clio, de Caliope e Thalia.

Sá de Miranda tambem louva Jorge de Montemayor, introductor da novella pastoril italiana na Peninsula. A lucta entre os poetas *velhos*, como chamavam aos partidarios da redondilha antiga, e

1 Soneto xxviii.

os da eschola italiana, conhece-se que foi renhida pelas frequentes allusões dos quinhentistas ; não ha porém documentos que esclareçam a historia d'essas luctas tão vulgares no dominio da litteratura. A maledicencia não era poupada de parte a parte :

Em tal sasão, tempo tão avaro  
De louvores alheios, em tal dano  
Dos engenhos, que se acham sem amparo. 4

Antonio Ferreira dá a entender estas mesmas guerras, em uma Carta a Sá de Miranda :

Já contra «a tyrannia do costume»  
Que té qui, como escravos em cadeias  
Os tinha, subir tentam ao alto cume  
Do teu sagrado monte, d'onde as veias  
Desse licor riquissimas assiste  
De que já correm mil ribeiras cheias.

Mas oh tempos crueis ! (sõe meu grito  
Por todo o mundo) mas, ah tempos duros,  
Em que não sòa bem o bom escripto. 2

N'esta outra Carta de Ferreira a Antonio de Sá de Menezes, descobre a malevolencia que havia contra a eschola italiana :

Já esta nossa terra engenhos tem  
Das musas bem criados, «mas mal criados»  
Que sempre o mal anda abatendo o bem. 3

A final triumphou a eschola italiana, e com ella começou a decadencia da poesia nacional dos dois povos da Peninsula. Os romances populares caíram em um immenso desprezo ; nos escriptores de quinhentos encontrámos bastantes allusões a

4 Pag. 432 da ed. 4614.

2 Poemas Lusitanos, T. II, p. 98.

3 Idem, p. 46.

romances tradicionaes, mas citam-nos de passagem, como quem se envergonha de uma cousa baixa.

Jorge Ferreira de Vasconcellos, no *Memorial dos Cavalleiros da Tavola Redonda*, (p. 348) descrevendo umas festas do tempo de Dom João III, diz: «dentro vinha assentada a Deosa Diana em meio de duas ninfas, uma que tangia uma harpa, e outra um arrabilete, e a deosa cantando uma estancia da primeira ecloga de Garcilasso que diz :

Por ti el silencio de la selva umbrosa.»

O gosto da Renascença classica, em quanto entre nós não baniu o romance popular, serviu-se d'essa forma para popularisar as tradições da antiguidade grega e romana. Jorge Ferreira é o unico que nos appresenta alguns romances da historia de Troya; são elles tão parecidos com os do *Cancionero de Anvers*, que suppomos até serem as suas versões em parte aproveitadas da tradição oral, como foram os colligidos por Esteban de Najera. O romance ao casto Scipião sobre a morte de Sophonisba tambem foi romanceado por Juan de la Cueva no *Coro Febeo*; porém a lição de Jorge Ferreira é mais resumida, mais filha da tradição; o mesmo se póde dizer do romance da *Batalha de Pharsalia* do mesmo, comparado com os de Lobo Lasso de la Vega, no seu *Romancero y Tragedias*.

Como poderia um poeta classico considerar a poesia popular senão com desprezo? Soropita, no seu *Prognostico do anno de 1595*, descreve as festas das *Janeiras* e *Reis* de um modo grotesco: «na noute da vespera de janeiro e dos Reis, andarão cantando e tangendo pelas ruas, sem se te-

merem da justiça, por serem noites privilegiadas em que não correm o sino.»—Segundo elle os cantores nocturnos são «villões ruins que essas noites vos perseguem; porque, quando vos não percataes, achael-os á porta com seu pandeirinho civado já do scrão, e com mais sarro na garganta do que as cubas dos frades loios; e com tudo isso, vos põem em estado que forçosamente lhe haveis de louvar aquella musica de agua pé com chocalhada, que toda a noute vos zune nos ouvidos como bizouro, e sobre tudo isto haveis de lhe ofertar os yossos quatro vintens; e quando lh'os entregues, a candeia vos descobre o feitio dos ditos musicos: um mocho com sombreiro, com mais chocas que um corredor de folha, e lança-vos baforada de dentro d'aquellas fornalhas, que parece que toda a vida estiveram de vinho e alhos, como entrecosto de marrã.» (p. 79) Este trecho lança abundante luz sobre essas festas domesticas dos nossos maiores.

A reacção catholica contra o movimento da Reforma atacou barbaramente os cantos populares. Em Portugal não só as *Constituições dos Bispados* o provam, senão até o popular Gil Vicente, que se queixa da grande tristeza em que caíra a alma do pobre povo:

Em Portugal vi eu já  
Em cada casa pandeiro,  
E gaita em cada palheiro;  
E de vinte annos a cá  
Não vi gaita, nem gaiteiro.  
A cada porta um terreiro,  
Cada aldeia dez folias,  
Cada casa atabaqueiro;  
E agora Jeremias  
He nosso tamborileiro.

Isto descobre Gil Vicente na tragi-comedia do *Triumpho do Inverno*, representada em Lisboa no



parto da rainha Dona Catharina. Gil Vicente foi o primeiro que sentiu o tremendo cataclysmo que ameaçava este povo; elle não se cansou de clamar em todos os seus Autos, de desmascarar o inimigo. Mas os presentimentos d'aquella grande alma não tiveram mais valor do que as facecias de um jo-  
gral.

A influencia jesuitica fez-se notar pela proscricção da poesia popular no Brazil. O padre José Anchieta compoz o *Auto da Pregação Universal*, para expungir do templo os Autos populares. <sup>1</sup>

Na vida do padre Simão de Vasconcellos, diz o padre Anchieta, falando das crianças selvagens que educavam: «Espalhavam-se á noite pelas casas de seus parentes a cantar as cantigas pias de José (Anchieta) em propria lingua, contrapostas ás que elles *costumavam* cantar vãs e gentílicas.» <sup>2</sup>

Da poesia popular do Brazil nos seculos XVI e XVII, diz Varnhagem: «Das *modinhas* poucas conhecemos; e essas insignificantes e de epoca incerta, a não ser a bahiana:

Bangué, que será de ti?

glosada por Gregorio de Matos: essa mesma sabemos ser antiga, mas não nos foi possível alcançal-a completa. Não deixaremos de commemorar a do *Vitú*, que crêmos ter o sabor do primeiro seculo da colonisação, o que parece cômprovar-se com ser em todas as provincias do Brazil tão conhecida. Diz assim:

«Vem cá, Vitú! Vem cá, Vitú!  
— Não vou lá, não vou lá, não vou lá —:

<sup>1</sup> Pereira da Silva, *Varões illustres*, t. 1, p. 15 e 16.

<sup>2</sup> Wolf, *Brésil litteraire*, cap. 1, p. 8.

«Que é d'elle o teu camarada ?  
 — Agua do monte o levou.  
 « Não foi agua, não foi nada,  
 Foi cachaça que o matou.

Igualmente antiga nos parece esta modinha paulista :

Mandei fazer um balaio  
 Para botar algodão. 4

Os livros populares da Allemanha foram publicados no bello trabalho de Göerres (*Volksbucher*.) Entre nós nunca se recolheram as formulas symbolicas das jurandas, mas é certo que existiam, como se descobre pelo regimento dos officios na procissão de *Corpus*. (Extrahil-o de J. P. Ribeiro.) Os livros populares portuguezes são quasi todos de origem estrangeira; o *Bertholdo e Bertholdino*, de origem italiana, são para o Meio Dia o mesmo que o *Eulenspiegel* para os camponios allemães. A Reforma restringiu a litteratura popular da Allemanha; no Meio Dia baniu a poesia, amaldiçoou a cantiga do pobre. Basta abriremos as *Constituições dos Bispados*, o *Index do Santo Officio*, para vêrmos como o catholicismo se debateu em tudo contra o receio da emancipação canonica. A novella de *Roberto do Diabo* acha-se condemnada no *Index Expurgatorio* de 1580, bem como a maior parte das comedias dos auctores mais populares, como Gil Vicente e Balthazar Dias, e assim os romances que andavam na tradição da Peninsula, como o do *Mouro Calaynos e todas os tirados da letra da Escriptura*. O odio do catholicismo ao movimento espontaneo da Reforma creou a perseguição dos *Lollards*, e tornou estes povos da Pe-

ninsula sombrios, melancolicos, desconfiados; matou-lhes a poesia, embruteceu-os. Os cantos populares da Peninsula, que o povo repete hoje fragmentados, são todos dos fins do seculo xv. Que seiva de genio n'esse tempo! que differença de sentimento! Comparem-se os romances de *Fonte frida* e *Rosa fresca*, de *Mora Moraina* com as contrafações do gosto popular das eclogas e mesmo dos romances do seculo xvii!

A arte é como a consciencia pura; uma leve falsidade a perturba, e a obriga a trahir-se. O Concilio de Trento imprimiu unidade á Egreja, mas tirou-lhe a espontaneidade do sentimento, que a tinha tornado universal. Christo ficou destronado pelo Papa.

Os livros populares portuguezes de *folha volante*, que se vendiam pelas feiras, na arqueta do belfurineiro, ou no barbante do cego, foram tambem condemnados pelosmeticulosos da censura inquisitorial: « Os vendedores de *Autos e Cartilhas*, não vendam, nem comprem para vender, outros livros sem primeiro os mostrarem ao Revedor: porque algumas pessoas escondidamente tem alguns livros, que elles compram e vendem, sem saber o que ha nos taes livros, e se seguem d'isso inconvenientes: e ha enformação, que nas taes tendas, se acham livros suspectos e perjudiciaes. E os sollicitadores do Santo Officio visitarão algumas vezes os ditos logares e farão saber ao Revedor, os livros que ali se vendem. O mesmo se fará dos *livros que se vendem nas feiras.*»<sup>4</sup>

Quando Garcia de Resende, na *Miscellanea*, fala das varias dansas que se usaram nas cortes de D.

<sup>4</sup> Index de 1581, fol. 41.

Affonso v e D. João II, é já como de uma cousa que passára de moda, como reprovada:

Vimos grandes judarias,  
Judeos, guinolas e touras,  
tambem mouras, mourarias,  
seus bailes, galantarias  
de muitas fermozas mouras :  
sempre nas festas reaes  
s'eram os dias principaes  
festa de mouros avia ;  
tambem festa se fazia  
que non podia ser mais.

Vimos costume bem cham  
nos reys ter esta maneira  
corpo de Deos, Sam Joam  
aver canas, procissam,  
aos domingos carreira,  
cavalgar pela cidade  
com muyta solennidade,  
ver correr, saltar, luctar,  
dançar, caçar, montear  
em seus tempos e hidade.

Como não seriam engraçadas essas danças judengas e mouriscas, das quaes diz um poeta do *Cancioneiro geral* de 1516:

Doçe baylo da Mourisca  
mil sentidos faz perder,  
e la mete huma lal trisca  
que é muy má de guarecer. 4

Esses jogos que se usavam na corte de Affonso v e Dom João II, que o Coudel Mór tanto recomendava a seu sobrinho Garcia de Mello de Serpa para saber tratar no paço, foram banidos mais tarde pela influencia monastica, ficando os serões da corte uma cousa sorumbatica, como d'isso se queixa o bom Sá de Miranda. Eis os jogos e pas-satempos que Fernão da Silveira ennumera:

Item manha de louvar  
he jugar bem o « malham, »

c o « jogo do piam »  
 favor se lhe deve dar.  
 Nem sey porque mays vos gabe  
 ser gram pescador de « vasa ; »  
 mas « jogar a abadalassa »  
 em qualquer galante cabe.

Saber bem a « pega-chuna , »  
 e o « cubre bem jogar , »  
 sam duas para medrar  
 galante contra fortuna.  
 Nem saberia a hum fylho  
 escolher mylhor conselho,  
 se nam que jogo-o « fylho , »  
 « jaldeta, canca, sarilho. » 1

Estes jogos passaram da corte para o povo ; o mesmo succedeu com as antigas festas do Espírito-Santo. Costa e Silva diz dos jogos que apontámos : « sam propriedade exclusiva dos garotos, dos rapazes e dos frequentadores das tabernas e das hortas de Chelas e de Arroios. »

Camões na comedia de *Philodemo*, em uma rubrica, cita varios instrumentos musicos das serenadas : « N'este passo se dá a musica com todos quatro, um tange *guitarra*, outro *pentem*, outro *te-lhinha*, outro *canta cantigas muito velhas...* » 2

Dos instrumentos musicos usados no seculo XVII, fala D. Francisco Manoel de Mello, no *Fidalgo Aprendiz* :

MESTRE. Ha em casa algum « laúde ? »  
 AFFONSO. Não ha mais que um « birimbao. »  
 MESTRE. « Violas ? »  
 AFFONSO. Sim, achareis  
 Na botica. « Arpa ? »  
 MESTRE. « Arpa ? » De couro.  
 AFFONSO. Nem um « sestro ? »  
 AFFONSO. Um sestro agouro.  
 MESTRE. Nem sequer dois « cascaveis ? »

1 Canc. fol. 20.

2 Acto V, scena II.

N'esta comedia allude tambem ás danças então usadas :

GIL. Pois Mestre, que mais sabeis ?  
 MESTRE. Uma « Alta, » um « Pé de xibao, »  
 « Galharda, Pavana rica, »  
 E n'estas novas mudanças ;  
 GIL. Tende que isso não são dansas  
 Se não cousas de botica.  
 Sabeis o « Sapateado ? »  
 O « Terollero ? » o « Villão ? »  
 O « Mochachim ? »  
 MESTRE. Senhor, não.  
 GIL. Pois sois Mestre mui minguado. 1

Além da escola italiana e do Santo Officio, as influencias da corte tambem combateram a poesia popular portugueza. No tempo de Dom Manoel os romances hespanhoes eram de preferencia estimados em Portugal; Damião de Goes queixava-se da importancia que os *chocarreiros* castelhanos gosavam na corte portugueza. El-rei queria aliviar as saudades da filha de Fernando e Isabel com os cantares da sua patria. A *letra castelhana* era só ouvida, como diz D. Francisco Manoel; os ouvidos portuguezes estavam aforados por essas trovas, como os accusa Jorge Ferreira. Os belfurinhos portuguezes, que iam ás cidades de Hespanha vender os productos do Oriente, tambem traziam de lá boa copia d'esses romances. Assim, ao cultismo da escola italiana, á pressão do Santo Officio depois da Reforma, accresceu mais esta causa que não deixou florir o romance popular portuguez, e lhe imprimiu feições que lhe não eram naturaes.

No *Romancero Generale*, vem um romance cujo heroe é um apaixonado portuguez victima de uma intriga amorosa ; por elle se descobrem os nossos

costumes antigos. No seculo XVI, os feirantes portuguezes iam levar pelas cidades de Hespanha os productos orientaes. Um d'esses, em um logar da Mancha, namorou uma mulher casada :

Alabábase su tierra,  
Su nacion, su fidalguia,  
Su musica, sus regalos,  
Su espada en Africa limpia,  
Prometiendole en efecto  
Las especies de las Indias,  
Los olores de Lisboa,  
Y los barros de la China.

De uma vez foi tocar-lhe uma serenada, cantando-lhe *em portuguez* este romance do Cid :

—Afora, afora Rodrigo,  
El soberbo castejano,  
Acordar-se-te deveras  
D'aquelle tempo já passado,  
Quando te armei cavalleiro  
No altar de Santiago :  
Minha mãe te deu las armas,  
Miño pae te deu el caballo, etc.

Este romance tambem se encontra citado por Camões. Continuando a historia, o vendilhão entrou em casa da dama; dentro estava escondido o marido e alguns amigos que correram a pau o aventureiro galanteador. Esta classe de feirantes desapareceu quando perdemos as nossas conquistas. N'este mesmo romance se encontra um *cantarcillo* em portuguez, que desapareceu da tradição oral, e que talvez se refira ao tempo de D. João I :

Pois que Madanella  
Remediou meu mal,  
Viva Portugal  
E morra Castella.  
Seja amor testigo  
De tamanho bem ;  
Não chegue ninguém  
A zombar commigo.  
Que a espada é rodela,  
A forneira sal :  
«Viva Portugal  
•E morra Castella.

Se o *Romanceiro hespanhol* é mais extenso e antigo do que o portuguez deve-se isso á curiosidade dos livreiros de Saragoça, de Anvers, e de Sevilha, e não á esterilidade do genio do nosso povo. Se agrupassemos as innumeradas allusões aos romances populares que se encontram nos quinhentistas, recomporíamos o Romanceiro portuguez e veríamos que não sômos menos ricos do que os nossos visinhos. Eis algumas citações passageiras, deixando de apontar muitas que ficaram já na *Historia da poesia popular portugueza* :

Quando o Conde de Marialva se queixou a Dom João III da affronta do Marquez de Torres Novas, que se declarou marido da filha Dona Guiomar, Frei Luiz de Sousa põe-lhe na bocca as seguintes palavras : « Não fizeram verdadeiramente mais affronta que esta os *Infantes de Carrion* ás filhas do Cid Ruy Dias, com quem eram casados. Porque se as deixaram no campo desamparadas, eram seus maridos ; tomavam vingança de sy, e de sua honra propria, da qual podiam usar bem ou mal, como cada um faz do seu. » <sup>1</sup>

O poema de *Alexandre*, tão popular na Europa da idade media, tem origens orientaes ; conheceram-nas em Portugal por influencia das nossas relações maritimas com o Oriente. Em uma carta que Luiz Falcão escreveu de Ormuz a D. João de Castro, em 1546, vem citada uma *estorya de Allyxandre* : « Alleyxes de carualho me dixeu da parte de vosa s. que lhe moadase *allyxandre* hem persyo : lla lho moadado, haindaque has escreturas destes mouros, tenho-as por menos autemtes que has nosas. Nese llyvro vam houtras *estoryas* ha-

<sup>1</sup> Annaes de Dom João III, por Fr. Luiz de Sousa, publicados pelo sr. Herculano, cap. VIII, p. 35.



fóra has *d'allyxandre*, has quays me parece que follguará mays com ellas etc.» A esta mesma historia allude uma carta de Garcia de la Penha : «Aleyxes carvalho pedio qua a el-rey e goazil hemires hum livro da *ystoria dalyxandre*. Com muyto trabalho acharão hum, que lhe mandão.» Este livro, por outra allusão d'esta carta, se conhece que era novella ou tradição cavalheiresca : «Peço a vosa s. que ho livro, e a mim com ele, queyra aver por seus com aquela vomtade e desejo, que noso senhor sabe que lho eu ofreço, cujo estado he castidade, acompanhada de tantas virtudes, como dizem que está.» <sup>1</sup> A virtude da castidade era característica dos heroes cavalheirescos, como se vê no *Galaaz*; os heroes eram quasi sempre *parthenios* ou filhos de virgens.

Camões nas suas obras allude a muitos romances cavalheirescos. Na Carta II, <sup>2</sup> vem o verso *Afuera, afuera Rodrigo*, que é o principio do romance xxvi do *Romancero do Cid*, da edição de Lisboa de 1605, (p. 42) que se intitula : *De como se queixa Doña Urraca al Cid por la embaxada que trae del Rey Don Sancho*. O verso :

Afuera, afuera Rodrigo

encontra-se em outros romances, como no xxv; e o verso :

El sobervio castellano,

que forma com o antecedente o estribilho popular, tambem se lê no v romance.

1. Vida de D. João de Castro, publicada por Fr. Francisco de S. Luiz, Doc. 60, 61, pag. 509. Lisboa, 1835.

2. Pag. 361 das Rimas, edição de Franco Barreto, 1666.

Camões allude a outro romance do Cid na primeira Carta escripta da India, citando os dois versos :

Riberas de Duero arriba  
Cavalgaran Çamoranos ; 1

Na Comedia de *El rei Seleuco*, cita o romance do *Mouro Calaynos*, prohibido pelo *Index Expurgatorio* de 1624, nos versos :

Ya cavalga Calaynos  
A la sombra de una oliva. 2

Nos *Disparates da India* cita os primeiros dois versos do romance do Cativo, tal como principia no *Cancionero de Romances*, de Anvers :

Mi padre era de Ronda,  
Mi madre de l'Antequera, etc. 3

Na Comedia de *Philodemo*, allude Camões ao romance de *Bernardo del Carpio*, nos versos :

Mi cama son duras peñas,  
Mi dormir siempre es velar.  
.....  
Su comer las carnes crudas,  
Su beber la viva sangre. 4

1 Romance xxii da colleção de Escobar, ed. de 1605, pag. 46, v.

2 Rimas, p. 173, ed. 1666.

3 Idem. p. 284.

4 Comedias p. 349. Estes versos são um fragmento do velho romance que vem no Cancioneiro de Anvers :

Mis arreos son las armas  
Mi descanso es pelear.  
Mi cama las duras peñas,  
Mi dormir siempre velar.  
Las manidas son oscuras,  
Los caminos por usar,  
El cielo con sus mudanzas  
Ha por bien de me dañar,  
Andando de sierra en sierra  
Por as illas de la mar,  
Por probar si en mi ventura  
Hay lugar donde avadar ;  
Pero por vos mi señora  
Todo se hade comportar.

A romances e cantigas desconhecidas allude nos versos da comedia d'*El-rei Seleuco* :

Ouviste vós cantar já:  
Velho malo em minha cama ?

e n'esta passagem :

Dizei, porque não dissestes :  
La que yo vi por mi mal.

No prologo d'esta mesma comedia Camões lembra uma cantiga desconhecida : «e tras ellas vem logo outo mundanos metidos em um covão, cantando :

Quem os amores tem em Cintra. » 1

Bem como esta cantiga popular, de que se recorda:

Meu bem e meu mal  
Lutaram um dia ;  
Meu bem era tal  
Que o mal o vencia.

Camões glosou uma velha cantiga que começa:

De pequena tomei amor, 2

1 El-rei Seleuco, p. 453 da Segunda parte das Rimas.

2 Obras, p. 316, ed. 1666.

xxxvj

talvez a mesma a que allude Gil Vicente na Comedia de *Rubena*, que principia:

De pequena matais (tomais ?) amor.

Todos estes factos revelam o profundo sentimento da alma popular que possuia Camões.

No tempo em que os romances da tradição oral foram glosados pelos poetas cultos, como o declara a *Poetica* de Rengifo, <sup>1</sup> em Portugal soffreram tambem egual modificação. Bernardim Ribeiro glosou o celebre romance de *Durandarte*, desde o verso:

Oh Belerma, oh Belerma. 2

Na *Chronica de Dom Sebastião*, de Frei Bernardo da Cruz, vem citado o romance de *Don Rodrigo*:

Ayer fuiste rey de España ;  
Hoy no tienes un castillo. 3

Os romances dos *Sete Infantes de Lara* acham-se citados por Gil Vicente nos versos iniciaes :

Em Paris está Dona Alda, etc.  
Los hijos de Dona Sancha, etc.  
Mal me quieren en Castilla, etc.

<sup>1</sup> *Poetica española*, de 1592 ; cap. xxxviii.

<sup>2</sup> Obras de Bernardim Ribeiro, p. 356, ed. 1852. Este romance acha-se na sua integra na « Floresta de Varios, » de 1642.

<sup>3</sup> Ochoa, « Tesoro de los Romanceros » aonde se lê a pag. 86.

bem como o celebre romance da *Bella mal marrieda*, que no *Cancioneiro geral* de 1516 vem referido em uma trova de Nuno Pereira contra D. Leonor da Sylva. Assim como os romances hespanhoes eram conhecidos em Portugal, tambem muitos successos da historia portugueza foram romançados pelos autores hespanhoes; ha porém cantigas populares castelhanas a successos particulares, como aquella canção que se refere aos amores de Dom Fernando I: « el rey Don Fernando de Portugal e la muger de Juan Lorenzo de Acuña, que este rey Don Fernando le tomó por amores que della ovo; é por esta se levantó la cancion que dice:

Ay, donas ! porque tristura ?

y por esta causa el dicho Juan Lorenzo traía unos cuernos de oro en la cabeça por estes reynos de Castilla; y el rey Don Fernando de Portugal casó con ella, fué llamada la reyna doña Isabel, que la deçian *la flor de altura.*» <sup>1</sup>

Dom Francisco Manoel de Mello, além de ter escripto varios romances mouriscos, cita os mais celebres, como o de *Dragut*:

Se ha dez annos que amarrado  
Qual forçado de Dragut. <sup>2</sup>

No romance **xxii** da *Citara de Erato*, allude ao romance de *Gaifeyros* nos versos:

Perguntad allà en la Corte  
Por la virtud, y os diran:  
« Si is a Francia el cavallero  
Por Gayfeiros preguntad. » <sup>3</sup>

<sup>1</sup> « Compendio historial » de Llaguno y Amirola, ap. Amador de los Rios, Hist. critica de la litteratura hespanola, t. vii, p. 437, not. 2.

<sup>2</sup> Obr. t. ii, 215.

<sup>3</sup> Obras metr. t. ii, p. 97.

xxxviii

e ao romance do Mouro Zaide :

Trago a roxo lá do Minho  
Mais prisões que um mouro Zaide. 1

Mais loução que Don Reynaldos. 2

Na *Avena de Tersicore*, traz uma parodia da  
*Bella mal maridada* :

Biudilha mal maridada, etc. 3

Dom Francisco Manoel de Mello cultivou com predilecção a forma do romance tal como se usava no seculo XVII ; no primeiro côro das suas *Tres Musas de Melodino*, imita os romancés mouresco, usados pelos cultistas castelhanos. O romance de Aben-Humea começa :

Ya por la puerta de Elvira  
Saliendo va de Granada  
Aben-Humea, el quexoso  
De su rey, e de su dama.

Canta tambem o romance de Celidaja :

Texiende está Celidaya,  
La hermosa hija del Rey,  
Zambros de sus bellas Moras  
Una tarde en su vergel.

Traz tambem o romance de Ali-Aben, e de Xacen y Belaja. Não os transcrevemos na *Floresta* por serem todos em hespanhol. Na segunda jornada do *Fidalgo Aprendiz*, Dom Francisco Manoel de Mello faz-nos a historia do romance no seculo XVII, nas allusões da seguinte scena :

1 Canfonha d'Eut. p. 99.

2 Íd. p. 116.

3 Pag. 71.

- Brites. Entoay por meu prazer  
qualquer cousa.
- GIL. Sem guitarra?
- Brites. Eylla tomay. (Dá-lhe uma viola, tange como quem quer cantar.)
- GIL. (Pois que não posso al fazer.)
- Brites. Ay que canta, e não escarra!
- GIL. Ora eylo vay :  
(Canta Dom Gil o melhor que pode o que se segue :)
- Brites. « Passeava-se Silvana  
por um corredor um dia... »  
Ay Senhor? eu não queria  
Senão letra castelhana.
- GIL. Cantarey algaravia  
se mandais, pois que quereis?
- Brites. Huma letra nova quero.
- GIL. (Canta :)
- Brites. « A cazar vá Cavallero... »  
Ay mãy ! assinte o fazeis?  
por isso eu me desespero.
- GIL. Ora estay, que já entendo  
quereis Romances trovados :  
« Mis amorosos cuidados,  
Como se estaran durmendo. »
- Brites. Isto foram meus peccados !  
Vos cuido que estaes zombando.  
Ora dizei.
- GIL. Já me estanco :  
« Gavião, gavião branco  
Vae ferido e vae voando. »
- Brites. Huy pelo passar o manco  
Sabeis alguma ao Divino?
- GIL. Sey.
- Brites. Dizei.
- GIL. Pois é formosa :  
« Andorinha gloriosa. »
- Brites. Tendes cousas de menino.
- GIL. Sou todo Amor, minha rosa. †

Bem se queixava Pedro de Flores, um dos editores do *Romancero generale* de 1594, e a perros se déra se visse como este malvado de Dom Gil Alcoforado estropiava os romances populares e os deixava incompletos :

« Y hize que de un discurso.  
Se visse principio y cabo,  
Lo que el musico no haze,  
Pues medio desbarado

† Obras metricas de Dom Francisco Manoel, p. 247 — 8, t. II, Viola de Thalia. Leon de Francia, 1666.

Dexa un romance perdido  
 Deciendo que le da enfado :  
 Los quales conforme a la ley  
 Merecen ser desterrados  
 A las islas de Corfú  
 A cantar versos mosaycos  
 Y de tan alto auditorio  
 Uvieran de ser echados  
 Por quebrantadores de honras  
 De aquellos siglos dorados.\*

Na citação de Dom Francisco Manoel de Mello está resumida a historia do romance ; confirma-o Pedro de Flores. *O Fidalgo Aprendiz* é uma formosa comedia de costumes, pelo gosto da velha eschola de Gil Vicente ; é uma satyra aos *parvenus* do seculo XVII. Eis o caso : Dom Gil Cogominho é o nome de

um escudeiro  
 Enfronhado em Cavalleiro  
 Morto por ser namorado,  
 Contrabaxo e trovador  
 Cavalleiro, dançador :  
 Emfim Fidalgo acabado,  
 Valentão e caçador. 1

Afonso Mendes, seu ayo, vestido á *portugueza antiga*, tem uma comadre :

Mulher para muita aquella,  
 Anda armando-lhe esparrella  
 Com uma filha bonitinha,  
 Que eu fico que caia nella.

E' pois n'uma d'estas situações, quando Dom Gil Cogominho vae conversar de noite com Brites, filha da tal comadre Isabel, que se passa a scena que transcrevêmos. Brites pergunta-lhe se elle é poeta, se canta, que voz tem? Depois pede-lhe que cante qualquer cousa. O Fidalgo escusa-se

\* Primeira jornada, p. 459.



por não ter guitarra. N'este tempo os romances, que iam tomando forma culta, eram sempre cantados a instrumento. Muitos dos romances populares do seculo XVI, já então considerados *velhos*, foram postos em musica e publicados por Milan, Pisador, Valderrabano, Fuenllana, Mudarra e Salinas. A Dom João III, em 1535, offereceu Luiz de Milan um *Libro de Musica*, em que vinham notados em musica: *Mis arreos son las armas* etc., *Sospiraste* etc. e *Baldovinos*.

Jorge Ferreira, nos romances que traz no *Memorial das Proezas dos Cavalleiros da Tavola Redonda*, accrescenta sempre a rubrica: « Cantavam a violas de arco e doçayna mui concertadamente o romance, *que eram os cantos que então mais se usavam.* » <sup>4</sup> Isto era assim ainda no tempo de Dom Sebastião, porque o Fidalgo dá-se como contemporaneo do monarcha :

Sey o açougue no Rocio,  
Os Estaus na Inquisição,  
Vi el-Rey Dom Sebastião.

Dom Gil Cogominho a final, a instancias de Bristes, venceu a repugnancia e começa a cantar o velho e popularissimo romance da *Dona Silvana*, que a rapariga já não quer ouvir, talvez para mostrar que não é de baixa extração. Pede-lhe porém que cante *letra castelhana*. De facto, depois do casamento de el-rei Dom Manoel com a filha de Fernando e Isabel, o romance popular começou a cantar-se em hespanhol. Gil Vicente compoz os seus mais bellos n'essa lingua. Damião de Goes queixa-se da importancia que tinham na corte os

<sup>4</sup> Edição de 1867, p. 245.

chocarreiros de Castella; <sup>1</sup> e Jorge Ferreira diz que as trovas castelhanas se tem aforado connosco e tomadô posse do nosso ouvido. <sup>2</sup> O gosto dos romances na corte era uma imitação dos usos hespanhoes, do que diz o citado Jorge Ferreira, falando dos romances: «o que em Hespanha se usou muito, e usar-se agora para estímulo de imitação não fora máo.» <sup>3</sup> Continuemos na exposição da comedia: Brites era quesilenta e recusa-se a ouvir o romance de *Sylvana*, a que o Fidalgo chama *cantar algaravia*. Pede *letra castellana*, e Cogominho começa-lhe a cantar o vetustissimo romance da *Infantina*, que começa:

A caçar vá el cavallero. 4

A travessa rapariga continua a enfrenesiar-se; o Fidalgo procura agradar-lhe, dá-se a pratos para adivinhar-lhe o desejo. Pergunta se ella quer *romances trovados*? Que seriam estes romances trovados? Rengifo, na *Poetica española*, diz que não havia muito tempo que os poetas tinham começado a glosar romances velhos, metendo cada dois versos na segunda das redondilhas. Esta transformação foi recebida agradavelmente pela sociedade elegante do seculo xvii. <sup>5</sup>

Nos poetas portuguezes de quinhentos encontramos signaes d'estas transformações. Sá de Miranda allude á *Bella mal maridada*, <sup>6</sup> em duas voltas ou

<sup>1</sup> Chr. de D. Manoel, Parte iv, c. 84.

<sup>2</sup> Historia da Poesia popular portugueza, p. 23

<sup>3</sup> Id. pag. 137.

<sup>4</sup> Romanceiro gera' portuguez, p. 26—28.

<sup>5</sup> «No ha muchos años, que comenzaron nuestros Poetas a glosar «Romances viejos,» metiendo cada dos versos en la segunda de las Redondillas. Y han sido tan bien recibidas estas cosas, que los han dado los musicos muchas sonadas, y se cantan y oien con particular gusto.» *Poetica española*, cap. xxxviii, Salamanca, 1592.

<sup>6</sup> Obras, p. 312, edição de Lisboa de 1677,

glosas ; Gil Vicente cita muitas vezes este romance celebre da tradição oral :

Cantarle han por alvorada  
« La bella mal maridada  
Mal goso viste de ti. 4

D'este romance centenas de vezes glosado, e parodiado por D. Francisco Manoel de Mello na *Avena de Tersicore* <sup>2</sup>, canta Gregorio Silvestre a sorte desditosa nas mãos dos poetas :

O Bella mal maridada,  
A que maños has venido !  
Mal casada e mal « glosada »  
De los poetas tratada  
Peor que de tu marido :  
Si ello va por mas errar  
Y a vós os agrada assi,  
Ventaja hago yo aqui :  
Assi que por mal glosar,  
Vida no dejeis a mi. 3

Gregorio Silvestre falava contra os poetas cultos, que procuravam introduzir na Peninsula a eschola italiana. A forma poetica que apontamos era o que Dom Francisco Manoel chamava o *romance trovado*. Quando Brites pediu um d'este genero a Dom Gil, elle não atinou e deu-lhe umas coplas no gosto poetico da corte de Dom João II ; depois canta a seguidilha do *Gavião branco* ; afinal Brites pergunta-lhe se elle sabe alguma *trova ao divino*. Esta é tambem uma transformação do romance anonymo. Quando Lope de Vega começou a introduzir uma fôrma litteraria no romance, poz em verso quasi todos os passos da Paixão. Este genero pertence aos romances sacros. Sepulveda, nos *Romances sacados de varias historias*, tambem

1 Obras, t. III, p. 294, e outros logares.

2 Obras metricas, ed. de Leon de Francia de 1665, p. 71.

3 Tesoro de los Romanceros, p. 359.

descreve a Paixão ; com esta tendencia se iam romanceando quasi todas as scenas da Escriptura. O grande uso e predilecção do genero sacro se nota pela prohibição expressa que d'elle faz o *Index expurgatorio* de 1624 : prohibe o romance que começa :

Com rabia está el Rey David.

« *E todos os mais Romances ou contos tirados do Testamento Velho, ou Novo ao pé da letra.* » — Prohibe mais : « *Romances sacados da letra del Evangelio. El primeiro La resurreiçõ de Lazaro. — El segundo El juizio de Salomão.* » <sup>1</sup> A celebre xacara de Quevedo, conhecida com o titulo de *Escarraman*, tambem andava convertida ao divino.

<sup>1</sup> *Index scriptorum damnatae memoriae*, p. 175. Transcrevemos para amostra do genero este bello romance de Gil Vicente :

#### OS CATIVOS DO PECCADO

Voces daban prisioneros,  
 Luengo tiempo estan llorando,  
 En el triste cárcel oscuro  
 Padeciendo y suspirando,  
 Con palabras dolorosas  
 Sus prisiones quebrantando :  
 — Que es de tí, Virgen y Madre,  
 Que á tí estamos esperando ?  
 Despierta el Señor del mundo,  
 No estemos mas penando. —  
 Oyendo sus voces tristes,  
 La Virgen estaba orando  
 Cuando vino la embajada  
 Por el ángel saludando :  
 « Ave rosa gracia plena, »  
 Su preñez anunciando.  
 Suelta los encarcelados,  
 Que por tí estan suspirando ;  
 Por la muerte de tu hijo  
 A' su padre estan rogando.  
 Cresca el nino glorioso,  
 Que la cruz está esperando.  
 Su muerte será cuchillo,  
 Tu anima trespasando.  
 Sufre su muerte, Señora,  
 Nuestra vida deseando.

Obras t. 1, p. 233.

Eis até aqui os factos que se deduzem da scena extractada do *Fidalgo Aprendiz*. Dom Francisco Manoel de Mello não allude ao exagerado gosto dos romances mouriscos, que prevaleceu no seculo XVII, se é que não significa isso a phrase — *cantar algaravia*. Outra transformação do romance popular foi a nova forma poetica, a que se chamou *Xacara*, antiga composição popular que Don Francisco de Quevedo tanto vulgarisou, e que o nosso Dom Francisco Manoel imitou tambem.

O gosto popular no seculo XVII soffreu uma grande transformação; os romances iam passando de moda. Diz Quevedo:

Ya passó Dona Ximena,  
Y fallecio Lain Calvo. 1

E do velho romance do *Conde Claros* diz:

El Conde Claros, que fue  
Titulo de las guitarras  
Se quedó en las barberias  
Con chaconas de la galla. 2

O velho romance do *Conde Claros*, recolhido da tradição para o *Cancionero de Anvers*, estava já bandido; uma transformação profunda se operava no gosto publico. Os romances mouriscos occupavam a attenção e o enthusiasmo. «O espirito da moda influiu muito na voga que tiveram, e na cansada monotonia que impoz a muitos a necessidade de os repetir para accomodar-se ao gosto publico e fastio da epoca.»<sup>3</sup> Fernando Wolf é de opinião que estes romances não têm o character arabe, e o

1 Musa VI, p. 464. ed. de Lisboa de 1652.

2 Musa VI, p. 455.

3 «Romancero generale», prologo, p. xiv, t. 1 (Collec. Ribadaneira t. X.)

proprio assumpto que celebram revela a sua origem moderna. Mas é impossivel desconhecer a existencia de uma poesia da raça *mosarabe*, producto da fusão do baixo povo godo com os arabes invasores. Assim como hoje se vê que d'esta transformação social saiu um direito novo, os Foraes, <sup>1</sup> longo tempo attribuidos a origem romana, qual seria a poesia d'essas relações intimas, cantada na lingua, que o baixo povo chamava de *Aravias*? Sobre esta poesia pesou o mesmo desprezo, que o Marquez de Santillana descarregou sobre os velhos romances vulgares; mas no *Cancionero generale* de Hernando de Castillo se descobre um apagado vestigio do romance *mosarabe*, em que se vê o retrato da coexistencia dos dois povos: é o romance da *Mora Moraina*, a cuja porta vêm um christão falar-lhe *algaravias*, para a enganar. Este romance ainda se encontra na tradição oral dos Açores e Beira, transformado segundo os usos da sociedade moderna. <sup>2</sup> O povo arabe teve uma poesia vulgar, sem o tom lyrico e artificial dos poetas cultos. O Arcipreste de Hita fala dos *«instrumentos en que convienen los cantares de arabico*, e cita um velho cantar que principia: *Caguil hallaco*. Diz mais: *arabigo no quiere biuela d'arco*. <sup>3</sup> Argote y de Molina, o mais atilado critico dos velhos escriptores hespanhoes, como o qualifica Ticknor, fala das *zambras* arabes, com que se celebravam os feitos publicos. <sup>4</sup> N'este periodo o romance *mosarabe* é commum a Portugal e Hespanha; a sua vulgarisação, segundo Duran, data do seculo XIV.

Porém quando os arabes começam a abandonar

<sup>1</sup> Historia do Direito portuguez, cap. I e IV.

<sup>2</sup> Vid. Cantos populares do Archipelago açoriano.

<sup>3</sup> Citações dos annotadores de Ticknor, ao cap. VII.

<sup>4</sup> Conde de Lucanor, de 1642, fol. 128.

o territorio da Peninsula, as saudades d'este paiz encantador e a vergonha da derrota inspira-lhes os cantares da despedida. N'este momento os chamados *romances mouriscos*, tem um nascimento espontaneo, sem artificio. Em 1575, Argote y de Molina fala d'esses «cantares lastimeros, que oimos cantar a los Moriscos del Reyno de Granada, sobre la perdida de su tierra a manera de endexas...» E cita o cantar:

Alhambra amorosa, lloran tus castillos  
o Muley Vuabdeli, que se ven perdidos  
dadme mi cavallo, y my blanca adarga  
para pelear, y ganar la Alhambra.  
Dadme mi cavallo, y mi adarga açul  
para pelear, y librar mis hijos:  
Guadix tiene mis hijos, Gibraltar mi muger  
senora Mafalta, hezisteme perder  
en Guadix mis hijos, y yo en Gibraltar  
senora Mafalta, hezisteme errar. 1

Além de muitos outros documentos que provam a existencia de uma poesia popular entre os arabes da Hespanha, ainda modernamente se ouvem cantares allusivos a Cordova e Granada, repetidos pelo povo em Tanger, Tetuão, Arzilla e em outros pontos do norte da Africa. 2

E' da imitação d'estes cantares, que datam os romances granadinos dos poetas cultos. Depois da conquista de Granada, os arabes que acceitaram o jugo de Fernando e Isabel, continuaram os seus queixumes; aquelles cantos tinham um accento novo, um colorido exagerado,\* uma paixão de arrebatamento. Assim seduziram a imaginação dos poetas; alguns d'esses cantos chegaram a entrar na corrente da tradição oral, como este recolhido na Serrania de Ronda:

1 Conde de Lucanor, fl. 129, v.

2 Opinião dos snrs. D. Pascual de Gayangos e D. Henrique Vedia nos *Commentarios a Ticknor*, cap. vii.

Por las puertas de Celinda  
 Galan se passea Zaido,  
 Aguardando que saliera  
 Celindo para hablalle. 1

O fervor dos romances *mouriscos* cultos data do fim seculo XVI a XVII; são como uma recordação gloriosa dos triumphos dos filhos de Hespanha; já não tem a quem combater, criam phantasmas na imaginação, com que se distraem. E' esta a opinião do sabio Duran, quando diz: «Logo que os nossos cavalleiros e poetas viram o paiz livre de seus contrarios para de logo se apoderaram das recordações que tinham deixado, de modo que ao ler os cantos d'aquelle tempo todos creriam que os mouros ainda occupavam a Hespanha.» — «De facto antes da conquista de Granada, e talvez alguns annos depois, se acham poucos romances mouriscos novellescos, que tenham vestigios sensiveis da poesia arabe.»<sup>2</sup> Os romances mouriscos tem poucas referencias a personagens historicos; umas vezes é um mouro, *Galvan*, que tem uma cativa christan, *Moriana*, com quem está jogando no seu jardim, e a cada jogo que perde, perde um castello ou cidade; o mouro *Bucar* resolve questões de amor; as aventuras e odios dos *Zegries* e *Abencerrages*, dos *Gomeles* e dos *Aliatares*, são o thema constante, bordado pela imaginação hespanhola. Cada personagem ideal forma um cyclo de aventuras, como *Zaide*, *Abenumeya*, *Tarfe*, *Abindarraez*, *Zegri*, *Zulema*, *Azarque*, *Arbolan*, e isto milhões de vezes romanceado até ao fastio e em formas já convencionaes, como a do verso:

Mira Zaide que te aviso.

1 Duran, «Romancero generale», t. I, p. 26, n.º 54.

2 Duran, Romancero, t. I, p. x, not. 8.



Por seu turno veiu a reacção contra o gosto dos *romances mouriscos*; começou-se por parodias burlescas. No *Romancero general* de Flores, já apparecem algumas amargas censuras contra a mania dos nomes mouriscos :

Tanta Zaida y Adalifa,  
Tanta Draguta e Daraja,  
Tanto Azarque e tanto Adulce,  
Tanto Gazul e Abenámar.  
.....  
Renegaron de su ley  
Los romancistas de España  
Y offercieron a Mahoma  
Las primicias de sus gracias.  
Dejaron los graves hechos  
De su vencedora patria,  
Y mendigan de la ajena  
Invenciones e patrañas.  
Los Ordoños, los Bermudos  
Las Rasuras y Mudarras,  
Los Alfonsos, los Euricos,  
Los Sanchos y los de Lara,  
Que es de ellos? y que es del Cid?  
Tanto olvido á gloria tanta.

Gongora tambem fez *romances mouriscos*, principalmente do cyclo turquesco, mas de um gosto bello e admiravel; cedo veiu a conhecer o enfado que já causavam os poetas granadinos, e elle proprio os ridicularizou em um romance. Os romances d'este genero, compostos por Dom Francisco Manoel de Mello e por Francisco Rodrigues Lobo, não appresentam o minimo merecimento; são em hespanhol, em um estylo cansado, e sem o esplendor da paixão oriental que os poetas hespanhoes imprimiram ás suas contrafações. Não vale apresentar especimen de composições taes; apenas servem para mostrar que o contagio litterario tambem chegou até Portugal. Do meado do seculo XVII por diante, os romances *mouriscos* perderam-se em um subjectivismo e requinte que lhes tirou o character. Foi então quando os ro-

mances se tornaram *pastoris*, sendo os heroes arabes substituidos pelos Belardos, Filis, e pelas aventuras dos rufões dos beccos, ou *xaques*. A *xacara* era o nome dado aos romances que celebravam esses feitos dos meliantes; os nossos *Fados* populares podem-se considerar como restos das *xacarandinas* do seculo XVII, a que D. Francisco de Quevedo imprimiu uma forma litteraria. <sup>1</sup>

Do que fosse este genero de poesia, procura o commentador na propria palavra *xacara*: «Y si bien à la primera noticia, que de si prometen con el nombre, parece peligra la estimacion.» Da linguagem formada pela gentalha, vadios, rufões, goliardos e maninellos, que se chama *giriá*, e em hespanhol *geringonça* ou linguagem particular dos Ciganos, e *jargon* no francez, e tambem *germania*, se formou esta especie de poesia. Os mesmos vadios se chamam entre si *xaques*: «Pero como quiera que elo fuese, denominacion dieron infallible à las *xacaras* ò *xacarandinas* aquellos *xaques* mismos? y con legitima razon, pues de sus acontecimientos y penalidades continuas son annales las relaciones que ali se repiten: y nuestro Poeta (Quevedo) historiador suyo, ò verdadero, ò fingido, singularmente de adequado spiritu.» <sup>2</sup> A' vista d'esta simples noticia e da leitura de Quevedo, é facil de ver em que a *xacara* consistia: eram as aventuras dos goliardos, a forma antiga do *Fado*, uma historia longa das suas falcatruas. Na *xacara* de Escarraman, ha cartas entre Escarraman e Mendez, cartas entre Peralta e Lampuga. D'onde veiu D. Francisco Manoel dizer: «Começaram um dialogo

<sup>1</sup> Sobre a existencia das «xacaras» populares diz o seu annotador: «Muchas xacaras rudas y desabridas le avian precedido entre la tropeça del vulgo: pero las ingeniosas, y de donayrosa propiedad y capricho el fue el primero descubridor sin duda.» Musa V, p. 221, edic. de Lisboa de 1652.

<sup>2</sup> Edição de Madrid, 1724, pag. 248.

á maneira de *xacara*,» isto é, na linguagem *giriante* em que os *xaques* faziam as relações de seus desastres e aventuras divertidas, que era na *xacarandina*. A *xacara*, como quasi toda a poesia popular, era acompanhada de musica.

Do meiado do seculo XVI por diante começaram os romances populares a receber uma fórma artistica, a tornarem-se descriptivos e lyricos. Fuentes, Timoneda, Sepulveda, Lasso de la Vega os foram tornando subjectivos. As *xacaras* populares receberam tambem de Quevedo esta mesma influencia artistica, que se resentiu em Portugal, por isso que o *Index Expurgatorio* de 1624 prohibe a leitura do romance de *Escarraman*, e de todos os que sobre elle se fizeram. Dom Francisco Manuel de Mello initou o gosto das *xacaras* nos seus romances *entretenidos*. Alguem teve a ridicula lembrança de dar á *xacara* uma origem mourisca. Em que se fundariam para tal? Talvez no radical *xaque*, que quer dizer traidor. A *xacara* á força de exagerar o natural tornava-se grosseira; o metro seguia uma tendencia artificiosa que lhe tirava a vulgarisação popular.

Nos fins do seculo XVII a mania dos romances continuava; os frades escreviam-nos pelos mosteiros sobre assumptos pastoris; outros de longe em longe se lembravam do *Cid* e de *Durandarte*. Assim o diz um poeta coevo, Antonio Peixoto de Magalhães:

Algun sem que descanso  
Faz ás barbas do «Cid» logo um romance,  
Outro grave e quieto  
Compõe a «Durandarte» algum soneto.

Em Hespanha o romance tinha perdido o character *narrativo*, absolutamente popular, tornando-se *descriptivo* ou litterario, até se fundir em

um subjectivismo que o desnaturava. Em Portugal o povo continuou na sua obscuridade, como d'antes, mas o romance seguiu exactamente as mesmas transformações que em Hespanha. Por este tempo Francisco Lopes, livreiro de Lisboa, romanceava, á imitação do *Santo Isidro* de Lope de Vega, a vida do popular Santo Antonio e dos Cinco Martyres de Marrocos; servia a causa da liberdade na revolução de 1640 com as suas *folhas volantes* em verso, popularisando as victorias contra as armas de Castella. Propriamente a designação de *romance* servia para qualquer composição fastienta feita a proposito de circumstancias ridiculas, em metro octosyllabo, em assonancias. O uso da lingua hespanhola era immoderado. Como composição d'este genero podem-se vêr os romances de Frei Antonio das Chagas, quando tinha no seculo o nome de Antonio da Fonseca Soares. Na vida ociosa dos claustros, os frades enchiam as suas horas com estas composições, mais inspidas do que as allegorias do paiz de *Tendre*. O Bispo do Grão Pará, nas suas *Memorias* verbera este costume. As glosas, que se haviam apoderado dos romances, começaram a applicar-se aos Outeiros freiraticos; nos palratorios se fazia o maior consummo dos romances. Quando Frei Antonio das Chagas entrou para os Bentos, aonde estava o seu amigo e confrade em Apollo Frei Antonio Vahia, foi achar lá dentro numerosas copias dos seus romances de galanterias; quando no enthusiasmo religioso as quiz rasgar, « gracejaram com elle e meteram-no á bulha.» O melhor do tempo passava-se em palestras com freiras, do que diz o severo Bispo do Grão Pará: «Eram moços, e muita a liberdade das grades d'aquelle miseravel tempo.» As subtilesas amorosas descambavam por vezes

na obscenidade; o gosto do tempo não sabia discriminar os assumptos, e adequava a mesma linguagem aos usos divinos e humanos. Quando Frei João de Sam José fez a visita ao seu bispado, entrando pelo Aracá, em uma capella ouviu uma missa no fim da qual quatro indios e mamelucos com suas vozes bem ajustadas cantaram « varias *cantatas devotas* e de edificação, sobre o que lhe fizemos uma pequena pratica em louvor do canto honesto e ao mesmo tempo *invectiva contra o lascivo das sarabandas e modas do tempo.* » O Bispo do Grão Pará é uma especie de Saint-Simon do nosso seculo XVIII.

A poesia popular á medida que ía caíndo no gosto dos cultistas, emancipava-se de novo, pela falta de espontaneidade dos que a queriam imitar. Podemos dizer que a poesia popular portugueza ficou absolutamente desconhecida até á incompleta, mas brilhante tentativa de Garrett; em Hespanha os vendedores das *folhas volantes*, romanceando os successos do tempo, continuavam obscuramente o trabalho dos Najeras, dos Nucios, dos Flores, dos Tortejadas; entre nós o povo parecia mudo, sem canto. Que symptoma mais franco de decadencia! Quando os nossos poetas quizeram imitar o que na Allemanha faziam Uhland e Bürger, trovando os seus poemas sobre as tradições nacionaes, mostraram-se a nú, mediocres e sem alma. E' vêr essa infinidade de *solaos*, xacaras de accalantar netos, balladas, e outros pre-nuncios do ultra-romantismo em Portugal, que se cansou de andar a tombos com uma idade media de papelão. Para que ennumerar aqui nomes odiosos, de falsos sacerdotes da arte? A poesia do povo precisa de uma extraordinaria boa-fé para ser entendida.



ROMANCES  
COM FORMA LITTERARIA

DO

SECULO XVI A XVIII

---

ALVARO DE BRITO

**Trouas á morte do principe D. Affonso  
filho de D. João 2.º**

Morto he o bem d'Esanha,  
nosso principe rreal,  
chora, chora Portugal,  
choremos perda tamanha !  
E carpindo lamentemos  
dous em huum triste responso,  
rrey & príncepe choremos  
dom Affonso, dom Affonso !  
Ho que morte tam estranha,  
ho que nojo, ho que mal!  
chore, chore Portuguall,  
choremos perda tamanha !

Ho que queeda tam sanhosa  
pera chorar & carpir,  
ho que queeda tam danosa  
que nos fez todos cayr!  
Ho quanta nobre companha  
Sente tristeza mortall!  
chora, chora Portugall  
choremos perda tamanha!  
Choremos, que tal cayda  
por nossos grandes peccados  
nos leyxa desemparados,  
mata toda nossa vyda.  
Que pesar nos acompanha,  
que nunca foi visto tall;  
he perdido Portugal,  
choremos perda tamanha!  
Choremos hum jnoçente,  
huma santa creatura,  
que por nossa desventura  
morreo tam supitamente.  
Ho que mall, que nojo, sanha,  
que desemparo mortall  
nota todo Portugal,  
choremos perda tamanha!  
Morreo nossa defensam,  
& morreo nossa liança,  
morreo nossa esperança  
de nom vyr a ssogeyçam.  
Asy nos desacompanha  
nosso senhor natural;  
o senhor çelestial  
o rreçeba em sa companha!



## GARCIA DE RESENDE

**Cronas á maneira de romance feitas á morte  
de Dona Inez de Castro.**

Eu era moça menina,  
per nome dona Ynes  
de Crasto, & de tal doutrina  
& vertudes, qu'era dina  
de meu mal ser ho rreves.  
Uiuia, sem me lembrar  
que paixam podia dar,  
nem da-la ninguem a mym,  
foy m'o príncepe olhar  
por seu nojo & minha fym.  
Começou m'a desejar,  
trabalhou por me servir,  
fortuna foy ordenar,  
dous corações conformar  
a huma vontade vyr.  
Conheceo-me, conheci-o,  
quys-me bem & eu a ele,  
perdeo-me, tambem perdi-o,  
nunca tee morte foy frio  
o bem que triste pus nele.  
Dey-lhe minha liberdade,  
nam senty perda de fama,  
pus nele minha verdade,  
quys fazer sua vontade  
sendo muy fremosa dama.

Por m'estas obras pagar  
nunca ja mais quys casar,  
polo qual aconselhado  
foy el rrey, qu'era forçado  
polo seu de me matar.  
Estaua muy acatada,  
como prinçesa seruida,  
em meus paços muy honrrada,  
de tudo muy abastada,  
de meu senhor muy querida.  
Estando muy de vaguar,  
bem fora de tal cuidar,  
em Coymbra d'aseseguo,  
polos campos de Mondeguo  
caualeyros vy somar.  
Como as cousas qu' am de ser,  
loguo dam no coraçam,  
começey entrestieçer  
& comiguo soo dizer :  
estes omêes d'onde yram?  
E tanto que preguntey,  
soube logo que era el rrey,  
quando o vy tam apressado,  
foy, que nunca mays faley.  
E quando vy que deçia,  
sahy ha porta da sala,  
deuinhand o que queria,  
com gram choro & cortesy a  
lhe fiz huma triste fala.  
Meus filhos pus derredor  
de mym com gram omildade,  
muy cortada de temor,  
lhe disse: avey, senhor,  
desta triste piadade.  
Nam possa mais a paixam  
que o que deucys fazer,

metey nysso bem a mam :  
que'e de fraco coraçam  
sem porque matar molher.  
Quando mays a mym, que dam  
culpa, nam sendo rrezam,  
por ser mãy dos ynoçentes,  
qu'ante vos estam presentes,  
os quaes vossos netos sam.  
E tem tam pouca ydade  
que, se não forem criados  
de mym, soo com saudade  
& sua gram orfyndade  
morreram desemparados.  
Olhe bem quanta crueza  
faraa nisto voss'alteza,  
& tambem, senhor, olhay,  
pois do príncepe sois pay,  
nam lhe deis tanta tristeza.  
Lembre-uos o grand'amor  
que me uosso filho tem,  
e que sentiraa gram dor  
morrer-lhe tal seruidor,  
por lhe querer grande bem.  
Que s' algum erro fizera,  
fora bem que padeçera,  
& qu' estes filhos ficaram  
orfaãos tristes, & buscaram  
quem d'eles paixam ouuera.  
Mas poys eu nunca errey  
& sempre mereçy mais,  
deueys, poderoso rrey,  
nam quebrantar vossa ley,  
que, se moyro, quebrantays.  
Usay mays de piadade  
que de rrigor, nem vontade :  
avey doo, senhor, de mym,

nam me deys ta'n triste fim,  
pois que nunca fiz maldade.  
El rrey, vendo como estaua,  
ouue de mym compaixam  
& vyo o, que nam oulhaua,  
qu'eu a ele nam erraua,  
nem fizera traiçam.  
E vendo, quam de verdade  
tive amor & lealdade  
hoo príncepe, cuja sam,  
pode mais a piadade  
que a determinaçam,  
Que se m'ele defendera,  
c'a sseu filho nam amasse  
& lh'eu nam obedeçera,  
entam com rrezam podera  
dar-m'a moorte c'ordenasse.  
Mas vendo que nenhum'ora,  
desque naçy ategora,  
nunca nisso me falou,  
quando sse d'isto lembrou,  
foy-se pola porta fora.  
Com sseu rrosto lagrimoso,  
c'o proposito mudado,  
muyto triste, muy cuidadoso,  
como rrey muy piadoso,  
muy Cristam & esforçado.  
Hum d'aqueles que trazia  
conssiguo na companhia,  
caualeyro desalmado,  
de tras d'ele, muy yrado,  
estas palauras dezia :  
Senhor vossa piadade  
he dina de rreprender,  
pois que sem neçessidade  
mudaram vossa vontade

lagrimas d'uma molher.  
E quereys c'abarreguado  
com filhos, como casado,  
estê senhor vosso filho;  
de vos mais me marauilho  
que d'ele, que'e namorado.  
Se a loguo nam matais,  
não sereis nunca temido,  
nem faram o que mandays,  
poys tam cedo vos mandays  
do consselho qu'era avido.  
Olhay, quam justa querela  
tendes, pois por amor d'ela  
vosso filho quer estar  
sem casar, & nos quer dar  
muyta guerra com Castela.  
Com sua morte escusareis  
muytas mortes, muytos danos,  
vos, senhor, descanssareis,  
& a vos & a nos dareis  
paz para duzentos anos.  
O príncepe casaraa,  
filhos de bençam teraa  
seraa fora de pecado;  
c'aguora seja anojado,  
a menham lh'esqueçeraa.  
E ouuyndo seu dizer,  
el rrey ficou muy toruado,  
por se em tais estremos ver,  
& que avya de fazer  
ou hum ou outro, forçado.  
Desejaua dar-me vida,  
por lhe nam ter mereçida  
a morte, nem nenhum mal:  
sentya pena mortal  
por ter feyto tal partida.

E vendo que se lhe daua  
 a ele tod'esta culpa,  
 & que tanto o apertaua,  
 disse a aquele que bradaua :  
 mynha tençam me desculpa.  
 Se o vos quereis fazer,  
 fazey-o sem m'o dizer ;  
 qu'eu nisso nam mando nada,  
 nem vejo ha essa coytada  
 porque deva de morrer.  
 Dous caualeyros yrosos,  
 que tais palauras lh'ouvyram,  
 muy crus & nam piadosos,  
 perverssos, desamorosos,  
 contra mym rrijo se vyram.  
 Com as espadas na mam  
 m'atrauessam o coraçam,  
 a confissam me tolheram :  
 este he o gualardam,  
 que meus amores me deram.

Cancioneiro Geral, t. III, p. 617.

## FRANCISCO DE SOUSA

**Crovas a este vilancete :**

Abayx'este sserra  
 Verey minha terra.

Oo montes erguidos !  
 Deyxay-vos cahyr,  
 deyxay-vos somyr  
 & ser destroydos.

Poys males sentidos  
me dam tanta guerra,  
por vêr minha terra.  
Ribeyras do mar!  
que tendes mudanças,  
as minhas lembranças  
deyxay-as passar.  
Deyxay-m'as tornar  
dar nouas da terra,  
que daa tanta guerra.  
O ssol escureçe,  
a noyte sse uem,  
meus olhos, meu bem  
ja nam aparece.  
Mays çedo anoyteçe  
aaquem d'esta sserra  
que na minha terra.

Cancioneiro Geral, t. III, p. 562.

---

## GIL VICENTE

**Romance em memoria da partida da Infanta  
Dona Beatriz para Saboya, cantado no Auto  
das Cortes de Jupiter, que se representou  
nos Paços da Ribeira em 1519.**

Niña era la Ifanta,  
Dona Beatriz se decia,  
Nieta del buen Rey Hernando,  
El mejor Rey de Castilla,  
Hija del Rey Don Manoel

Y Reyna Dona Maria,  
Reis de tanta bondad  
Que tales dos no habia.  
Niña la casó su padre,  
Muy hermosa á maravilla,  
Con el Duque de Saboya,  
Que bien le pertenecia.  
Señor de muchos señores,  
Mas que Rey es su vaalia.  
Ya se parte la Ifanta,  
La Ifanta se partia  
De la muy leal ciudad  
Que Lisbona se decia ;  
La riqueza que llevaba  
Vale toda a Alejandria.  
Sus naves muy alterosas,  
Sin cuento la artilleria ;  
Va por el mar de Levante,  
Tal que temblaba Turquia.  
Con ella va el Arzobispo  
Señor de la Clerezia :  
Van Condes y Caballeros,  
De muy notable osadia ;  
Lleva damas muy hermosas,  
Hijas dalgo y de valia.  
Dios los lleve á salvamiento  
Como su madre querria.



---

**Romance burlesco, glosando o celebre romance de «*Do me estava alla eu Coimbra*» cantado na *Sarça dos Almoçreves* que se representou em Coimbra em 1526.**

*Yo me estava en Coimbra,*  
Cidade bem assentada ;  
Pelos campos de Mondego  
Não vi palha nem cevada.  
Quando aquillo vi mesquinho,  
Entendi que era cilada  
Contra os cavallos da côrte  
E minha mula pellada.  
Logo tive a mao sinal  
Tanta milhan apanhada,  
E a peso de dinheiro  
O mula desamparada.  
Vi vir ao longo do rio  
Hua batalha ordenada,  
Não de gente, mas de mus,  
Com muita raiva pisada.  
A carne está em Bretanha,  
E as couves em Biscaia.  
Sam capellão d'hum fidalgo  
Que não tem renda, nem nada ;  
Quer ter muitos apparatus,  
E a casa anda esfaimada ;  
Toma ratinhos por pagens,  
Anda já a cousa damnada.  
Quero-lhe pedir licença,  
Pague-me minha soldada.

Obras, t. III, p. 202.

---

**Cantiga dos Romeiros em folia no Auto do  
Templo d'Apollo, representado em 1526 na  
partida da infanta filha de D. Manoel, que  
casou com Carlos V.**

Pardeos, bem andou Castella,  
Pois tem Rainha tão bella.  
Muito bem andou Castella  
E todos os Castelhanos,  
Pois tem Rainha tão bella,  
Senhora de los Romanos.  
Pardeos, bem andou Castella  
Com toda sua Hespanha,  
Pois tem Rainha tão bella,  
Imperatriz d'Allemanha.  
Muito bem andou Castella,  
Navarra e Aragão,  
Pois tem Rainha tão bella,  
E Duqueza de Milão.  
Pardeos, bem andou Castella  
E Sicilia tambem,  
Pois tem Rainha tão bella,  
Conquista de Jerusalem.  
Muito bem andou Castella,  
E Navarra não lhe pesa,  
Pois tem Rainha tão bella,  
E de Frandes he Duqueza.  
Pardeos bem anda Castella,  
Napoles e sua fronteira,  
Pois tem Rainha tão bella,  
França sua prisioneira.

---

**Romance ao nascimento do infante Dom Felipe,  
com que termina a tragi-comedia da Roma-  
gem de Aggravados, representada em Evora  
em 1533.**

Por Maio era por Maio  
Ocho dias por andar,  
El Ifante Don Felipe  
Nació en Evora ciudad.  
Viva el Ifante, El Rey, y la Reyna,  
Como las aguas del mar.  
No nació en noche oscura,  
Ni tampoco por lunar,  
Nació quando el sol declina  
Sus rayos sobre la mar.  
En un dia de domingo  
Domingo para notar,  
Quando las aves cantaban  
Cada una su cantar.  
Quando los árboles verdes  
Sus fructos quieren pintar,  
Alumbró Dios á la Reina  
Con su fructo natural.  
Viva el Ifante, el Rey y la Reyna  
Como las aguas do mar.

Obr. t. II, p. 534.

---

**Romance á morte de El Rei Dom Manoel.**

Pranto fazem em Lisboa,  
Dia de Santa Luzia,  
Por El Rei Dom Manuel,  
Que se finou n'esse dia.  
Choram Duques, Mestres, Condes,  
Cada um quem mais podia;  
Os fidalgos e donzellas  
Muito tristes em porfia;  
Os Iffantes davam gritos,  
A Iffanta se carpia;  
Seus olhos maravilhosos  
Fonte d'agua parecia.  
Bem merecem ser escriptas  
As lastimas que fazia:  
«Paço tão desamparado  
«Derribado merecia,  
«Pois a sua fortaleza  
«Se tornou em terra fria.  
«Oh minha senhora madre  
«Rainha Dona Maria,  
«Quem a vós levou primeiro  
«Mui grande bem vos queria,  
«Pois que vos livrou da pena  
«Que passamos n'este dia.»  
E outras magoas, que de tristes  
Contar não mais ousaria.  
O Principe dava suspiros,  
Que a alma se lhe sahia;  
Suas lagrimas prudentes,  
Como a gran senhor cumpria :

De dia sempre velava,  
De noite nunca dormia.  
A Rainha estrangeira  
Já chorar o não podia :  
Com rouca voz dolorosa  
Estas palavras dizia :  
«Oh Rainha desamparada !  
«Qué haré sim companhia,  
«Pues que en esta triste vida  
«Sola una vida tenia !  
«Y pues me la llevó la muerte,  
«Para qué quiero la mia ?  
«Oh sin ventura casada  
«Tres años no mas habia,  
«Quien tan presto fue viuda  
«Triste para que nascia ;  
«Niña sola en tierra agena,  
«Huérfana sin alegría !»  
Se uma vez acordava  
Outras sete esmorecia ;  
Assi pedia a Deos morte  
Como quem pede alegria,  
Dizendo : « Llevenme luego,  
«Que esta tierra ya no es mia :  
«Por la mar por donde fuere  
«Algún peligro venia,  
«Que me matasse á mi sola  
«Salvando la compañía.»  
O bom Rei em seu acôrdo  
Deste mundo se partia :  
Sua morte conhecendo  
Com muita sabedoria,  
Per palavras piedosas  
Os sacramentos pedia ;  
Falando sempre com todos,  
Deu sua alma a quem devia.

Morto levam o gran Rei  
Senhores de gran valia,  
Dizendo uns aos outros:  
Oh que triste romaria!  
Que grande amigo perdemos  
E que doce companhia!  
Já passada a meia noite,  
Tres horas antes do dia  
Mettido em um ataúde  
O qu'inda ha pouco regia,  
O gran senhor do Oriente  
Dos seus Paços se partia.  
Seiscentas tochas accezas,  
Escuras a quem as via;  
Triste pranto até Belem  
Nem passo não se esquecia.  
Em terra fica enterrado,  
Porque assi mandado havia,  
Conhecendo que era terra  
A mundanal senhoria.  
Disse que os vãos thezouros  
A' morta não pertencia.  
Desque ficou enterrado  
Cada um se despedia,  
Dizendo estes versos tristes  
A' gloriosa Maria. Etc.

Obr. t. III, p. 348.

---

### Romance á acclamação de D. João 3.º

Desanove de Dezembro,  
Perto era do Natal,  
Na cidade de Lisboa  
Mui nobre e sempre leal,  
Foi levantado por Rei

Dos reinos de Portugal  
O Príncipe Dom João,  
Príncipe angelical.  
Sahiu n'uma faca branca,  
Parecia de cristal,  
Guarnecida de maneira  
Que se não viu sua igual.  
Opa leva roçagante,  
Tudo fio d'ouro tal,  
Forrada de ricas martas,  
Bem parecia real ;  
Pelote de prata fina,  
Prata mui oriental,  
Barrado de pedraria  
Vinha-lhe mui natural.  
De perlas não fazem conta  
Porque é baixo metal ;  
Só um collar que levava  
Toda Alexandria val ;  
Na cabeça leva preto  
Por seu padre natural ;  
Sahiu com lagrimas tristes  
Como filho mui leal.  
O seu rosto tão formoso  
Que parece divinal,  
Seus olhos resplandeciam  
Como estrellas igual ;  
Os cabellos da cabeça  
D'ouro eram que não d'al ;  
Sua boca graciosa  
Com ar mui angelical,  
Um semblante soberano,  
Um olhar imperial.  
Não foi tal contentamento  
No povo todo em geral,  
Como ver na Rua nova

Ir o seu Rei natural  
Com tanta graça e lindeza,  
Que não parece humanal.  
Os forasteiros diziam :  
Mui ditoso é Portugal.  
O Iffante Dom Luis  
Leva o estoque Real ;  
O Iffante Dom Fernando,  
Outro seu irmão carnal,  
Ao estribo direito  
A pé, não lhe estava mal,  
Porque em tal solemnidade  
Tudo lhe vem natural :  
Todos os Grandes a pé,  
Quantos ha em Portugal.  
O Conde Priol levava  
A bandeira principal.  
Chegou assi a San Domingos,  
Onde estava o Cardial :  
Benzeu o mui alto Rei  
De benção pontifical,  
E deu logo juramento ;  
Jurou n'um livro missal  
De fazer cumprir as leis  
Como lei imperial ;  
Confirmou os privilegios  
D'esta cidade Real.  
Os povos muito contentes  
De Rei tão especial,  
De pequeno sempre grande,  
Magnifico e liberal,  
Que é virtude julgada  
Dos Principes principal.  
Isto tudo assi acabado,  
Disseram : Arraial ! Arraial !  
Alli tocam as trombetas,



Atabales outro tal :  
 Todos lhe beijam a mão,  
 Os senhores em geral.

Obr. t. III, p. 355.

**Cantiga do Natal, com que remata o Auto Pastoril, representado em Évora a D. João 3.º em 1523.**

Quem he a desposada ?  
 A Virgem sagrada.  
 Quem é a que paria ?  
 A Virgem Maria.  
 Em Bethlem, cidade  
 Muito pequenina,  
 Vi hua desposada  
 E Virgem parida.  
 Em Bethlem, cidade,  
 Muito pequenina,  
 Vi hua desposada  
 E Virgem parida.  
 Quem he a desposada ?  
 A Virgem sagrada.  
 Quem he a que paria ?  
 A Virgem Maria.  
 Hua pobre casa  
 Toda reluzia,  
 Os anjos cantavam,  
 O mundo dizia :  
 Quem he a desposada ?  
 A Virgem sagrada.  
 Quem he a que paria ?  
 A Virgem Maria.

Obr. t. I, p. 147.

---

**Dilancete de Abel no Auto da Historia de Deos,  
representado em Almeirim em 1527.**

Adorae, montanhas,  
O Deos das alturas,  
Tambem as verduras ;  
Adorae, desertos  
E serras floridas,  
O Deos dos secretos,  
O Senhor das vidas :  
Ribeiras crescidas,  
Louvae nas alturas  
Deos das criaturas.  
Louvae, arvoredos  
De fructo presado,  
Digam os penedos  
Deos seja louvado,  
E louve meu gado  
N'estas verduras  
O Deos das alturas.

Obr. t. I, p. 317.

---

A serra é alta, fria e nevosa ;  
Vi venir serrana gentil, graciosa.

Ceguei-me a ella de gran cortezia,  
Disse-lhe :—Senhora, quereis companhia ?

Disse-lhe :—Senhora quereis companhia ?  
Disse-me : «Escudeiro, segui vossa via.

Obr. t. III, p. 214.

---

Fragmento da versão da « Bella mal maridada. »

Le bella mal maruvada  
De linde que a mi ve,  
Vejo-ta triste nojada,  
Dize tu razão puruque.  
A mi cuida que doromia  
Quando me foram cassá ;  
Se acordaro a mi jazia  
Esse nunca a mi lembrá.  
Le bella mal maruvada  
Não sei quem cassa a mi,  
Mia marido não vale nada,  
Mi sabe razão puruque.

Obr. t. II, p. 383.

---

—D'onde vindes, filha,  
Branca e colorida ?  
« De lá venho, madre  
De ribas de um rio ;  
Achei meus amores  
N'um rosal florido.  
—Florido, enha filha  
Branca e colorida.  
« De la venho, madre,  
De ribas de um alto,  
Achei meus amores  
N'um rosal granado.  
—Granado, enha filha,  
Branca e colorida.

Obr. t, III, p. 270.

---

**Cantiga cantada em chacota de pastores na tragi-comedia pastoril da Serra da Estrella, representada em Coimbra em 1527.**

Não me fraes, madre,  
Que eu direi a verdade.  
Madre, hum escudeiro  
Da nossa Rainha  
Falou-me d'amores ;  
Vereis que dizia,  
Eu direi a verdade.  
Falou-me d'amores,  
Vereis que dizia :  
Quem te me tivesse  
Desnuda em camisa !  
Eu direi a verdade.

Obras. t. II, p. 445.

---

**Cantiga conservada no Auto da Lusitania, representado em 1532.**

Vanse mis amores, madre  
Luengas terras van morar,  
Yo no los puedo olvidar.  
Quien me los hará tornar.  
Yo soñara, madre, un sueño,  
Que me dió nel corazon,  
Que se iban mis amores  
A' las islas de la mar,  
Yo no los puedo olvidar.

Quien me los hará tornar.  
Yo señora, madre, un sueño  
Que me dió nel corazón,  
Que se iban mis amores  
A' las terras de Aragon :  
Alla se van á morar.  
Yo no los puedo olvidar,  
Quien me los hará tornar.

Obr. t. III, p. 299.

---

**Cantiga conservada na comedia de Rubena.**

Halcon que se atreve  
Con garza guerrera  
Peligros espera.  
Halcon que se vuela  
Con garza á profia,  
Cazar la quera,  
Y no la recela :  
Mas quien no se vela  
De garza guerrera  
Peligros espera.  
La caza de amor  
Es de altaneria ;  
Trabajos de dia,  
De noche dolor :  
Halcon cazador  
Con garza tan fiera  
Peligros espera.

Obr. t. II, p. 49.

## BERNARDIM RIBEIRO

Cantar á maneira de Solao, que vem no capitulo xxi da Menina e Moço.

Pençando-vos estou filha,  
Vossa mãe me está lembrando,  
Enchem-se-me os olhos d'agoa  
N'ella vos estou lavando.  
Nascestes filha entre magoa,  
Pera bem inda vos seja,  
Pois em vosso nascimento  
Fortuna vos houve inveja.  
Morto era o contentamento,  
Nenhuna alegria ouvistes,  
Vossa mãe era finada,  
Nós outros eramos tristes.  
Nada em dôr, em dôr criada,  
Não sei onde isto hade ir ter,  
Vejo-vos filha ferrosa  
Com olhos verdes crescer.  
Não era esta graça vossa  
Pera nascer em desterro ;  
Mal haja a desventura  
Que poz mais nisto que o erro.  
Tinha aqui sua sepultura  
Vossa mãe, e magoa a nós ;  
Não ereis vós filha, não,  
Pera morrerem por vós.  
Não houve em fados razão,  
Nem se consentem rogar ;  
De vosso pai hei mór dôr,  
Que de si se hade queixar.

Eu vos ouvi a vós só  
Primeiro que outrem ninguem ;  
Não foreis vós, se eu não fôra,  
Não sei se fiz mal, se bem.  
Mas não póde ser, senhora,  
Pera mal nenhum nascerdes,  
Com esse riso gracioso  
Que tendes sob olhos verdes.  
Conforto mais duvidoso  
Me é este que tomo assi,  
Deos vos dê melhor ventura  
Do que tiveste té aqui.  
A dita, e a formosura  
Dizem patranhas antigas,  
Que pelejaram um dia  
Sendo d'antes muito amigas.  
Muitos hão que é fantasia ;  
Eu que vi tempos e annos,  
Nenhuma cousa duvido  
Como ella é azo de damnos.  
Nem nenhum mal não é crido ;  
O bem só é esperado :  
E na crença, e na esperança  
Em ambas ha hi cuidado ;  
Em ambas ha hi mudança.

---

**Romance de Avalor, que vem no capitulo xi da  
segunda parte das Saudades.**

Pola ribeira de um rio,  
Que leva as agoas ao mar,  
Vai o triste de Avalor,  
Não sabe se hade tornar.  
As agoas levam seu bem,

Elle leva o seu pesar,  
E só vai sem companhia,  
Que os seus fora elle leixar.  
Cá quem não leva descanso,  
Descansa em só caminhar:  
Descontra donde ia a barca  
Se ia o Sol a baxar.  
Indo-se abaxando o Sol,  
Escurecia-se o ar:  
Tudo se fazia triste  
Quanto havia de ficar.  
Da barca levantam remo,  
E ao som do remar  
Começaram os remeiros  
Do barco este cantar:  
Que frias eram as agoas,  
Quem as haverá de passar?  
Dos outros barcos respondem:  
Quem as haverá de passar?  
Senão quem a vontade pôz  
Onde a não pode tirar,  
Trala barca levam olhos,  
Quanto o dia dá logar.  
Não durou muito; que o bem  
Não pode muito durar.  
Vendo o Sol posto contr'elle  
Soltou redeas ao cavallo  
Da beira do rio andar.  
A noite era callada  
Pera mais o magoar  
Que ao compasso dos remos  
Era o seu suspirar.  
Querer contar suas magoas  
Seria arêas contar,  
Quanto mais se alongando  
Se ia alongando o soar.



Dos seus ouvidos aos olhos  
A tristeza foi egualar ;  
Assim como ia a cavallo  
Foi pela agua dentro entrar.  
E dando um longo suspiro,  
Ouvia longe falar :  
Onde magoas levam alma  
Vão tambem corpo levar.  
Mas indo assi, por acerto,  
Foi c'um barco n'agua dar,  
Que estava amarrado á terra,  
E seu dono era a folgar.  
Saltou, assim como ia, dentro,  
E foi a amarra cortar,  
A corrente e a maré  
Acertaram-no a ajudar.  
Não sabem mais que foi d'elle,  
Nem novas se podem achar ;  
Suspeitou-se que era morto,  
Mas não é para afirmar ;  
Que o embareou ventura  
Para só isso guardar,  
Mais são as magoas do mar  
Do que se podem curar.

---


**Romance que vem na Ecloga 5.<sup>a</sup> ao qual se  
chamou Cuidado e Desejo.**

Ao longo de uma ribeira,  
Que vae polo pé da serra,  
Onde me a mi fez a guerra  
Muito tempo o grande amor,  
Me levou a minha dôr ;  
Já era tarde do dia,

E a agua d'ella corria  
Por antre um alto arvoredor,  
Onde ás vezes ia quedo  
O rio, e ás vezes não.

Entrada era do verão,  
Quando começam as aves,  
Com seus cantares suaves  
Fazer tudo gracioso ;  
Ao rugido saudoso  
Das aguas cantavam ellas;  
Todalas minhas querellas  
Se me pozeram diante ;  
Ali morrer quizera ante,  
Que vêr por onde passei ;  
Mas eu que digo ? passei !  
Antes inda heide passar  
Em quanto hi houver pezar,  
Que sempre o hi hade haver.

As aguas, que do correr  
Não cessavam um momento,  
Me trouxeram ao pensamento,  
Que assim eram minhas magoas,  
D'onde sempre correm aguas  
Por estes olhos mesquinhos,  
Que têm abertos caminhos,  
Pelo meio do meu rosto.  
E já não tenho outro gosto  
Na grande desdita minha.  
O que eu cuidava que tinha  
Foi-se-me assim não sei como,  
D'onde eu certa crença tomo,  
Que pera me leixar veiu.



Mas tendo-mé assim alheio,  
De mim o que ali cuidava,  
Da banda d'onde a agoa estava,  
Vi um homem todo caã  
Que lhe dava pelo cham,  
A barba e o cabelo.  
Ficando eu pasmado d'ello,  
Olhando elle para mim,  
Falou-me, e disse-me assim:  
«Tambem vae esta agoa ao Tejo.»

N'isto olhei, vi meu Desejo  
Estar detraz triste e só,  
Todo cuberto de dó,  
Chorando, sem dizer nada,  
A cara em sangue lavada,  
Na bocca pósta uma mão,  
Como que a grande paixão  
Sua fala lhe tolhia.  
E o velho que tudo via,  
Vendo-me tambem chorar,  
Começou assi a falar:  
«Eu mesmo sou teu Cuidado,  
Que n'outra terra criado,  
N'esta primeiro nasci.  
E ess'outro que está aqui  
E' o teu Desejo triste,  
Que má hora o tu viste,  
Pois nunca te esquecerá!  
A terra e mar passará  
Traspassando a magoa a ti.»

Quando lhe eu aquisto ouvi,  
Soltei suspiros ao choro;  
Ali claramente o fôro  
Meus olhos tristes pagaram

De um bem só qu'elles olharam,  
Que outro nunca mais tiveram,  
Nem o tive; nem m'o deram :  
Nem o esperei sómente.  
De só ver fui tão contente,  
Que pera mais esperar  
Nunca me deram lugar.  
E n'aquisto, triste estando,  
Com os olhos tristes olhando  
D'aquellas bandas d'álem,  
Olhei, e não vi ninguem.  
Dei então a caminhar  
Rio abaixo, até chegar  
Acerca de Monte-Mór.  
Com meus males derredor,  
Da banda do meio dia,  
Ali minha Phantasia,  
D'antre uns medrosos penedos,  
Onde aves que fazem medos  
De noite os dias vão ter,  
Me saú a receber  
Com uma mulher polo braço,  
Que, ao parecer, de cansaço  
Não podia ter-se em si,  
Dizendo : —Vês, triste, aqui  
A triste Lembrança tua.—  
Minha vista então na sua  
Puz; d'ella todo me enchi:  
A primeira cousa que vi,  
E a derradeira tambem,  
Que no mundo vão e vem!  
Seus olhos verdes rasgados,  
De lagrimas carregados,  
Logo em vendo-os, pareciam  
Que de lagrimas enchiam  
Contino as suas faces,

Que eram, gram tempo, paces  
Antre mim e meus cuidados.  
Louros cabellos ondados  
Que um negro manto cobria:  
Na tristeza parecia  
Que lhe convinha morrer.  
Os seus olhos de me ver,  
Como furtados, tirou,  
Depois em cheio me olhou.  
Seus alvos peitos rasgando,  
Em voz alta se aqueixando,  
Disse assim mui só sentida :  
—Pois que mór dôr, ha na vida,  
Pera que houve ahi morrer? —  
Calou-se sem mais dizer,  
E de mi gemidos dando,  
Fui-me pera ella chorando  
Pera a haver de consolar...

N'isto pôz-se o sol ao mar,  
E fez-se noite escura,  
E disse mal á ventura,  
E á vida, que não morri...  
E muito longe d'ali,  
Ouvi de um alto outeiro  
Chamar: *Bernardim Ribeiro*  
E dizer: —Olha onde estás.—  
Olhei de ante, e de trás  
E vi tudo escuridão,  
Cerrei meus olhos então,  
E nunca mais os abri,  
Que depois que os perdi  
Nunca vi tão grande bem,  
Porém inda mal, porém!

---

**CHRISTOVAM FALCÃO****Cantiga com suas voltas.**

Não posso dormir as noites,  
Amor, não as posso dormir.

Desque meus olhos olharam  
Em vós seu mal e seu bem,  
Se algum tempo repousaram  
Já nenhum repouso tem.  
Dias vão e dias vem,  
Sem vos vêr, nem vos ouvir,  
Como as poderei dormir?

Meu pensamento ocupado  
Na causa do seu pensar,  
Acorda sempre o cuidado  
Pera nunca descuidar.  
As noites de repousar  
Dias são ao meu sentir,  
Noites do meu não dormir.

Todo o bem que é já passado  
E passado em mal presente,  
O sentido desvelado,  
O coração descontente.  
O juízo que isto sente  
Como se deve sentir,  
Pouco deixará dormir.

Como não vi o que vejo  
C'os olhos do coração,  
Não me deito sem desejo,  
Nem me ergo sem paixão;  
Os dias sem vos vêr vão,  
As noites sem vos ouvir,  
Eu não n'as posso dormir.

---

## SÁ DE MIRANDA

## Cantiga.

Naquella alta serra  
Me quero ir morar,  
Quem me quizer bem,  
Quem bem me quizer,  
Lá me irá buscar.

## VOLTAS

N'estes povoados  
Tudo sam requestas,  
Deixay-me os cuidados  
Que em vós deixo as festas.  
D'aquellas florestas  
Verey longe o mar,  
Por-me-hey a cuidar.

Sombras e aguas frias,  
Quando o sol mais arde;  
Despois sobre a tarde  
Por cá bradarias,  
Vês, que pressa os dias  
Levam sem cansar,  
Nunca hamde tornar.

Não julgue ninguem  
Nunca outrem por si,  
Mais de um bem que ouvi  
A vida nam tem.  
Nam deixa este bem,  
Onde se elle achar  
Mais que desejar.

Deixa as vaydades  
Que da mão á bocca  
O prazer se troca,  
Trocão-se as vontades.  
Essas são saudades,  
Armadas no ár,  
Que podem durar ?

'Naquella espessura  
Me hey d'ir esconder,  
Venha o que vier,  
Achar-me-ha segura,  
Se tal bem não dura  
Ao seu trespassar  
Tudo hade acabar.

Obras, ediç. de 1677, p. 314.

---

## JORGE DE MONTE-MOR

Canção tirada da novella pastoril intitulada  
« Diana. »

Os tempos se mudarão,  
A vida se acabará;  
Mas a fé sempre estará  
Onde meus olhos estão.



Os dias e os momentos,  
As horas com suas mudanças,  
Amigas são de esperanças,  
E amigas de pensamentos.  
Os pensamentos estão,  
A esperança acabará,  
A fé não me deixará  
Por honra do coração.  
E' causa de muitos danos  
Duvidosa confiança ;  
Que a vida sem esperança  
Já não teme desenganos.  
Os tempos se vem e vão,  
A vida se acabará,  
Mas a fé não quererá  
Fazer-me esta sem razão.

---

### Outra cançoneta

Suspiros, minha lembrança,  
Não quer, porque vos não vades,  
Que o mal que fazem saudades  
Se cura com esperanças.  
A esperança me val  
Por causa, em que se tem,  
Nem prommette tanto bem  
Quanto a saudade faz mal.  
Mas, amor, desconfiança,  
Me deram tal qualidade,  
Que nem me mata a saudade,  
Nem me dá vida a esperança.  
Errarão, se se queixarem  
Os olhos, com que eu olhei,  
Porque não me queixarei

Em quanto os seus me lembrarem.  
Nem poderá haver mudança  
Jamais em minha vontade,  
Ou me mate a saudade,  
Ou me deixe a esperança.

---

### JORGE FERREIRA DE VASCONCELLOS

*Romance da batalha que El-Rei Arthur teve  
com Morderet, seu filho.*

Gram Bretanha desleal,  
Ao melhor rei que tiveste  
D'agora, té o fim do mundo  
Chora quanto bem perdeste:  
Jaz no campo, entregue á morte  
Que falsa, ingrata lhe deste,  
A flor da cavalleria  
Com que te ensoberveceste.  
A pena tem já da culpa  
Que lhe assi favoreste,  
Oh traidor de Mordereth,  
Porque um tal rei vendeste?  
Oh Bretanha desleal  
Que grande traição fizeste,  
A vinte quatro da Távola  
Que por Ginebra escolheste.  
A' demanda do Grial  
Triste remate poseste;  
Morto jaz de mil feridas,  
E tu, soberba lh'as deste,  
Dom Galvão tão animoso  
Por quem mil glorias tiveste;  
E matar Dom Galeazo  
Ingrata como podeste?

Que em obras de fortaleza,  
Não sei se outro igual houveste!  
Pôde matar-te Bretanha  
Que tu tanto engrandeceste!  
Esforçado Flordemares,  
Que em forças mares venceste,  
A morte, que em defenderes  
Tal rei, d'ella padeceste.  
Oh animado Troyano,  
Nunca lh'o tu mereceste,  
Mal lhe merecias, mal  
O que d'ella recebeste.  
Palamedes, oh pagão  
Que nas armas floreceste:  
Dom Tristão de Leonis,  
Que por amores morreste.  
Em não morreres aqui  
Ditosa sorte tiveste,  
Tu, Lançarote do Lago  
Que as glorias de amor houveste;  
De damas servido, amado  
Da dona a quem mais quizeste,  
Com dano dos traydores  
A' morte a que te rendeste.  
Ficarás sem sepultura  
Co'a pena que mereceste  
Tu traidor Morderet  
Pois tal traição commetteste  
Aqui se acabou a gloria  
Quanta, Bretanha, tiveste:  
Em pago da qual a Arthur  
Nem a sepultura deste.  
Cá na Ilha de Avalom,  
Merlim, vergel lhe fizeste,  
Em que vive, e só salv-o  
De affronta e morte pedeste.

Como amigo que as más manhas  
 De Bretanha conheceste,  
 Mas n'algum tempo inda Arthur,  
 Bom Rei que desmereceste,  
 Bretanha virá a vingar-se  
 Da traição que lhe fizeste.

*Memorial das Proesas da Segunda Tavola Redonda, cap. III.*

**Romance ao modo hespanhol, com gentil arte e  
 disposição, sobre a Guerra de Troya.**

Naquella montanha Ydéa  
 Que Afrodísia frequentava,  
 Páris, aquelle pastor  
 A quem Enone amava,  
 Com ella de companhia  
 As feras bravas caçava,  
 As aves de mil maneiras  
 Armando laços tomava.  
 Antre murteiras, nos braços  
 Da Nimpha a sesta passava,  
 D'onde ter-lhe eterno amor  
 Muitas vezes lhe jurava ;  
 E de tel-a por senhora  
 Comsigo se vangloriava.  
 Aquelle que por ser justo  
 De hera os touros coroava,  
 Embaixada de Tronante  
 Mercurio lhe apresentava :  
 Pera julgar antre as Deosas  
 Que a discordia baralhava,  
 E de cada uma d'ellas  
 Promessas lhe apresentava,  
 Riqueza una, outra victoria,  
 Venus formosura dava.

O justo pastor se incrina  
Ao que os olhos contentava,  
E quer ver nũas as Deosas  
Que nada vêr lhe estorvava.  
Oh desenho temerario,  
Que tal perigo intentava,  
Com rasão e com desejo,  
Por Cytherêa julgava.  
E a Deosa satisfeita  
Da palavra penhorava:  
Enlevado na esperança  
Ênone já desprezava.  
Lagrimas por seu amor  
Em satisfação lhe dava:  
O seu descanso amoroso  
Por trabalhos o trocava.  
Venus cumpre sua promessa,  
Fortuna Ênone vingava,  
Com a fermosa Greciana  
A toda a Troya abrasava.  
E não lhe valeu Cassandra,  
Que furiosa o gritava,  
Que estes são os galardões  
Que amor vingativo dava.

*Memorial das Proesas, etc. cap. VIII*

---

### Romance da morte de Achilles, e Desgraça de Policena.

Diante os muros de Troya  
Mui ufano passeava  
Achilles, o mui soberbo  
Que em seu peito a abrasava.  
A fermosa Policena

Antre as ameyas estava ;  
E tal era a fermosura  
Com que d'ellas se estremava,  
Que ao romper per antre as nuvens  
A Aurora semelhava.  
O cruel inimigo os olhos  
A tal luz alevantava.  
De seus raios traspassado  
Dentro do peito se achava,  
Com a dor que na alma sente  
A falar-lhe se chegava ;  
Mas a troyana princeza  
Que em extremo o desamava,  
Recolheu-se com gemidos  
Que a deoses apresentava,  
Pedindo-lhes a vingança  
Que ella a tomar não bastava.  
O cavalleiro indomavel  
Tam preso e triste ficava,  
Que com suspiros ao céo  
Sua dor manifestava :  
Já d'antes a tinha visto  
Quando ella Hector pranteava,  
Des então do seu amor  
Sua alma presa enxergava ;  
De como pudesse havel-a  
Muitas contas só lançava.  
Como agora, amor repouso  
Nem soffrimento lhe dava,  
Soccorreu-se á esperanza  
Que a vida lhe sustentava ;  
A Hecuba sua madre  
Tal mensagem ali mandava :  
Que se quer ver Troya livre  
Policena assegurava  
Que elle a fará descercar

Se por senhora lhe dava.  
Hecuba, que mais que a vida  
Vingar Hector desejava,  
Com Páris logo da morte  
De Achilles cruel tratava.  
Respondeu-lhe que se vissem  
No templo em que Apollo estava.  
Recebera Policena,  
Se a fé ante elle lhe dava ;  
E de imigo será filho,  
Se lhe Troya descercava.  
O triste amador que a via,  
Nem cem vidas estimava,  
A respeito do desejo  
Que Policena causava.  
Sem temer e sem receio,  
Sem cuidar que aventurava,  
Entregando-se á ventura  
E Amor que o guiava,  
Sem cautella e em seu conselho  
No templo de Apollo entrava.  
De gíolhos posto ante elle  
Muitas graças a amor dava.  
Páris, que com arco armado  
Escondido o esperava,  
Fazendo votos a Apollo  
Se lhe a seta endereçava,  
Em o vendo de gíolhos  
Muy prestes n'elle encarava ;  
Pola pranta do seu pé  
A vida lhe atravessava,  
Cae o triste namorado  
De quem tanto o desamava ;  
N'esta vingança de Hector  
Toda a Troya se alegrava

---

**Romance da morte de Policena para vingar  
os manes de Achilles.**

No templo de Apollo, Achilles  
Desprovido, namorado  
Jaz morto n'alma do pé  
De uma seta trespassado.  
E não lhe valeu no mar  
Por Thetis ser encantado,  
Aquelle que dos Troyanos  
Era temor e cuidado.  
Dos Gregos o defensor  
Pouca cinza já tornado,  
A pequena Úrna não enche  
Aquelle grande esforçado.  
Contem de sobre suas armas  
Todo capitão notado,  
A Thelamão e a Ulysses  
Todos o logar tem dado.  
Não nas leva o cavalleiro  
E levou-as o avisado,  
A Troya é toda abrasada,  
O Illião derrubado.  
Querem-se partir os Gregos  
Não fica Achilles vingado.  
Da terra sae a sua sombra,  
E com o seu vulto ayrado,  
Como quando a Agamenão  
Tentou matar denodado:

«Quereis vos partir, (dizia)  
Grego exercito malvado?  
E fique eu na sepultura  
Sem vingança deshonorado.»



Pede Policena a alma  
De Achilles d'ella engeitado.  
Agora Pirho o soberbo  
Filho, do pae o traslado,  
Dos braços da triste mãy  
Que por todos tem chorado,  
Traz Policena ao sepulchro  
Virgem de animo estremado ;  
E vendo Pirho, o cruel,  
Contr'ella determinado,  
Com rosto seguro, honesto,  
Fermoso, mas descorado,  
Diz: «Derrama o generoso  
Sangue real apurado:  
Farte-se a grega crueza  
Cumpra-se meu triste fado ;  
Seja meu pescoço ou peito  
D'essa espada trespassado.  
Livre nasceu Policena,  
Servir outrem não lhe é dado.  
Não será com minha morte  
Algum idolo applacado,  
O coração só quizera  
Da minha mãe esforçado.  
O gosto da morte minha  
Esta dor m'ó tem tirado :  
Deve chorar só sua vida  
E invejar meu estado.  
A filha do rei Priamo  
Sobre os reis afortunado,  
Vos roga que á triste mãe  
Seja seu corpo entregado ;  
Não seja como o de Hector  
Por outro inda resgatado,  
Contentae-vos que com lagrimas  
A coitada o tem comprado.»

Isto disse, e de um só golpe  
Do cruel Pirho indomado,  
O pescoço cristalino  
Do corpo lhe foi apartado ;  
De recolher, em caindo,  
As fraldas, teve cuidado  
Por conservar o decoro  
Nas Virgens sempre estimado.

*Memorial, cap. xxxv.*

---

### Romance da Historia de Roma.

De ti casto Scipião  
Sofonisba ouvi queixar,  
Que foste imigo de amor  
Por querer d'ella triumphar.  
Na forte cidade Cirta  
Masenisa fôra entrar,  
E por teu mandado Sifax  
Seu marido foi matar.  
Com furia e odio imigo  
Nos seus paços fôra dar,  
Mas na mór força da furia  
Amor o pôde amansar :  
Dos encontros dos seus olhos  
O seu coração domar.  
De escrava feita senhora  
De quem vinha cativar,  
De eterno amor dada fé,  
As almas foram trocar :  
Lagrimas e fermosura  
Tudo puderam acabar.  
Sabido per Cipião  
Que amor não pôde abrasar,

Com coração deshumano,  
Com razões não de acceitar,  
A Masenisa escrevia  
Que lh'a mandasse entregar,  
Porque era imiga de Roma  
Da geração de Amilcar.  
Em grande affronta se vê  
Masenisa e gram pesar,  
O coração não lhe leva  
A' Sofonisba faltar.  
Cuidou um mui duro meio  
Pera haver de a libertar!  
Uma cópa de peçonha  
Lhe mandou appresentar,  
Em logar da liberdade  
Que lhe não podia dar.  
Sofonisba muy contente  
A bebeu sem receiar,  
Sentindo sómente a dor,  
Que se não pode escusar,  
Por amor da Masenisa  
Que vive pera a passar.  
Dizendo: «Por vós, amor,  
Me quero sacrificar,  
Não será d'outro cativa  
Quem toda se vos quiz dar.»  
Mal haja fortuna imiga  
Que tal amor foi cortar.

*Memorial, etc. cap. XIII.*



---

**Romance da vespera da batalha da Pharsalia**

De Roma sahe Pompeo,  
E toda Roma o seguia,  
Com temor de Julio Cesar  
Que de França já partia.  
O Robicão tem passado  
Contra Roma traz a via.  
Apesar do bom Metelo,  
Do thesouro se provia,  
Apoz Pompeo se vae,  
E Pompeo que o sabia,  
Em Brandusio se faz forte,  
E d'ali per mar fugia;  
Desamparando a Italia  
Defendel-a pertendia,  
De romanos e outra gente  
Grande exercito fazia;  
A Cesar dera batalha  
Se o seguira vencia,  
Por arredal-o do mar  
Fugir-lhe Cesar fingia:  
Ser arte de capitão  
Pompeo bem o entendia,  
A Cesar, contra o que entende,  
E a seu pesar, seguia.  
Já nos campos de Pharsalia  
Um contra o outro se via,  
Vendo-se chegado á summa  
Pompeo do que temia.  
Oh que grande senhorio  
O conjugal amor cria,  
Que só Cornelia é a causa  
Que reprime o que cumpria;

E'lhe forçado apartal-a,  
Dilata-o de dia em dia,  
No seu leito sem repouso  
Chorando, cá não dormia.  
Cornelia tem a seu lado  
Que animal-o commetia,  
De lagrimas suas faces  
Humidas ali sentia.  
Dissimula, cá não ousa  
Tomal-o em tal agonia,  
Parecendo-lhe que o magno  
Pompeo assi se abatia.  
Elle que a sente e entende  
Taes palavras lhe dizia :  
«Mulher, a que eu mais que a propria  
Vida, ditosa queria,  
Não esta que me aborrece  
Mas quando ledo vivia,  
E' vindo o tempo que eu triste  
Dilatado, e já não podia  
Cá Cesar está no campo  
E a batalha offerecia;  
Cumpre dar logar á guerra  
Mandar-te a Lesbos queria ;  
O al tenho a mi negado,  
Não cures de mais porfia,  
Este nosso apartamento  
Por muito pouco seria.  
Do teu verdadeiro amor  
Confiança não teria  
Se vêres esta batalha  
O coração t'ó soffria.  
Corro-me de estar comtigo  
Quando a guerra assi fervia ;  
Mais seguro é que de longe  
Ouças o que succedia,

Se me a fortuna fôr falsa  
E se me Cesar vencia!  
A melhor parte de mim  
Segurar, sequer, queria.  
Quero ter onde me ir possa  
Segurar» minha agonia.»  
Cortada de mortal dor  
Cornelia, que isto ouvia,  
Esforçando-se com dor  
A triste assi respondia:  
— Dos deoses e da fortuna  
Já me queixar não podia,  
Pois per morte não me aparta  
Da conjugal companhia,  
Ser como vil engeitada  
De ti, d'isto me sentia.  
Cuidares que algum logar  
Sem ti me seguraria!  
E queres, se fôres morto,  
Que viva ainda algum dia?  
Já me ensinas a soffrer  
Dor que nem cuidar soffria:  
A mulher do gram Pompeo  
Esconder não se podia.  
D'onde se desbaratado  
Fôres, isto só pedia:  
Salva-te em toda outra parte  
E de Lesbos te desvia.»  
Partindo-se d'elle agora  
Um do outro não se espedia.  
A Lesbos se vae Cornelia  
Pompeyo logo a seguia.  
Vencido vae de seu sogro  
Tal Cornelia o recebia.  
«Esta é a minha fortuna  
Que me inda segue» dizia.

**Romance cantado a trez vozes, que se refere á morte do principe Dom Affonso, filho de El-rei Dom João II e seu unico successor.**

Principes e Emperadores  
Que o mundo a sabor mandaes,  
E tam pouco vos lembraes  
Da róta da vida eterna!  
A soberba que governa  
Vossos peitos deshumanos,  
Derruba os grandes tyrannos  
Da mais alta monarchia:  
Quem da fortuna se fia  
Não lhe sabe a condição!  
Soberba lançou Adão  
Do Parayso deleitoso,  
Ficando victorioso  
Do mundo o enganador.  
Aquelle edificador  
De Babel, que em competencia  
Da eterna summa potencia  
Presumiu d'ella isentar-se,  
Cahiu por alevantar-se.  
Apoz elle os successores  
Assyrios emperadores  
Que a fortuna sublimou,  
Em breve os desapossou,  
Sardanapalo o sentiu.  
Dos Medos tambem se viu  
Astiages, que cuidava  
Que a seus fados atalhava  
Com mandar matar o neto,  
Cyro animoso e discreto  
Que o despossou de seu estado,

E foi o Imperio passado  
Aos Persas, onde o perdeu  
Dario que desconheceu  
Vossa humana condição.  
E aquelle filho de Adão  
Que negou a natureza,  
Cuja soberba altiveza  
Teve em pouco e desprezou  
O mundo que conquistou,  
Sua cobiça atermada  
Foy com morte antecipada,  
Seu Imperio dividido.  
Cesar não menos temido  
Em confirmação d'este erro  
Foi morto dos seus a ferro.  
E todos quantos subiram  
Tyrannamente, caíram:  
Caiu Thebas, caiu Troya,  
Roma que levou a boya  
A toda potencia humana,  
Quando foi mais soberana  
Por si mesma se abateu,  
Que o mundo não concedeu  
Haver estado seguro:  
Por tanto quem quer ter muro  
Inexpunhavel, e um forte  
Que não entre humana sorte,  
Em Deos ponha a confiança,  
O fundamento, a esperança,  
Com verdade e com amor:  
D'onde tu, Rei Sagramor,  
No que ora vires, verás  
Exemplo que tomarás  
E te fique por aviso,  
Que todo o mundo é riso,  
Sem ter Deos por padroeyro,



Guia e norte verdadeiro.  
E verás um poderoso  
Rey prudente e justicoso  
Liberal, manso, benigno,  
Que em Deos tem posto seu tino,  
Christianissimo, cremente,  
Nos desgostos paciente,  
Sesudo em prosperidade.  
Soffreu na adversidade,  
De David claro traslado,  
Que sendo de Deos tocado  
Per vezes, em seu louvor  
Converte sempre sua dor;  
A paciencia lhe sobeja,  
D'onde fortuna, de inveja,  
Quando mais contente o viu  
E descuidado o sentiu,  
De si mesma á traição  
Poz-lhe o Reyno em condição  
De fazer termo mortal,  
E acabar-se Portugal:  
O bom Rey, que assi o temia,  
A seu Deos se convertia,  
E com seu povo gemendo  
Confiança n'elle tendo,  
De um phenix que vivo ardeu  
Logo outro phenix nasceu  
Por Deos a Portugal dado,  
Pera ser mais exalçado  
Que Israel per Salamão.  
Taes pronosticos nos dão  
Os aspeitos celestiacs,  
E seus principios reacs,  
Como foram trabalhosos  
Assi hão de ser famosos  
Os meios e fins da vida,

Que longa lhe é concedida;  
Cá o que se dá sopesado  
Dos ccos sempre foi estremado,  
Tam beninas as estrellas  
Lhe serão, que suas velas  
No mundo sejam espanto,  
E elle, outro Affonso sancto  
Que o Reyno renouará,  
E os termos lhe augmentará  
Muyto melhor do que eu canto.

*Memorial das proezas, cap. 46.*

---

### Romance á morte do Principe D. João.

Soberbo está Portugal  
Em sua gloria enlevado,  
Vê-se de um rei sabedor  
Mimoso e bem governado.  
O mundo todo anda em guerras  
Injustas mui baralhado:  
Elle só estava em remanso  
Seguro e mui descansado,  
Plantando antre os infieis,  
Pendões do Crucificado,  
Por capitães animados  
Que os levam per seu mandado.  
E como Deos de taes obras  
Folga ver-se penhorado,  
C'os olhos em Portugal  
Está sempre occupado.  
E como filho mimoso  
De quem não perde o cuydado,  
Porque nam se ensoberbeça

Em se vêr tão prosperado,  
Na força das suas glorias  
No tempo mais festejado,  
D'antre os olhos lhe tirava  
O seu Principe estremado.  
Vendo no pae paciencia  
Pera ser mais apurado,  
Dá graças ao Criador  
Inda que desconsolado.  
A menina que seu amor  
Em flor assi viu cortado,  
Vencida com soffrimento  
A dor do amor encortado,  
No peito se abrasa em magoa  
O rosto mostra esforçado;  
O coração lhe dizia  
O mal de que era assombrado,  
Entende, soffre e gemia,  
Padece e maldiz seu fado.  
A si mesmo se esforçava  
E fazel-o era forçado,  
Por dar esforço e consolo  
A um pae desconsolado,  
E pera poupar o fructo  
Do seu amor desejado.  
Oh animosa princeza,  
Quanto vos fica obrigado  
Um reino, que destruido  
Por vós ficou restaurado!  
Esforça-te, Portugal,  
Pois já te vês melhorado.  
De um Rey que antre os Reys  
Estremo será chamado.

## LUIZ DE CAMÕES

**Endechas a Barbara escrava**

Aquella cativa,  
Que me tem cativo,  
Porque n'ella vivo,  
Ja não quer que viva.

Eu nunca vi rosa  
Em suaves môlhos,  
Que para meus olhos  
Fosse mais formosa.

Nem no campo flores,  
Nem no céu estrellas,  
Me parecem bellas,  
Como os meus amores.  
Rosto singular,  
Olhos socegados,  
Pretos e cansados  
Mas não de matar.

Uma graça viva,  
Que n'elles lhe mora,  
Para ser senhora  
De quem é cativa.  
Pretos os cabellos,  
Onde o povo vão,  
Perde opinião,  
Que os loucos são bellos.

Pretidão de amor  
Tão doce a figura,  
Que a neve lhe jura  
Que trocara a côr.

Léda mansidão  
Que o siso acompanha,  
Bem parece estranha,  
Mas barbara não.

Presença serena  
Que a tormenta amansa :  
N'ella em fim descansa  
Toda minha pena.  
Esta é a cativa,  
Que me tem cativo ;  
E pois n'ella vivo,  
E' força que viva.

---

### Mote

Descalça vae para a fonte  
Leonor pela verdura ;  
Vae formora, e não segura.

### VOLTAS

Leva na cabeça o pote,  
O testo nas mãos de prata,  
Cinta de fina escarlata,  
Sainho de chamalote :  
Traz a vasquinha de cote,  
Mais branca que a neve pura ;  
Vae formosa e não segura.  
Descobre a touca a garganta,  
Cabellos de ouro entrancado,  
Fita de côr de encarnado,  
Tão linda que o mundo espanta :  
Chove n'ella graça tanta  
Que dá graça á formosura ;  
Vae formosa e não segura.

## FRANCISCO RODRIGUES LOBO

## Cantiga

Descalsa vae para a fonte  
Leonor pela verdura,  
Vae fermosa e não segura.

## VOLTAS

A talha leva pedrada,  
Pucarinho de feição,  
Saia de côr de limão,  
Beatilha suqueixada:  
Cantando de madrugada,  
Pisa as flores na verdura,  
Vae fermosa e não segura.

Leva na mão a rodilha,  
Feita de sua toalha,  
Com uma sustenta a talha,  
Ergue com outra a fraldilha:  
Mostra os pés por maravilha,  
Que a neve deixam escura;  
Vae fermosa e não segura.

As flores, por onde passa,  
Se o pé lhe acerta de pôr,  
Ficam de inveja sem côr,  
E de vergonha com graça.  
Qualquer pegada que faça  
Faz florescer a verdura;  
Vae fermosa e não segura.

Não na vêr o sol lhe val,  
Por não ter novo inimigo;

Mas ella corre perigo,  
Se na fonte se vê tal.  
Descuidada d'este mal  
Se vae vêr na fonte pura,  
Vae fermosa e não segura.

*Obras compl. Ecl. x, p. 651.*

---

### Cantiga

Antes que o sol se levante,  
Vae Violante a vêr o gado ;  
Mas não vê sol levantado  
Quem vê primeiro a Violante.

#### VOLTAS

He tanta a graça que tem  
Com uma touca mal envolta,  
Manga da camisa solta,  
Faixa pregada ao desdem ;  
Que se o sol a vir diante,  
Quando vae munir o gado,  
Ficará como enleado  
Ante os olhos de Violante.

Descalsa ás vezes se atreve  
Ir em mangas de camisa ;  
Se entre as ervas neve pisa  
Não se julga qual é neve ;  
Duvida o que está diante,  
Quando a vê munir o gado,  
Se é tudo leite amassado,  
Se tudo as mãos de Violante.  
Se acaso o braço levanta,  
Porque a beatilha encolhe,

De qualquer parte que a olhe  
Leva a alma na garganta.  
E inda que o sol se alevante  
A dar graça e luz ao prado,  
Já Violante lh'a tem dado,  
Que o sol tomou de Violante.

*Idem, p. 653.*

---

### Romance do Desenganado

Sobre as aguas vagarosas  
Que o Tejo já traz cansadas  
De abrandar duros penedos,  
E de romper serras altas :  
Perto d'onde o mar oceano  
Lhe offerece livre entrada,  
Dando ás crystallinas ondas  
Livres e douradas praias :  
Leva o pescador sereno  
Com rôtas redes a barca,  
Tam perseguida dos ventos  
Quanto de amar sustentada ;  
E por que o leva forçado  
Sua virtude contraria,  
Desterrado do seu Lena,  
E de sua amada patria,  
Já o vento o favorece  
E o mar lhe mostra bonança,  
Porque para a desventura  
A ventura nunca falta.  
E ao som que os duros remos  
Fazem dividindo as aguas,  
Derramando-as de seus olhos,  
Vae dizendo estas palavras :



«Fermosas aguas do Tejo,  
Do mundo tão celebradas,  
Morada de tantas nymphas,  
E inveja de outras tantas;  
Este corpo que amparaes,  
Que persegue a sorte ingrata,  
Dae-lhe vós a sepultura,  
Que é corpo que vae sem alma.  
Mil annos vivi sem tel-a,  
Por poder de uma esperança  
Enganada da ventura,  
Que tam facilmente engana.  
Causa foi da minha morte  
Lisêa, e melhor se acclara  
Que, pois tanto amei Lisêa,  
Eu fui de meu mal a causa.  
O espirito com que vivo  
E' de um tormento que mata,  
Que os males aonde ha firmeza  
Nem com a vida se acabam.  
Junto então do rio Lis  
Meu rebanho apacentava,  
Fiz-me pescador do Lena  
Provei a sorte em mudanças.  
Só no mal achei firmeza,  
Sei do bem quam cedo passa,  
E sei que a quem muda a vida  
Se muda mas não se acaba.  
Sei que vive um corpo morto  
Por milagre de esperanças,  
E que o mal ainda sustenta  
Quando as esperanças faltam.  
Se em vós móra piedade  
'Nessas humidas entranhas,  
Dae fim a meus tristes dias,  
E a vosso nome esta fama:

— Contra o poder da ventura  
Empregada em um sujeito,  
De um fogo de amor perfeito  
Aguas foram sepultura.»

*Romances, 2.ª parte, p. 722.*

---

## DOM FRANCISCO DE PORTUGAL

### Romance pastoril.

Deixou de ir Leonor á fonte,  
Por ver damas estrangeiras,  
Não para vir invejosa,  
Mas para matar de inveja.  
Mais que a vêr foi a ser vista,  
Que como novas estrellas,  
Não ha olhos que os seus levem,  
Alma que a sua não seja.  
De vinte e quatro alfinetes,  
Como dizem, foi a festa,  
Que muito que pique a muitos  
Quem tanto alfinete leva?  
Saia de palmilha azul,  
Que tudo são palmas n'ella,  
Que é bem que vista do céo  
O mór milagre da terra.  
Gibão de cannequim fino  
Que desconfiado confessa:  
Aqui jaz em neve um fogo  
Que o meu branco em branco deixa.  
Beatilha, melhor que ouro  
Encobre um par de madeixas,  
Alcaide de liberdades  
Que só soltando condemna.

Fita verde que entre raios  
Com perigos lisongeia,  
Inda que negue esperança  
Quando só mortes promette.  
O desprezo dos cathurnos  
De umas sapatas vermelhas,  
Purpura de unido aljofar,  
Nacar de animadas perolas,  
Tantas perfeições airosas  
Em naturaes extranhezas,  
Tanto computo artificio  
No descuido de ser bella;  
Aquelles olhos rasgados,  
Em que amor faz por mór guerra,  
Cada sobrançella um arco,  
Cada pestana uma setta.  
Aquelle engraçado riso,  
Que por crystaes de Veneza,  
Com gloria brinda as vontades,  
Sêde mortal que deleita.  
Em casa de um mercador  
Na rua nova á janella,  
Sem si Leonor estava  
Formosa ouvindo estas queixas:

Quebrou Leonor  
O pote na fonte,  
E deitou-lhe os testinhos tão longe?

Sem seu bem mais suspirado  
D'onde estava d'este modo  
A si o descuido todo,  
E a seu mal todo o cuidado.  
O peito tinha abrazado  
Tendo nos olhos a fonte,

E deitou-lhe os testinhos  
 Mana, tão longe.

Diria quem a assim visse  
 Que eram pedras que atirava,  
 Porque tanto quanto amava  
 Tanto tinha de doudice.  
 E para que mais sentisse  
 Seu sentido está na fonte,

E deitou-lhe os testinhos,  
 Mana, tão longe.

### BALTHASAR DIAS

#### *Romance do Marquez de Mantua e do Imperador Carlos Magno.*

(Introdução recolhida pelo Cavalheiro de Oliveira)

Na caça andava perdido  
 De Mantua o velho Marquez,  
 E no peito pressentido  
 O coração traz d'envez;  
 Mas não sabe o succedido!  
 Farto já de caminhar  
 Por tão fragosa montanha,  
 Cansado assim sem companha,  
 Sem ter onde repousar  
 'Nessa terra tão extranha,  
 Vendo o mato tão cerrado,  
 Assentou de se apear,  
 E o seu cavallo deixar,  
 Porque estava de cansado  
 Que já não podia andar.

Marquez : Fortunosa caça é esta  
Que fortuna me ha mostrado,  
Pois que por ser manifesta  
Minha pena, e gram cuidado,  
Me mostrou esta floresta.  
Nunca vi tão forte brenha  
Desque me acórdó de mi ;  
Eu creio, que Margasi  
Fez esta serra d'Ardenha,  
Estes campos de Methli.  
Quero tocar a bosina  
Por vêr se alguém me ouvirá ;  
Mas cuido, que não será,  
Porque minha gram mofina  
Commigo começou já.  
Todavia quero vêr  
Se mora alguém n'esta serra,  
Que me diga d'esta terra,  
Cuja é para saber ;  
Que quem pergunta não erra.  
Por demais é o tanger  
Em logar deshabitado,  
Onde não ha povoado,  
Nem quem possa responder,  
Ao que lhe fôr perguntado.  
Gram mal é o caminhar  
Por tão fragosa montanha,  
Caçado assim sem companhia,  
Nem tendo onde repousar  
N'esta terra tão extranha.  
Vejo o matto tão cerrado,  
Que fiz bem de me apear,  
E meu cavallo deixar,  
Porque estava tão caçado,  
Que já não podia andar.  
Agora vejo-me aqui

N'esta tão grande espessura,  
Que nem eu me vejo a mi,  
Nem sei de minha ventura.  
Nem menos será cordura,  
Repousar n'este logar,  
Nem sei d'onde possa achar  
Descanço á minha tristura.

Valdevinos: Oh Virgem minha senhora,  
Madre do rei da verdade,  
Por vossa gram piedade  
Sêde minha intercessora  
Em tanta necessidade.  
Oh summa Regina pia,  
Radiante luz phebêa,  
*Custodiã animæ meæ,*  
Pois está na terra fria  
A alma de pezar cheia.  
Pois és amparo dos teus,  
Consola os desconsolados,  
Rainha dos altos céos,  
Rogae a meu senhor Deos,  
Que perdoe meus peccados.

Marquez: Não sei quem ouço chorar  
E gemer de quando em quando!  
Alguem deve aqui estar...  
Segundo se está queixando,  
Deve ter grande pesar.

Valdevinos: *Domine momento mei,*  
Lembrae-vos de minha alma,  
Pois que sois da gloria Rei  
Nascido da flor da palma,  
Remedio da nossa Lei.

Marquez : Segundo d'elle se espera,  
Aquelle homem anda perdido,  
Ou por ventura ferido  
De alguma d'estas féras.  
Quero vêr este mysterio,  
Que a fala me dá ousadia :  
Porque dois em companhia  
Tem mui grande refrigerio  
Para qualquer agonia.

Valdevinos : Oh minha esposa e senhora,  
Já não tereis em poder  
Vosso esposo que assim chora,  
Pois a morte roubadora  
Vos roubou todo o prazer.  
Oh vida de meu viver,  
Resplandecente narcizo,  
Gram pena levo em saber,  
Que nunca vos heide ver  
Até o Dia de Juizo.  
Oh esperança, por quem  
Tinha victoria vencida !  
Oh minha gloria, meu bem ;  
Porque não partís tambem,  
Pois que sois a minha vida?  
Se não fôr vossa vontade  
De haver de mim compaixão,  
Mandae-me meu coração,  
Minha fé e liberdade,  
Que está em vossa prisão.  
Madre minha muito amada,  
Que é do filho que paristes  
De quem ereis consolada?  
Como se ha tornado nada  
Quanta gloria possuistes?  
Já me não vereis reinar,

Já me não dareis conselho;  
Nem eu o posso tomar,  
Que quebrado é o espelho,  
Em que vos sabeis olhar.  
Já nunca me haveis de vêr  
Fazer justas e torneios,  
Nem vestir nobres arreios,  
Nem Cavalleiros vencer,  
Nem tomar bandos alheios.  
Já não tomareis prazer  
Quando me virdes armado,  
Já vos não virão dizer  
A fama de meu poder,  
Nem louvar-me de esforçado.  
Oh valentes Cavalleiros,  
Reinaldos de Montalvão,  
Oh esforçado Roldão,  
Oh Marquez Dom Oliveiros,  
Dom Ricardo, Dom Dudão,  
Dom Gaiferos, Dom Beltrão,  
Oh Grão Duque de Milão,  
Que é da vossa companhia  
Duque Maime de Baviera,  
Que é de vosso Valdevinos?  
Oh esforçado Guarinos,  
Quem comsigo vos tivera!  
Meu amigo Montesinhos,  
Já nunca mais vos verei;  
Dom Alonso de Inglaterra,  
Já não acompanharei  
O Conde Dirlos na guerra.  
Oh esforçado Marquez  
De Mantua, teu senhorio,  
Já não me poreis arnez,  
Nem me vereis outra vez  
Gozar vosso poderio.



Já não quero vosso estado,  
Já não quero ser pessoa,  
Nem mandar, nem ter reinado,  
Já não quero ter corôa  
Nem quero ser venerado.  
Oh Carlos Imperador,  
Senhor de mui alta sorte,  
Como sentireis grão dôr  
Sabendo da minha morte,  
E quem d'ella é causador !  
Bem sei, se for informado  
Do caso como passou,  
Que serei mui bem vingado,  
Ainda que me matou  
Vosso filho mui amado.  
Oh Principe Dom Carloto,  
Quem, sendo tão desigual,  
Te moveu a fazer mal  
Em um logar tão remoto  
A teu amigo leal?  
Alto Deos omnipotente,  
Juiz direito sem par,  
Sobre essa morte innocente  
Justiça queiraes mostrar,  
Pois morro tão cruelmente.  
Oh madre de Deos benigna,  
E fonte de piedade,  
Arca da santa Trindade,  
De donde o Verbo divino  
Trouxe sua humanidade.  
Oh Santa *Dómina mea*,  
Oh Virgem *gratia plena*,  
Em que a alma se recreia  
Dá remedio á minha pena,  
Pois que morro em terra alheia.

Marquez : Senhor, porque vos queixaes ?  
Quem vos tratou de tal sorte?  
E quem é o que tal morte  
Vos deu, como publicaes,  
Que assás é esta má sorte !  
Não me negueis a verdade,  
Conta-me vosso pezar,  
Que vos prometto ajudar  
Com toda a força e vontade.

Valdevinos : Muito me agasta, amigo,  
Certamente teu tardar,  
Dize se trazes contigo,  
Quem me haja de confessar?

Marquez : Eu não sou quem vós cuidaes ;  
Nunca comi vosso pão,  
Mas vossos gritos e ais  
Me trouxeram aonde estaes  
Mui movido á compaixão.  
Dizei-me vossa agonia,  
Que, se remedio tiver,  
Eu vos prometto fazer  
Com que tenhaes alegria.

Valdevinos : Meu senhor, muitas mercês  
Por vossa bôa vontade !  
Bem creio, que me fareis  
Muito mais do que dizeis,  
Segundo vossa bondade.  
Mas minha dor é mortal,  
Meu remedio só é morte,  
Porque estou parado tal,  
Que nunca homem mortal  
Foi tratado de tal sorte.  
Tenho, senhor, vinte e duas

Feridas todas mortaes,  
As entranhas rotas e nuas,  
E passo penas tão cruas,  
Que não poderão ser mais.  
Ha-me morto á traição  
O filho do Imperador,  
Carloto a gram ãem razão;  
Mostrando-me todo o amor,  
Não o tendo no coração.  
Muitas vezes requeria  
Minha esposa com maldade,  
Mas ella não consentia,  
Pelo bem que me queria,  
Por sua grande bondade.  
Carloto com grão pezar  
Como mais traidor, que forte,  
Ordenou de me matar,  
Cuidando com minha morte  
Com ella haver de casar.  
Matou-me com gram falsia,  
Trazendo cinco comsigo,  
Sem eu trazer mais commigo,  
Que um pagem por companhia.  
A mim chamam Valdevinos,  
Sou filho de El-Rei de Dacia,  
E primo de El-Rei de Grecia,  
E do forte Montesinos  
Que é herdeiro de Dalmacia;  
Dona Hermelinda formosa  
Minha madre natural,  
Sibylla minha esposa,  
De graças especial,  
Mas com primores famosa.  
Esta nova contareis  
A' triste de minha madre,  
Que em Mantua achareis,

E ao honrado Marquez  
Meu tio, irmão de meu padre.

Marquez : Oh desastrado viver,  
Oh amargosa ventura,  
Oh ventura sem prazer,  
Prazer cheio de tristura,  
Tristura que não tem ser.  
Oh desventurada sorte,  
Oh sorte sem soffrimento,  
Desamparado tormento,  
Dôr muito peor que a morte,  
Morte de desabrimento!  
Oh meu sobrinho, meu bem,  
Minha esperança perdida!  
Oh gloria que me sustem,  
Porque vos partís de quem  
Sem vós não terá mais vida?  
Oh desventurado velho,  
Captivo sem liberdade!  
Quem me póde dar conselho,  
Pois perdido é o espelho  
De minha gram claridade.  
Oh minha luz verdadeira,  
Trévas do meu coração,  
Penas da minha paixão,  
Cuidado que me marteira,  
Tristeza de tal traição!  
Porque não queres falar  
A este Marquez coitado,  
Que tio sohieis chamar?  
Falae-me, sobrinho amado,  
Não me façaes rebentar.

Valdevinos : Meu tormento tão molesto  
Me faz não vos conhecer,

Nem na fala, nem no gesto ;  
 Nem entendo vosso dizer,  
 Se não fôr mais manifesto.  
 Estou tão posto no fim,  
 Que não sei se sou alguém,  
 Nem menos conheço a mi ;  
 Pois quem não conhece a si  
 Mal conhecerá ninguém.

**Marquez :** Como não me conheceis  
 Meu sobrinho Valdevinos?  
 Eu sou o triste Marquez,  
 Irmão de El-Rei Dom Salinos,  
 Que era o pae que vos fez.  
 Eu sou o Marquez sem sorte,  
 Que devêra rebentar  
 Chorando a vossa morte,  
 Por com vida não ficar  
 N'este mundo sem de porte.  
 Oh triste mundo coitado,  
 Ninguém deve em ti fiar  
 Pois és desaventurado,  
 Que o que tens mais exaltado  
 Mór quêda lhe fazes dar.

**Valdevinos :** Perdoae-me, senhor tio,  
 A minha descortezia,  
 Que a minha grande agonia  
 Me pôz em tanto desvio,  
 Que já vos não conhecia.  
 Não me queiraes mais chorar,  
 Deveis de considerar  
 Que para isso é o mundo ;  
 Que dobraes meu mal profundo,  
 Para bem é mal passar:  
 E bem sabeis que nascemos,

Para ir a esta jornada,  
E que quanto mais vivemos,  
Maior offensa fazemos  
A quem nos criou de nada.  
Assim que necessidade  
Não tendes de me chorar,  
Pois que Deos me quiz levar  
No melhor de minha idade,  
Para mais me aproveitar.  
Mas o que haveis de fazer,  
É por minha alma rogar,  
Porque o muito chorar  
A' alma não dá prazer,  
Mas antes mui grão pesar.  
Quero-vos encommendar  
Minha esposa e minha madre,  
Pois que não tem outro padre,  
Que as haja de amparar,  
Senão vós, como é verdade.  
Mas o que me dá paixão  
Em esta triste partida,  
É morrer sem confissão,  
Mas se parto d'esta vida,  
Deos receberá a tenção.

(Vem o Ermitão e o Pagem)

Ermitão: A paz de Deos sempiterno  
Seja comvosco irmão,  
Lembrae-vos da sua paixão  
Que, por nos livrar do inferno,  
Padeceu quanto a varão.

Valdevinos: Com cousa mais não folgára  
De que vê-lo aqui chegado,

Padre de Deos enviado,  
Que se um pouco mais tardara,  
Não me achára n'este estado.

**Pagem :** Oh que desastrada sorte  
Meu senhor Dones Ogeiro !  
Olhae vosso escudo forte  
Olhae, senhor, vosso herdeiro,  
Em que extremo o pôz a morte.  
Oh desditoso caminho,  
Caça de tanto pezar,  
Que cuidando de caçar,  
A morte a vosso sobrinho  
Viestes, senhor, buscar.

**Ermitão :** A gram pressa que trazia,  
Não me deu, senhor, logar,  
De conhecer, nem falar  
A vossa gram senhoria.  
N'este erro se ha culpa,  
Peço-lhe d'elle perdão,  
Ainda que a discrição  
Sua me dará desculpa.

**Marquez :** Rogae a Deos Padre honrado,  
Que me queira dar paciencia,  
Que o perdão é escusado,  
Porque vossa diligencia  
Vos não deixa ser culpado.

**Ermitão :** O filho de Deos enviado  
Vos mande consolação!  
E pois que aqui sou chegado  
Quero ouvir de confissão  
Este ferido e angustiado.  
Coisa é mui natural

A morte a toda a pessoa,  
A todo o mundo em geral,  
Pois que a nenhum perdôa,  
Não a tenhamos por mais.  
Porque o peccado de Adão,  
Foi tão fero e de tal sorte,  
Que não só por perdição.  
Mas Deos, que é salvação,  
Quiz tambem receber morte.  
E por tanto, filho meu,  
Não se deve de espantar,  
Da morte que Deos lhe deu,  
Pois que em provimento seu,  
Lh'a deu o para salvar.  
Lembre-lhe sua paixão:  
Veja este mundo coitado,  
E não o engode o malvado,  
Que não dá por galardão  
Senão tristeza e cuidado.  
Em quanto, filho, tem vida,  
Chame a Madre de Deos,  
Aquella que foi nascida,  
Sem peccado concebida,  
E coroada nos céos.  
Esta foi santificada,  
E visitada dos Anjos;  
E em corpo e alma levada  
A' gloria, onde exaltada  
Lá está sobre os archanjos.  
Assim, que ao Redemptor,  
E a esta Virgem sem par  
Se hade, filho, encommendar,  
Depois que os santos fôr  
Sua vontade chamar.  
As mãos levante aos céos,  
Faça confissão geral,



Confessando-se a Deos,  
E á Virgem celestial,  
E a todos os santos scus.

Marquez : Oh bonancia aborrecida,  
Oh desastrada fortuna !  
De prazeres gram tribuna !  
Porque não desamparaes  
A quem sois tam importuna?  
Tristeza, desconfiança,  
Porque não desesperacs  
A quem não tem confiança ?  
Contae-me, pagem Burlor,  
O caso como passou,  
Quem foi aquelle traidor  
Que matou vosso senhor,  
Ou porque causa o matou.

Pagem : Seria mui mal contado  
Se a sua gram Senhoria  
Não contasse o que é passado.  
Eu sei certo que faria,  
O que não é esperado  
Contra quem me deu estado,  
E ha feito tantas mercês,  
Que nunca meu pae me fez,  
Que é meu senhor amado,  
E mais vós, senhor Marquez.  
Estando pois em Paris,  
O filho do Imperador,  
Mandou chamar meu senhor  
Nos paços da Imperatriz ;  
Falaram muitos a sabor,  
O que falaram não sei,  
Senão que logo n'essa hora  
Sem fazerem mais demora,

Com quatro detraz de si  
Foram da cidade fóra,  
Armados secretamente,  
Segundo depois ouvi.  
Partimos todos d'aí.  
E Dom Carloto presente,  
Tambem armado outrosi.  
E tanto que aquí chegaram,  
N'este valle de pezar  
Todos juntos se apearam,  
E fizeram-me ficar  
Com os cavallos que deixaram.  
E logo todos entraram  
Em este esquivo logar,  
Onde meu senhor mataram;  
E depois de o matar,  
Nos cavallos se tornaram;  
Como eu os vi tornar,  
Sentindo muito tal dôr,  
Temendo de lhe falar,  
Não usei de perguntar  
Onde estava meu senhor.  
Vendo-os assim caminhar,  
Porque nenhum me falava,  
Quiz a meu senhor buscar,  
Porque o coração me dava  
Sobresaltos de pezar.  
Não o podia topar,  
Porque a grande espessura  
E a noite medrosa, escura  
Me fazia não o achar:  
Do que tinha gram tristura.  
Buscando-o com gram paixão,  
N'aquelle logar remoto  
O achei d'esta feição.  
Disse como á traição

O matára Dom Carloto.  
Perguntei porque rasão?  
Triste, cheio de agonias,  
Disse-me com afflicção:  
«Vae-me buscar confissão,  
Já se acabaram meus dias.»  
Como taes novas ouvi,  
Com grande tribulação  
E pezar de vél-o assi,  
Me parti logo d'aqui  
A buscar esse Ermitão.  
Isto é, senhor, o que sei  
D'este caso desastrado,  
Quanto me ha perguntado,  
Outra cousa não direi  
Mais do que lhe hei contado.

Marquez : Quando sua magestade  
Justiça me não fizer  
Com toda a rigoridade,  
A' força de meu poder  
Cumprirei minha vontade.

Ermitão : Já, senhor, se ha confessado,  
E fez actos de christão ;  
Morre com tal contricção,  
Que eu estou maravilhado  
De sua gram discrição.  
Muito não pode tardar,  
Segundo n'elle senti :  
Acabei de lhe falar,  
Porque lhe quero resar  
Os psalmos de el-rei David.

Valdevinos : Não tomeis, tio, pezar,  
Que me parto de vos ver

Para nunca mais tornar;  
Pois Deos me manda chamar  
E não posso mais fazer.  
Torno-vos a encommendar  
Minha esposa e minha mãe,  
Que as queirnes consolar,  
E ambas as amparar,  
Pois que não tem outro pae.

Oração de Valdevinos:

Em as tuas mãos, Senhor,  
Encommendo meu espirito;  
Pois que és Salvador meu,  
Meu Deos, e meu Redemptor,  
Não me falte favor teu;  
Pois, Senhor, me redemiste,  
Como Deos, que és de verdade,  
Senhor de toda a piedade,  
Lembra-te d'esta alma triste  
Cheia de toda a maldade.  
Salve, Senhora benigna,  
Madre de misericordia,  
Paz de nossa gram discórdia,  
Dos peccadores mesinha;  
Vida doce e concordia,  
*Spes nostra*, a ti invocamos,  
Salva-nos da escura treva.  
A ti, Senhora, chamamos  
Desterrados filhos de Eva;  
A ti, Virgem, suspiramos  
A ti gemendo e chorando  
Em aqueste lagrimoso  
Valle sem nenhum repouso,  
Sempre Virgem, a ti chamamos,  
Que és nosso prazer e gôso.

Ora pois, nossa advogada,  
Amparo da christandade,  
Volve os olhos de piedade  
A mim, Virgem consagrada,  
Pois que és nossa liberdade.  
Dá-me, Senhora, virtude  
Contra todos meus inimigos,  
Pois que és a nossa saúde,  
Eu te rogo, que me ajudes  
Nos temores e perigos;  
Roga tu por mim, Senhora,  
Oh santa madre de Deos,  
A quem minha alma adora,  
Pois és rainha dos céos,  
E dos anjos superiora.

(Aqui expira Valdevinos)

Marquez : Oh triste velho coitado !  
Oh câs cheias de tristura !  
Oh doloroso cuidado !  
Oh cuidado sem ventura,  
Sem ventura desterrado !  
Quebrem-se minhas entranhas  
Rompa-se meu coração  
Com minha tribulação.  
Chorem todas as campanhas  
Minha grande perdição;  
Escura-se o sol com dó,  
Caiam estrellas do céo,  
As trevas de Faraó  
Venham já sobre mim só,  
Pois minha luz se perdeu  
Na luz de mui claro dia;  
Claridade, sem clareza,  
Minha doce companhia,

Onde está vossa alegria,  
 Que me deixa tal tristeza?  
 Oh velhice desastrada,  
 Sem gloria e sem prazer,  
 Para que me deixaes ser,  
 Pois que sendo, não sou nada,  
 Nem desejo de viver?  
 Porque não vens, padecer,  
 Porque não vindes, tormentos?  
 Para que são soffrimentos,  
 A quem os não quer já ter,  
 Nem busca contentamentos?  
 Para que quero rasão  
 Para que quero prudencia,  
 Nem saber, nem discricião?  
 Para que é paciencia,  
 Pois perdi consolação?

Pagem · Oh meu senhor muito amado,  
 Porque vos tornastes pó!  
 Porque me deixastes só  
 Em este mundo coitado  
 Com tanta tristeza e dó?  
 Leváreis-me em companhia,  
 Pois sempre vos tive, vivo.  
 Oh minha grande alegria,  
 Porque me deixaes captivo,  
 Mettido em tanta agonia?  
 Meu senhor, minha alegria  
 Dizei, porque nos deixaes  
 Com tanta pena notoria!  
 Lembrae-vos, tende memoria,  
 De quantos desamparaes.  
 Oh sem ventura Burlor!  
 De quem serás amparado,  
 De quem terás o favor

Que tinhas do teu senhor,  
Pois que já te ha faltado ?

Ermitão: Não tomeis, filho, pezar  
Pois claramente sabeis,  
Que pelo muito chorar  
Não cobraes o que perdeis.  
Deveis, filho, de cuidar,  
Que nossa vida é um vento  
Tão ligeiro de passar,  
Que passa em um momento  
Por nós, assim como o ár.  
Quem viu o senhor Infante,  
Tão pouco ha, fazer guerra,  
E ser n'ella tão possante,  
E agora em um instante,  
Ser tornado escura terra,  
Diria com gram rasão  
Que este mundo coitado  
Não dá outro galardão,  
Senão tristeza e paixão,  
Como a vós outros foi dado.  
Olhae, el-rei Salomão  
O galardão que lhe deu:  
A Amão, e Absalão,  
E ao valente Sansão,  
E ao forte Macabeu.  
Em a Sacra Escriptura  
Muitos mais podia achar,  
Se os quizesse contar ;  
Mas vossa grande cordura  
Suprirá donde faltar,  
E pois que não tem já cura  
O mal feito e o passado,  
Cesse a vossa tristura,  
E demos á sepultura

Este corpo já finado.  
 Levemol-o onde convém  
 Para que seja enterrado;  
 E podê bem ser guardado  
 N'aquella ermida que vêem,  
 Até ser embalsamado.

(Aqui levam a Valdevinos á Ermida, e entra o Imperador e conde Ganalão)

Imperador: Certo, Conde Ganalão,  
 Muito gram perda perdemos,  
 Pêza-me no coração,  
 Porque na côrte não temos  
 Reinaldos de Montalvão,  
 Nem o Conde Dom Roldão,  
 Nem o Marquez Oliveiros,  
 Nem o Duque de Milão,  
 Mem o Infante Gaifeiros,  
 Nem o forte Meredião.

Ganalão: Muito alto Imperador,  
 Muito estou maravilhado  
 Porque mostraes tal favor  
 A quem vos ha deshonrado  
 Com tanta ira e rigor,  
 Que, chamando-se Almansor,  
 Com o seu rosto mudado  
 Aquelle falso traidor  
 Com mui grande deshonor,  
 Quiz deshonrar vosso estado:  
 Porque, senhor, não sentís,  
 Que este malvado ladrão  
 Vos prendeu de sua mão  
 Tomando-vos a Paris  
 Com muito grande traição?  
 Pondo-vos em Montalvão



Apesar de vosso imperio,  
Onde com gram vituperio  
Estivestes em prisão,  
Sem ter nenhum refregerio?

Imperador: Verdade é isso, cunhado,  
Porém deveis de saber  
Que em Reinaldos me prender  
Eu mesmo sou o culpado:  
Isto bem o podeis crêr.  
Se então me quiz offender  
Não é muita maravilha,  
Pois já me quiz guarnercer  
Matando el-rei Carmeser,  
Que me trouxe a sua filha.

Ganalão: Vossa real magestade  
Dirá tudo o que quizer,  
Mas eu espero a Beltrão...  
Que se conheça a maldade,  
De quem se hade conhecer.

(Aqui se vae Ganalão: e vem dois Embaixadores mandados pelo Marquez de Mantua, chamados Dom Beltrão e Duque Amão: e virão vestidos de dó)

Beltrão: Gram Cezar Octaviano,  
Magno, augusto, forte rei,  
Grande imperador romano  
Amparo da nossa lei,  
Poderosa magestade,  
Senhor de toda a Magança,  
Da Gascunha e da França,  
Gram patrão da christande,  
Esteio da segurança!  
Pois sois senhor dos senhores,  
Imperador dos christãos,

Somos vossos servidores,  
Amigos leaes e sãos.

Imperador: Eu me espanto, Dom Beltrão,  
De vos vêr d'aquella sorte,  
E a vós forte Duque Amão,  
Não é esta disposição  
E traje da nossa Côrte.

Duque: Muito mais será espantado  
De nossa triste embaixada,  
E do caso desastrado,  
O qual lhe será contado,  
Se seguro nos é dado.

Imperador: Bem o podeis explicar  
Sem ter medo, nem temor.  
Para que he assegurar?  
Pois sabeis que o embaixador  
Tem licença de falar.

Duque: Quiz senhor, nossa mofina  
Que o infante Valdevinos,  
Primo do forte Guarinos,  
Filho da linda Hermelinda  
E do grande rei Salinos,  
Fosse morto á traição  
Na floresta sem ventura.  
A tão grande desventura  
Haverá quem não procure  
De vingar tal perdição?

Imperador: E' certa tam gram maldade,  
Que o sobrinho do Marquez  
E' morto, como dizeis?

- Duque: Pela maior falsidade,  
Que nunca ninguem tal fez.
- Imperador: Este caso é desastrado:  
Saibamos como passou,  
E quem tão mau feito obrou;  
Que, o que tal senhor matou,  
Merece bem castigado.
- Duque: Saiba vossa magestade  
Que dez dias pôde haver  
Que o Marquez foi á cidade  
De Mantua com gram vontade  
A' caça, que sóe fazer.  
Andando assim a caçar,  
Da companhia perdido  
Foi por ventura topar  
Com seu sobrinho ferido,  
Quasi a ponto de expirar.  
Bem póde considerar  
O gram pezar que teria  
De se vêr sem companhia,  
E morrer em tal logar  
A coisa que mais queria.  
Perguntando a rasão,  
Sendo d'ella mui ignoto,  
Disse com grande paixão,  
Que o matára a traição  
Vosso filho Dom Carloto.  
A causa que o moveu  
Dar morte tão dolorosa  
A tão grande amigo seu,  
Não foi outra, senhor meu,  
Salvo tomar-lhe a esposa.  
Matou-o á falsa fé,  
Indo muito bem armado,

Com quatro homens de pé.  
 Quem mata tão sem porque  
 Merece bem castigado.  
 O marquez Danes Ogeiro  
 Lhe manda pedir, senhor,  
 Justiça mui por inteiro:  
 Que ainda que perca herdeiro,  
 Elle perde successor.

Dom Beltrão: Não deve deixar passar  
 Tão gram mal sem o prover,  
 Porque deve de cuidar,  
 Se seu filho nos matar,  
 Quem nos deve defender?  
 E mais lhe faço saber,  
 Porque esteja aparelhado,  
 Se justiça não fizer,  
 Que o Marquez tem jurado  
 De por armas a fazer.  
 O mui valente e temido  
 Reinaldos de Montalvão  
 Entre todos escolhido,  
 Está bem apercebido  
 Como geral capitão.  
 Dom Chrisão e Aguilante  
 Com o forte Dom Guarinos,  
 E o valente Montesinos  
 Primo do morto Infante,  
 Primo de el-rei Dom Salinos,  
 E o mui grande Rei Jaião,  
 De Dom Reinaldos cunhado,  
 E o esforçado Dudão,  
 E o gram Duque de Milão,  
 E Dom Richarte esforçado,  
 O Marquez Dom Oliveiros,  
 E o famoso Durandarte,

E o infante Dom Gaifeiros,  
E o mui forte Ricardo,  
E outros fortes cavalleiros,  
Todos tem boa vontade  
De ajudar ao Marquez  
Em essa necessidade;  
Porque foi gram crueldade  
A que vosso filho fez.  
Evitae, senhor, tal damno,  
Pois que sois juiz sem par,  
Não vos mostreis inhumano,  
Acordae-vos de Trajano,  
Em a justiça guardar.  
Assim que, alto, esclarecido,  
Poderoso sem equal,  
O que fez tão grande mal,  
Bem merece ser punido  
Por seu mandado imperial.  
E pois, senhor, é proposta  
A causa, porque viemos,  
E sabeis o que queremos,  
Mandae-nos dar a resposta,  
Com que ao Marquez tornemos.

Imperador: Oh poderoso senhor,  
Que grande é o vosso mysterio:  
Pois para meu vituperio  
Me déste tal successor,  
Que deshonrasse este Imperio?  
Se o que dizeis é verdade,  
Como creio que será,  
Nunca rei na christandade,  
Fez tão grande crueldade,  
Como por mim se verá.  
Por minha corôa juro  
De cumprir e de mandar

Tudo que digo e procuro.  
Ao Marquez podeis dizer,  
Que elle pôde vir seguro,  
E todos quantos tiver,  
Venham de guerra ou de paz,  
Assim como elle quizer.  
E pois que justiça quer,  
Com ella muito me praz.

(Entra Dom Carloto)

D. Carloto: Bem sei, que com gram paixão  
Está vossa magestade  
Pela falsa informação  
Que de mim, contra rasão,  
Deram com gram falsidade.  
Porque um filho de tal home,  
E tão grande geração,  
Não deve sujar seu nome  
Em caso tal de traição.  
Por vida de minha madre,  
Que se tão grande deshonor  
Não castigar com rigor  
Que me será cruel padre,  
Não direito julgador.

Imperador: Não vos queiraes desculpar;  
Pois que tendes tanta culpa,  
Que se o mundo vos desculpa,  
Eu não heide desculpar.  
E por tanto mando logo,  
Que estejaes posto a recado,  
Até ser determinado  
Por conselho de meu povo  
Se sois livre ou condemnado.  
Mando que sejaes levado

A' minha gram fortaleza,  
E que lá sejaes guardado  
De cem homens do estado  
Até saber a certeza.

D. Carloto: E como, senhor, não quer  
Vossa real magestade  
Saber primeiro a verdade,  
Senão mandar-me prender  
Por tão grande falsidade?

Imperador: Não vos quero mais ouvir,  
Levem-no logo á prisão,  
Onde eu o mando ir;  
Porque tam grande traição  
Não é para consentir.  
Vós outros podeis tornar,  
E contar-lhe o passado  
A quem vos cá quiz mandar;  
Que o seguro que lhe hei dado,  
Eu o torno a afirmar.

(Aqui vem a Imperatriz)

Imperatriz: Eu muito me maravilho  
De vossa grande bondade;  
Que sem rasão, nem verdade  
Trataes assim vosso filho  
Com tão grande crueldade.  
Olhe vossa magestade  
Que é herdeiro principal,  
E que toda a christandade  
Lh'o hade ter muito a mal.

Imperador: A mim, senhora, convém  
Ser contra toda a traição,

E se vosso filho a tem,  
Castigal-o-hei muito bem;  
E essa é a minha tenção.  
E mais eu vos certifico,  
Que com direito e rigor  
Heide castigar o iniquo,  
Ora seja pobre, ou rico,  
Ora servo, ou gram senhor.

Imperatriz: Como quer vossa grandeza  
Infamar o nosso estado  
Sem causa, com tal crueza?

Imperador: Quem me cá mandou recado  
Não foi senão com certeza.

Imperatriz: Por tal recado, senhor,  
Quereis tratar de tal sorte  
Vosso filho e successor,  
Que depois de vossa morte  
Hade ser imperador?

Imperador: Em eu o mandar prender  
Não cuideis que o maltrato;  
Mas se elle o merecer,  
Eu espero de fazer  
A justiça de Torquato;  
Porque pae tão poderoso,  
Sendo de tantos caudilho  
Se não fôr tão rigoroso,  
Nem elle será bom filho,  
Nem será rei justicoso.  
Que agora, mal peccado!  
Nenhum rei, nem julgador  
Faz justiça do maior;  
Mas antes é desprezado



O pequeno com rigor.  
 Todo o mundo é afeição;  
 Julgam com rara remissa  
 O nobre que, sem rasão  
 Alguma, tem opinião  
 De lhe tócar a justiça...  
 Que conta posso eu dar  
 Ao Senhor dos altos céos,  
 Se a meu filho não julgar  
 Como outro qualquer dos meus?  
 Assim que escusado é  
 Buscar este intercessor;  
 Porque Deos de Nazareth  
 Não me fez tão gram senhor  
 Para minha alma perder.

operatriz: Ai triste de mim coitada!  
 Para que quero viver,  
 Pois que sempre heide ser  
 Do meu filho tão penada,  
 Como uma triste mulher?  
 Pois tão triste heide ser  
 Por meu filho muito amado,  
 Nunca tomarei prazer,  
 Senão tristeza e cuidado.

operador: Não faças tantos extremos,  
 Pois dizeis que tem desculpa,  
 Que antes que sentença démos,  
 Primeiro todos veremos  
 Se tem culpa ou não tem culpa.  
 Mostrae maior soffrimento,  
 Que o caso é desastrado,  
 E i-vos a vosso aposento,  
 Que elle não será culpado.

(Aqui se vae a Imperatriz, e vem a mãe, e esposa de Valdevinos)

Mãe: Oh coração lastimado,  
Mais triste que a noite escura!  
Oh dolorosa tristura,  
Cuidado desesperado,  
E fortunosa ventura!  
Oh vida da minha vida,  
Alma d'este corpo meu!  
Oh desditosa perdida,  
Oh sem ventura nascida,  
A mais que nunca nasceu!  
Oh filho meu muito amado,  
Minha doce companhia,  
Meu prazer, minha alegria,  
Minha tristeza e cuidado,  
Minha sab'rosa lembrança,  
Que serei eu sem vos vêr?  
Filho de minha alegria,  
Oh meu descanso e prazer,  
Porque me deixaes viver,  
Vida com tanta agonia?  
Adonde vos acharei,  
Consôlo de meu pezar?  
Onde vos irei buscar,  
Pois que perdido vos hei  
Para jámais vos cobrar!  
Filho d'esta alma mesquinha,  
Dos meus olhos claridade,  
Onde estás, minha mesinha?  
Filho de minha saudade,  
Meu prazer e vida minha?

Esposa: Que é de vós meu coração,  
Que é da minha liberdade,  
Espelho da christandade,

Quem vos matou sem razão  
Com tão grande crueldade?  
Quem vos apartou de mim,  
Meu querido e meu esposo?  
Oh meu prazer saudoso,  
Porque me deixaes assim  
Com cuidado mui penoso?  
Oh minha triste saudade,  
Oh meu esposo e senhor,  
Minha alegria e vontade,  
Escudo da christandade,  
Dos tristes consolador!  
Que farei pobre coitada,  
Mais que nenhuma nascida?  
Misericavel, angustiada,  
Para que quero ter vida,  
Pois minha alma é apartada?  
Oh fortuna variavel,  
Triste, cruel, matadora,  
De prazeres roubadora,  
Inimiga perduravel,  
Mata-me se queres agora.

Hermelinda: Se vossa gram magestade  
Não dér castigo direito  
A quem tanto mal ha feito,  
Nem sustentar a verdade,  
Não será juiz perfeito.  
Não olhe vossa grandeza.  
Sua madre dolorosa,  
Nem sua tanta tristeza;  
Mas olhe tão gram princeza  
Como esta sua esposa.

Imperador: Faz-me tanto entristecer  
Este tão gram vituperio,

Que mais quizera perder  
Juntamente meu Imperio,  
Que tal meu filho fazer.  
Mas se tal verdade é  
Como já sou informado,  
Que tal castigo lhe dê,  
Que seja bem castigado.

Sybila: Seja justiça guardada  
A esta orpha sem marido,  
Viuva desamparada,  
Tão triste e desconsolada  
Mais que quantas têm nascido.  
Olhae, senhor, tão gram mal,  
Como vosso filho ha feito,  
E não queiraes ter respeito  
Ao amor paternal,  
Pois que não é por direito.

Imperador: Senhora, não duvideis  
Que eu farei o que hei jurado,  
Se é verdade o que dizeis,  
Porque cumpre meu estado  
De fazer o que quereis:  
Que mais quero ter commigo  
Fama de rigoridae,  
Que deixar de ter castigo  
Quem commetteu tal maldade.  
Para que é ser caudilho  
De tanto povo e tão grado,  
E Imperador chamado,  
Se não julgasse meu filho  
Como qualquer estragado?  
Não cuidem duques, nem reis,  
Que por meu herdeiro ser,  
Que por isso hade viver;

Que aquelle, que faz as Leis,  
E' obrigado a as manter.  
Assim que, por bem querer,  
Amizade nem respeito  
Como agora sóem fazer,  
Não heide negar direito,  
A quem direito tiver.  
E bem vos podeis tornar,  
Fazei certo o que dissestes,  
E não tomeis tal pesar,  
Porque o bem que perdestes,  
Não o cobraes com chorar.

Hermelinda: Senhor, nós outras nos pomos  
Em mãos de vossa grandeza:  
Olhae bem, senhor, quem sómos,  
E de que linhagem fomos,  
Pois Deos nos deu tal nobreza.

Sybila: Olhae os serviços dínos,  
Que tanto tempo vos fez  
Meu esposo Valdevinos;  
Tambem seu tio Marquez,  
E como foram continos.

(Aqui se vae Hermelinda e Sybila, e virá Reinaldos com uma carta, que to-  
maram a um Pagem de Dom Carloto)

Reinaldos: O summo rei dos senhores,  
Que morreu crucificado  
Em poder dos pharizeus,  
Accrescente vosso estado,  
E vos livre dos traidores.

Imperador: Mui valente e esforçado,  
Reinaldos de Montalvão,

Vós sejaes tambem chegado,  
Como a sombra no verão.  
Muito estou maravilhado,  
Invencivel e mui forte,  
De ver-vos assim armado,  
Sabendo que em minha côrte,  
Nunca fostes mal tratado.

Reinaldos: Senhor, não seja espantado  
De vêr-me assim d'esta sorte,  
Porque com todo o cuidado,  
Ganalão vosso cunhado  
Sempre me procura a morte.  
Bem sabeis que sem rasão  
Com vontade mui malina,  
Fez matar com gram traição,  
A Tiranes, e Erocina,  
E ao feito Salião,  
E a mim já quiz matar  
Muitas vezes com maldade;  
E para mais me danar,  
Fez á sua magestade,  
Mil vezes me desterrar.  
O grande mal que me quer  
De todo o mundo é sabido,  
E por isso quiz trazer  
Armas para offender,  
Antes que ser offendido.  
Mas deixando isto assim  
Guardado p'ra seu logar  
Onde se hade vingar,  
Vos quero, senhor, contar:  
Notorio a todo o christão  
E' o pesar lastimeiro  
Do Marquez Danes Ogeiro,  
Que tem com justa rasão

Pela morte do herdeiro.  
N'esta nobre côrte estão  
Muitos mui nobres senhores,  
Que sabem que Dom Beltrão  
E o nobre Duque Amão  
Foram seus embaixadores :  
Tambem este é sabedor  
Das respostas que lhe déstes,  
E mais de como prendestes  
Vosso filho successor.  
Do qual está mui contente  
De tel-o posto em prisão,  
E tem mui grande rasão,  
Porque na carta presente  
A qual fez da sua mão,  
Confessa toda a traição,  
E um pagem a levava  
Para o Conde Dom Roldão,  
Que na cidade de Boava  
Faz a sua habitação.  
E como não ha falsia,  
Que se possa esconder,  
Tinha o Marquez espia,  
Porque queria saber  
O que Dom Raldão faria.  
Esse pagem embuçado,  
Sem suspeita, sem revez  
Ia mui determinado,  
Onde logo foi tomado,  
E levado ao Marquez.  
Lendo a carta Dom Guarinos,  
N'ella contava a tenção,  
Porque o matára á traição.  
Isto é, senhor, a verdade,  
O que vos manda dizer:  
Se o que digo é falsidade,

(Que por isso a quiz trazer,)  
 A letra é bom conhecer,  
 Que é este o seu sinal.  
 Pois, quem fez tão grande mal,  
 Bem merece padecer  
 Morte justa corporal.

Imperador: Se tal a carta disser,  
 Não se ha mister mais provar,  
 Nem mais certeza fazer,  
 Senão logo executar  
 A pena que merecer.  
 E por tanto sem deter,  
 Lea-se publicamente  
 Ante esta nobre gente;  
 Porque todos possam vêr  
 Vossa verdade evidente.

Carta de Dom Carloto a Dom Roldão.

«Caudilho de gram poder,  
 Capitão da christandade,  
 Esta vos quiz escrever,  
 Para vos fazer saber  
 Minha gram necessidade.  
 Porque o verdadeiro amigo,  
 Hade ser no coração,  
 Assim como fiel irmão  
 E não hade temer p'rigo,  
 Por salvar quem tem rasão.  
 Porque sabereis, senhor,  
 Que me sinto mui culpado,  
 Como quem foi matador ;  
 E temo ser condemnado  
 De meu padre Imperador.  
 Eu confesso que pequei,



Pois com vontade damnosa  
A Valdevinos matei.  
Amor me fez com que errei,  
E o primor de sua esposa.  
O Imperador meu padre  
Me mandou prezo guardar,  
E nunca quiz attentar  
Os rogos da minha madre.  
A ninguem quer escutar,  
E o Marquez tem jurado  
De não vestir, nem calçar,  
Nem entrar em povoado,  
Até me vêr justiça.  
Tendo por accusadores,  
Reinaldos de Montalvão,  
E seu padre o Duque Amão,  
E muitos grandes senhores:  
O Gram Duque de Milão  
Com o forte Montesinos,  
Que é primo de Valdevinos.  
Assim que todos me são  
Accusadores continos.  
Pois tantos contra mim são,  
Eu vos rogo como amigo,  
Que vós queiraes ser commigo;  
Porque tendo Dom Roldão,  
Não temo nenhum perigo.»

Imperador: Antes que algum mal cresça,  
Façamos o que devemos:  
Pois o sinal conhecemos,  
E pois vemos que confessa,  
De mais prova não curemos,  
Nem vós façaes mais detença:  
E pois já tendes licença,

Podeis dizer ao Marquez  
Que venha ouvir a sentença.

(Ir-se-ha Dom Reinaldos, e vem a Imperatriz vestida de dó)

Imperador: Senhora, já não dirão  
Que fui eu mal informado,  
Nem que o prendo sem rasão,  
Pois por sua confissão,  
Vosso filho é condemnado.  
Vêdes a carta presente,  
Que foi feita da sua mão,  
Para o Conde Dom Roldão;  
A qual muito largamente,  
Declara toda a traição.

Imperatriz: Eu muito me maravilho  
Do que, senhor, me ha contado;  
Pois que elle ha confessado,  
Melhor é morrer o filho  
Que deshonnar o estado.  
Mas a dôr do coração  
Sempre me hade ficar...  
Peço-lhe com affeição,  
Que lhe busque salvação,  
E que o queira escutar.

Imperador: Melhor é que o successor  
Padeça morte sentida,  
Que ficar o pae traidor,  
Que será trocar honor  
Pela deshonna nascida.  
Tambem eu padeço dôr,  
Tambem eu sinto paixão,  
Tambem eu lhe tenho amor,

Mas antes quero rasão,  
Que amisade sem favor.

Imperatriz: Pois que não póde escapar,  
Eu não consinto, nem quero,  
Que vós o hajaes de julgar,  
Porque vos podem chamar  
Muito mais peor que Nero.

Imperador: Não vivaes em tal engano,  
Que tambem foram caudilhos  
O gram Torcato, o Trajano,  
E quizeram com gram dano  
Ambos justificar seus filhos.  
Pois que menos farei eu  
Tendo tão grande estado?  
Quem é com rasão culpado  
Em maior caso que o seu?  
E por tanto eu vos rogo  
Que não tomeis tal pesar,  
Porque com vos enojar  
Dá-se gram tristeza ao povo.

Imperatriz: Eu cumprirei seu mandado,  
Porque vejo que é rasão;  
Mas sempre meu coração  
Terá tristeza e cuidado  
E grande tribulação.

(Aqui se vae a Imperatriz, e vem o Marquez de Mantua vestido de dó)

Marquez: Bem parece, alto senhor,  
Que vos fez Deos sem segundo,  
E de todos superior,  
Dos maiores o melhor,  
Rei e monarcha do mundo.

Porque vós, senhor, sois tal,  
 Que com rasão e verdade  
 Sustentaes a christandade  
 Em justiça universal,  
 A qual para salvação  
 Vos é muito necessaria,  
 Porque convém ao christão  
 Que use mais de rasão,  
 Que da affeição voluntaria :  
 Como faz vossa grandeza  
 Com seu filho successor  
 Assim que digo, senhor,  
 Que estima mais a nobreza  
 Que amisade, nem favor.

Imperador: Não curemos de falar  
 Em cousa tão conhecida ;  
 Porque n'esta breve vida  
 Havemos de procurar  
 Pela eterna e comprida.  
 Para sentir gram pesar,  
 Vós tendes rasão infinda,  
 E tambem de vos vingar,  
 Pois foi justa vossa vinda.  
 Bem vimos vossa embaixada,  
 E a causa d'ella proposta  
 Foi de nós mui bem olhada,  
 E não menos foi mandada  
 Mui convencivel reposta :  
 E vimos vossa tenção,  
 E soubemos vosso voto,  
 E vemos tendes rasão,  
 Pela grande informação  
 Do principe Dom Carloto.  
 E vimos a confissão  
 De Dom Carloto tambem,

E soubemos a traição  
Como na carta contém,  
Que mandava a Dom Roldão.  
De tudo certificado,  
Eu condemno a Dom Carloto  
Tudo o que hei mandado.

(Vem um Pagem da Imperatriz)

Pagem: A Imperatriz, senhor,  
Está tão amortecida  
De grande paixão e dôr,  
Que não tem pulso nem côr,  
Nem nenhum sinal de vida.  
Nenhum remedio lhe vemos;  
Está n'esse padecer,  
Sem lhe podermos valer:  
E segundo n'ella cremos  
Mui pouco hade viver.

Imperador: Eu muito me maravilho  
De sua gram discrição;  
Mais sinto sua paixão,  
Que a morte de meu filho...  
Não te quero mais dizer,  
Quero-a ir consolar,  
Pois tanto lhe faz mister.  
Não sei porque é enojar,  
Por se justiça fazer.

(Aqui se vae o Imperador, e virá Reinaldos com o Algoz, o qual  
traz a cabeça de Dom Carloto)

Reinaldos: Já agora, senhor Marquez,  
Vos podeis chamar vingado,  
Porque assás é castigado

O que tanto mal vos fez,  
Pois que morreu degolado.  
Fazei por vos alegrar,  
Dae graças ao redemptor,  
Pois assim vos quiz vingar,  
Sem nenhum de nós p'rigar,  
E com mais vosso valor.

*Folha volante de 1665.*

---

**Historia da Imperatri; Porcina, mulher do Im-  
perador Lodonio de Roma.**

No tempo do Imperador,  
Que Lodonio se dizia,  
Que a grã cidade de Roma,  
E seu Imperio regia,  
Casado com a Imperatriz  
Que Porcina nome havia,  
Por suas muitas virtudes,  
Formosura, e valia  
Como princeza que era  
Filha do grão rei da Hungria:  
Tinha este Imperador  
Comsigo em companhia  
Um irmão por nome Albano  
Que elle muito queria,  
Em rasão do parentesco,  
O melhor que ser podia.  
Este nobre Imperador  
Bem dois annos estaria  
Com sua amada mulher,  
Sem haver filho, nem filha,  
Certamente mui contente  
Pois Deos assim o queria,

E d'isso era servido,  
Por muitos bens que fazia :  
As viúvas amparava,  
E os pobres soccorria.  
As orfãs todas casava,  
Quantas na cidade havia.  
As obras de misericórdia  
Com grã vontade cumpria,  
Por amor de Jesus Christo,  
E da sagrada Maria.  
Tinha este Imperador  
Promettido em romaria,  
Visitar a terra santa,  
Que Jerusalem se dizia ;  
E ver os santos logares,  
Todos os que n'ella havia,  
Nos quaes havia de estar  
Um anno que assim cumpria.  
Antes de sua partida  
Quiz fazer o que devia,  
Deixou por governadores  
A sua nobre Porcina,  
E tambem a seu irmão,  
Que o povo assim o pedia.  
Como isto foi acceitado,  
O povo ajuntar fazia :  
Manifestou-lhe a partida,  
Que escusar-se não podia,  
Dizendo — que obedecessem,  
Sem curar de mais porfia,  
A sua amada mulher,  
Que em seu logar ficaria,  
E tambem a seu irmão,  
Pois tinha tanta valia.  
Todo o povo está contente  
Do que o Imperador queria,

E acabando de comer,  
A horas do meio dia,  
Entrou em o aposento  
Onde a Imperatriz dormia,  
Viu-a estar muito chorosa,  
Apartada de alegria.  
Como quem adivinhava  
O mal, que ella não sabia,  
Com o rosto dissimulado,  
Encobrando o que sentia,  
Disse-lhe d'esta maneira,  
Com pena que padecia:

— Minha amada companheira,  
Minha doce companhia,  
Lume de meus claros olhos,  
Espelho em que eu me via ;  
Porque estaes assim chorosa  
Com tão sobeja agonia ?  
Porque de ver-vos assim,  
A alma se me saía ?  
Mas se vós quereis, senhora,  
Deixarei a romaria,  
Mandarei outrem por mim,  
Pois não se escusa esta via.

Respondendo a Imperatriz  
D'esta maneira dizia :

« Não olheis vós, meu senhor,  
A fraqueza, que em mim havia,  
Porque eu como mulher  
Nunca deixar-vos queria ;  
Nem estar de vós apartada  
Só um momento de um dia.  
Mas o que vós promettestes



Outrem cumprir não podia,  
Que seria grão peccado,  
Que Deos muito extranharia.  
Por tanto, Nosso Senhor  
Seja sempre em vossa guia,  
Que eu vos encommendarei  
A elle e a santa Maria.

Despediu-se o Imperador  
Sem cuidar de mais porfia,  
Abraçando a Imperatriz  
Que mil lagrimas vertia,  
Pois no coração lhe deu  
Que mui tarde o veria.  
E depois d'elle partido  
Para a sua romaria,  
Esta tão nobre senhora  
Quiz fazer o que devia  
No governo do Imperio,  
Com Albano em companhia,  
Que seu marido Lodonio  
Nenhuma mingua fazia.  
Como este Albano era  
Cheio de toda a falsia,  
Amava a Imperatriz  
Já de muito tempo havia;  
Morria por seus amores  
Que todo se desfazia,  
Pela sua honestidade  
D'ella não a requeria;  
Que como agora tivesse  
Tempo para o que queria,  
Determina entrar com ella,  
Pois que fazel-o podia,  
Que, como governador,  
Ella não extranharia.

Em estas coisas pensando  
Está até o outro dia.  
A's horas que a Imperatriz  
De sua cama se erguia,  
Estava quasi despida,  
Porque a ninguem temia:  
Como viu entrar o cunhado  
Toda se estremecia.  
Porque sua honestidade  
Tal cousa não requeria:  
Como dentro entrou com ella  
Mui contente em demazia,  
Foi-lhe a beijar as mãos,  
O que d'antes não fazia.  
A Imperatriz tão casta,  
Assombrada em demazia,  
Cobriu-se com um roupão  
De ouro e de pedraria;  
Com rosto mui vergonhoso  
Encobrimdo o que sentia,  
Levantou-se logo em pé  
Descalça na pedra fria,  
Assombrada e mui turbada  
Espera o que lhe dizia.  
Disse-lhe o traidor cunhado,  
Sem olhar o que devia:

— «Perdoae-me, alta Princeza,  
Minha grande ousadia,  
Que d'onde ha força de amor  
Não póde haver cortezia.  
Muitos dias ha, senhora,  
Claro espelho e luz do dia,  
Que desejo descobrir-vos  
O que encobrir não podia;  
Que por vosso grande amor

Triste estou sem alegria,  
Se vós me não daes remedio,  
Sem nenhum eu ficaria.  
Por tanto se vós quereis,  
Grão prazer receberia  
De vos casardes commigo,  
Sem cuidar de mais porfia,  
Levantemo-nos c'o Imperio,  
Pois que fazer-se podia,  
Sendo nós Governadores  
Ninguem nol-o tolheria.  
Se vós, senhora, temeis  
Pelo que o povo diria,  
Eu irei matar meu irmão  
Estando na romaria.  
Far-lhe-hei dar tal peçonha,  
Que morra antes de um dia.

Foi-lhe a Imperatriz á mão  
Do mais que dizer queria,  
E abrazada toda em mágoa  
D'esta sorte respondia :

«Por certo, falso cunhado,  
Vós tendes grande ousadia,  
Vosso grande atrevimento  
Grão castigo merecia :  
Em que viva me queimassem,  
Nunca tal consentiria,  
Porque a fé e lealdade  
Que a meu marido devia,  
Em que me déssem mil mortes  
Eu nunca a quebrantaria !  
Tirae-vos diante de mim,  
Traidor cheio de falsia. »

Vendo-a elle tão irada,  
A grande pressa saia  
Da camara, onde estava  
Que assim se despedia.  
Temendo que aos seus brados  
Muita gente acudiria;  
Determinou entrar de noite  
Na camara onde dormia,  
E que com tapar-lhe a bocca,  
Seu desejo cumpriria.  
Descobrimdo isto a um pagem  
Que fiel lhe parecia,  
Porque o acompanhasse  
Na traição que commettia,  
Pareceu-lhe a este pagem,  
Que mui culpado seria,  
Se ali se deshonrasse  
Pessoa de tal valia;  
Determinou de dizer-lhe,  
Antes que chegasse o dia,  
Porque não viesse a effeito  
O que elle fazer queria.  
Como a Imperatriz o soube,  
Com grã pressa em demazia,  
O mandou logo prender  
Na casa d'onde dormia;  
Mandou-o pôr em uma torre,  
Que dentro do paço havia.

Depois que o Imperador  
Acabou sua romaria,  
Cumprindo sua promessa  
Como a tal senhor cumpria,  
Determinou de tornar-se  
Com muita grande alegria;  
Porque esperava de vêr

A quem tanto lhe queria.  
Mandou diante um correio  
Em que a saber lhe fazia,  
Como seria com ella  
Antes do oitavo dia;  
Com a qual a Imperatriz  
Foi alegre em demazia :  
Fel-o a saber á cidade,  
Porque assim fazer devia,  
Para fazer grandes festas  
A quem tanto merecia.  
Foi-se direita á prizão  
Onde o cunhado jazia,  
Disse-lhe :

« Senhor cunhado

Não tenhaes tal fantazia,  
Porque já vem vosso irmão,  
Tomemos grande alegria ;  
Eu vos perdôo o passado,  
Pois que ninguem o sabia ;  
Recebei o Imperador  
Com toda a cavallaria,  
E levareis um vestido  
De ouro e argenteria,  
Que está feito para vós,  
Que é de muita valia.

Tirou-o da prizão fóra,  
Foi com elle em companhia,  
Porque ninguem conhecesse  
O mal que feito havia.  
Cuidava o falso cunhado  
Em como se vingaria  
De quem lhe fez tal pezar,  
Pois já tel-a não podia.

Foi-se receber o irmão  
Pela pósta ao outro dia,  
Vestido todo de dó  
Que o cavallo lhe cobria;  
Chegando onde elle estava,  
Vestido assim como ia,  
Fez-lhe grande acatamento,  
Fingindo mais que sohia ;  
Quando viu o Imperador  
Certo não o conhecia,  
Mas depois de o conhecer,  
Mui turbado lhe dizia :

— Dizei-me por Deos, irmão,  
Por que assim o dó trazia,  
Como está a Imperatriz,  
Minha fiel companhia?  
Dizei-me se é viva ou morta?  
Tirae-me d'esta agonia,  
Que meu triste coração  
Grão sobresalto sentia.

Respondeu o falso irmão  
Com mui grande ousadia :

— «Eu vos direi a verdade  
Pela fé que vos devia,  
E por que sois meu irmão,  
A quem mentir não podia.  
Depois que d'aqui partistes  
Para ir á romaria,  
Deixastes a Imperatriz,  
E eu com ella em companhia,  
Para governar o Imperio  
De Roma e sua senhoria.  
Prouvera a Deos fôra eu

Sepultado em terra fria,  
Antes de ficar com ella,  
Pois tal traição commettia.  
Estando, senhor, dormindo  
Fóra de tão grã falsia,  
Entrou de noite commigo  
Na camara onde dormia,  
E chegando á minha cama  
D'esta sorte me dizia :  
« Que por mim perdida andava  
Já de muito tempo havia,  
Que casasse eu com ella,  
Sem cuidar de mais porfia :  
E que logo Imperador  
N'essas horas me faria,  
E quando vós viesseis,  
Que ella vos mataria  
Com muito forte peçonha,  
Que não vivesses um dia. »  
E porque não consenti,  
Disse que eu a accommettia,  
E fez-me logo prender,  
O que ella merecia.  
Até agora preso estive  
Com muito grande agonia.  
Esta é, senhor, a verdade,  
Que de mim saber querias.

Quando o nobre Imperador  
Tam maldita nova ouvia  
D'aquella que tanto amava  
Mais que a vida, em que vivia,  
Caíu do cavallo em terra,  
Uma hora se amortecia,  
Fizeram-n'o tornar em si,  
Com lhe deitar agua fria ;

Cobriu-se logo de dó  
Com o que o irmão trazia;  
Todo o amor que lhe tivera,  
Em odio se convertia.  
Sem mais falar com ninguem,  
Que a tristeza lh'o tolhia,  
Determinou dar-lhe a morte,  
Que ella tam mal merecia.  
De noite secretamente,  
O mais quieto que podia,  
Entrou dentro da cidade,  
A' meia noite seria;  
Mandou tres homens dos seus  
Sem outra mais companhia,  
Que matassem a Imperatriz  
Antes que viesse o dia,  
N'uma floresta cerrada  
Por onde gente não ia,  
E vestida a enterrassem,  
Porque assim fazer cumpria;  
E se isto não fizessem,  
A vida lhes custaria.  
Mandou-lh'a logo entregar  
C'o vestido que trazia,  
Para receber aquelle  
Que tão mal a recebia.  
Vendo-se ella assim levar,  
Suspeitando o que seria,  
Como discreta, que era,  
Cheia de sabedoria,  
Levantou o rosto ao céo,  
D'esta maneira dizia:

«Encommendo a Deos minh'alma  
E á virgem santa Maria,  
Porque me criou de nada,



Por sua bondade pia.  
Lembrae-vos, Senhor, de mim,  
Pois sem culpa padecia,  
Não olheis os meus peccados,  
Nem o mal, que merecia ;  
Mas vossa misericordia,  
Que todo o mundo cobria.  
Eu perdôo a meu cunhado  
Todo o mal que fazia,  
E tambem a meu marido,  
Porque enganado vivia.»

Os homens que a levavam  
Onde padecer havia,  
Viram sua formosura  
Co' a lua, que então saía,  
Disseram uns aos outros :

— Mal empregada seria  
A morte a esta senhora,  
Pois que tem tanta valia ;  
Gozemos primeiro d'ella  
Que a coma a terra fria.

N'isto se determinaram,  
Sem cuidar de mais porfia.

Respondeu a Imperatriz :  
(Bem vereis o que diria.)

«Fazei o que vos mandaram,  
Não cureis de fantazia ;  
Deixae a minha limpeza  
Para quem a merecia,  
Que se tocasses em mim,  
A vida vos custaria.»

Não cuidaram os algozes  
No que a senhora dizia,  
Antes remetteram a ella  
Com muito grande ousadia.  
A innocente cordeira,  
Vendo que a gente a despia,  
Começou a dar taes gritos,  
Que a floresta retinia;  
E como ainda era noite  
Em grande parte se ouvia.  
Acertou de ouvil-a um Conde  
Que muita gente trazia,  
Que vinha de Jerusalem,  
Onde muita gente ia.  
Quiz Deos que aquella noite  
Por ali fizesse via,  
Para livrar a Princeza  
Da pena que padecia.  
Como taes gritos ouviu  
Do cavallo se descia,  
E com muita grande pressa  
Na floresta se mettia;  
Seguiram-no seus criados,  
Cada um como podia,  
Ao som dos tristes gritos  
A gente toda o seguia;  
Foram dar n'aquella parte,  
Onde a coitada gemia,  
Que com mui grande fraqueza  
A força lhe fallecia,  
E se um pouco mais tarda  
Sua honra se perdia.  
O Conde mui piedoso,  
Que Clitaneo se dizia,  
Vendo tão grande maldade,  
Com grã pressa em demazia,

Disse: Matae, meus criados,  
Quem tal traição commettia.  
Todos foram logo mortos  
Antes d'uma ave-maria;  
E a Imperatriz ficou livre,  
Porque mal não merecia.  
Deu-lhe a Imperatriz as graças  
De bem que feito lhe havia;  
Quando isto aconteceu,  
Já era mui claro dia.  
E o Conde tão assombrado,  
Que quasi emmudecia  
De vêr sua formosura  
Mais que todas quantas via,  
Logo suspeitou que era  
Senhora de grã valia,  
Assim por seu parecer,  
Como pelo que vestia.  
Disse-lhe d'esta maneira  
Com mui grande cortezia :

« Não me negueis vós, senhora,  
Isto que agora diria,  
Porque não queria errar  
Contra vossa senhoria :  
Vós sois de alta linhagem,  
Isto eu o juraria;  
Se vós me dizeis quem sois,  
Grã prazer receberia;  
Quem vos trouxe a este logar  
Com tão falsa companhia?  
Dizei-me toda a verdade  
Sem cuidar de mais porfia.

Respondeu a Imperatriz,  
Porque encobrir se queria :

« Eu sou mal afortunada,  
Que não sei porque nascia,  
Por um falso testemunho  
Perdi minha grã valia ;  
Não vos posso mais dizer,  
Porque escusado seria :  
Senão, quero vos rogar  
Por Deos e santa Maria,  
Me quereis levar convosco  
O que eu não merecia ;  
Servir-vos-hei como escrava,  
Sempre de noite e dia.

Foi o Conde mui contente  
De fazer o que dizia ;  
Deu-lhe uma cavalgada  
De muitas que ali trazia.  
Chegaram á pousada  
Com muito grande alegria,  
Onde foi bem recebido  
De sua mulher Sophia ;  
Contou-lhe o que passou  
Em a sua romaria ;  
Tambem lhe apresentou  
A senhora que trazia ;  
Contou-lhe como a achara,  
Que nada não lhe mentia.  
Beijou-lhe a Princeza as mãos  
Inda que ella não queria,  
Tomou-lhe mui grande amor  
A Condessa em demazia,  
Que não comia sem ella,  
Com ella folgava e ria ;  
Mais que sua irmã carnal,  
Era o que lhe queria,  
Até o menino de teta,

Que pouco maior seria,  
Lh'o deu á Imperatriz,  
E sempre com ella dormia.

Tinha o Conde um irmão,  
Que Nathão por nome havia,  
O qual por esta senhora  
Graves penas padecia:  
Não tinha nenhum prazer  
O dia que a não via.  
Determinou descobrir-lhe  
Como por ella morria;  
E um dia, tendo logar,  
Quando a Condessa dormia,  
Disse-lhe d'esta maneira  
Com grande dor que sentia:

— Mui resplandecente aurora,  
Claro sol do meio dia  
Que fez o Eterno Pintor,  
Que todas as coisas cria.  
Minha alma por vós padece,  
Minha vida se perdia;  
Por isso me deu o amor  
Esta tão grande ousadia,  
Que ousasse a descobrir  
O que o coração sentia.  
O que vós tendes roubado  
E' liberdade e alegria;  
Essas crystalinas mãos  
De aljofar e pedraria  
Me deixae beijar, senhora,  
Pois que tem tanta valia.  
Não consintaes que padeça,  
Quem a vida só queria,

Para vos poder servir,  
Como ella merecia.

Querendo-lhe a mão tomar,  
A Imperatriz se desvia,  
Em ira toda abrazada,  
Resposta lhe não dizia :

«Senão olhara, senhor,  
O mal que n'isto faria,  
Eu manifestara ás gentes  
Vossa louca ousadia.  
Tirae-vos diante de mim,  
Não cureis de mais porfia,  
Ou dil-o-hei á Condessa,  
Minha senhora Sophia,  
E tambem ao senhor Conde,  
Que de mim tanto se fia.

Sem curar de mais palavras,  
Na camara se recolhia,  
Queixando-se da fortuna,  
Porque tanto a perseguia.  
Ficou tão triste Nathão,  
Quanto dizer não podia,  
Por tão áspera resposta  
Como d'ella ouvido havia.  
Todo o amor que lhe tivera,  
Em tedio se convertia;  
Determina de vingar-se  
Por qualquer maneira ou via.  
Como a noite foi cerrada,  
Que já ceado se havia,  
O Conde e a Condessa  
E toda a mais companhia,  
Cada um em seu aposento

A dormir se recolhia,  
E tambem a Imperatriz  
A' cama d'onde dormia;  
Levava comsigo o menino,  
Como d'antes o fazia.  
Deixou a candeia acceza,  
Como de costume havia.  
Assim como se deitou  
Logo se adormecia,  
Com o menino nos braços,  
Porque muito lhe queria.  
Estava o falso espreitando  
Como a cordeira dormia,  
Cançada de muitos choros,  
Que de continuo fazia,  
Lembrando-lhe seu marido,  
E o bem que d'elle perdia;  
E que sendo Imperatriz  
De tanto estado e valia,  
Agora como escrava  
De uma vassalla se via,  
E que de um seu irmão  
Tanta affronta recebia.  
Como viu este malvado,  
Que o somno a embebia,  
Tirou a porta do couce,  
Com um engenho que trazia,  
E foi-se direito á cama,  
Onde o sobrinho dormia,  
Degollou-o c'um cutéllo  
Mui agudo em demazia.  
Depois que o teve morto,  
Que com pé nem mão bolia,  
Deixou o cutéllo nas mãos  
Da innocente que dormia,  
E saíu cerrando a porta,

Melhor que elle podia.  
Era o sangue de tal sorte  
Que do menino corria,  
Que o corpo da Imperatriz,  
Olhos e mãos lhe enchia ;  
Como o tinha nos braços,  
Toda de sangue a cobria ;  
Entrando-lhe pela bocca,  
Acordar logo a fazia.  
Vendo na mão o cutéllo,  
E o menino que jazia,  
Começou com grandes gritos  
A publicar o mal que via,  
Dizendo : «Acudi depressa  
Minha senhora Sophia,  
Que mataram vosso filho  
Minha doce companhia.»  
A's vozes que ella dava,  
A Condessa se erguia,  
Que ainda estava na cama,  
Porque era antes do dia,  
E seu marido com ella  
Mui triste em demazia.  
Vendo o filho como estava,  
Em terra logo caía,  
Estava tal como morta,  
Que com pé nem mão bolia.  
A' coitada da Imperatriz  
A alma se lhe saía,  
Não podia suspeitar  
Quem tanto mal lhe fazia ;  
E ainda que suspeitasse,  
Pouco lh'aproveitaria.  
E n'isto chegou o irmão,  
Que de prazer não cabia,  
Porque tanto se vingara



De quem tanto a offendia.  
Disse o irmão a Clitaneo,  
Chorando, demais seria:

— Quem matou o meu sobrinho,  
Grande castigo merecia.  
Mandae-m'a vós queimar logo,  
Sem curar de mais porfia;  
Porque ali tem o cutélo  
Com que fez tão grã falsia.

Estas palavras dizendo,  
A Condessa em si volvia,  
Levantando-se em pé,  
Com o grande pezar que havia,  
Viu estar a Imperatriz,  
Que finada parecia,  
Seu rosto maravilhoso  
Feito côr de pedra fria;  
Seus olhos fontes de lagrimas  
Com o chorar que fazia;  
Tinha o coração cerrado,  
Falar a ninguem podia,  
Ainda que perguntavam,  
A ninguem não respondia.  
Estava como pasmada  
Com estas coisas que via.  
A Condessa piedosa,  
Com o bem que lhe queria,  
Não podia esta senhora  
Crêr que tal ella faria;  
Mas o malvado cunhado  
A todos os induzia,  
Que lhe déssem logo a morte  
Que ella tão bem merecia;  
E se matar a mandava,

Que elle mesmo a mataria,  
Por matar a seu sobrinho,  
Que tanto bem lhe queria.  
Chorando singularmente  
Mostrando que se doía ;  
E para mais a commover  
O cutélo lhe trazia,  
Todo coberto de sangue  
Do innocente que morria.  
A pomba sem fél chorava  
A tudo quanto ali via,  
Não querendo desculpar-se  
Porque crida não seria,  
E não por temor da morte,  
Que d'ella não se temia ;  
Mas antes continuamente  
A Deos sempre a pedia,  
Que quem vive sempre triste  
A morte lhe é alegria.  
E mais ella, que estava  
Com tão sobeja agonia :  
Acordou fazer-se muda,  
Pois falar-lhe não valia.  
A quanto lhe perguntavam  
Vendo que não respondia,  
Cuidando então a Condessa,  
Que culpada não seria,  
E que matára seu filho  
Alguem que mal lhe queria ;  
E que ella ora com pezar  
De tal sorte emmudecia,  
E dizendo a seu marido  
Isto que cuidado havia,  
Parecia-lhe bem ao Conde  
O que a Condessa dizia,  
Por não dar tão cruel morte

A quem tão bem a servia.

Foi determinado então,  
Desterral-a sem porfia,  
E n'uma Ilha lançal-a,  
Que dentro do mar jazia  
Quarenta leguas de terra,  
Onde gente não havia ;  
E que ali de fome e sêde  
Sua culpa pagaria,  
E comida de animaes,  
D'isto não escaparia.

Como a noite foi chegada  
A's horas que anoitecia,  
Manda que seja levada  
Por dois homens de valia,  
Com ella duas mulheres,  
Para ir em companhia,  
Para que fosse guardada  
Sua honra, como devia.  
Em um navio veleiro  
A Imperatriz se mettia,  
Com lagrimas dos seus olhos  
Da terra se despedia.  
Chegaram á dita Ilha  
A' noite do outro dia,  
A Princeza deixam em terra  
Com grã choro em demazia.  
Tornaram-se com o navio,  
Porque assim fazer cumpria.

Quando a nobre Imparetriz  
Em tal logar só se via,  
N'uma Ilha tão deserta,  
Onde ninguem não vivia,

\*

Senão bravos animaes,  
De que ella manjar seria,  
Chorando lagrimas tristes,  
D'esta maneira dizia :

«O' meu nobre Imperador,  
Meu bem e minha alegria,  
Que pouca é vossa lembrança  
De quem tanto vos queria!  
Que pouco tempo durou  
Vossa doce companhia?  
Sempre cuidei de vos ver  
Algum tempo ou algum dia ;  
Agora por meus peccados  
Jámais nunca vos veria.  
Deos perdõe a vosso irmão,  
E a Virgem santa Maria,  
Que eu lhe perdôo aqui  
Todo o mal, que me fazia.  
Oh senhor, e só meu pae,  
Principe e rei de Hungria,  
Quão triste vida será  
A vossa sem alegria,  
Em ouvindo tão má fama,  
Que em Roma de mim corria?  
Mais sinto vosso pezar,  
Que minha grande agonia ;  
Pois morrerei uma vez  
Vós morrereis cada dia.  
A vossa deshonra sinto,  
Que a morte não a temia,  
Porque mais hade temer,  
Quem tão sem culpa morria.

Estas palavras dizendo,  
Mui grande ruído ouvia,  
Tão terrivel e espantoso,

Que soffrer-se não podia ;  
Ouvindo isto a senhora  
A força lhe fallecia ;  
Como era delicada  
Em terra logo caía.  
Estes eram animaes  
De muitos que ali havia,  
Que tanto que a sentiram,  
Com grã pressa em demazia  
Correram para a comerem,  
Cada um qual mais podia.  
Antes que a ella chegassem  
Um resplendor apparecia.  
Estiveram todos quedos,  
Nenhum ali se movia,  
Com temor de uma senhora,  
De quem o inferno tremia ;  
Pois vinha com magestade  
A Virgem santa Maria,  
Para guardar a limpeza  
De quem a ella recorria.  
Chegando com grande amor,  
Onde a Imperatriz jazia,  
Disse-lhe d'esta maneira  
Com suave melodia :

«Minha Porcina, não temas,  
Que nenhum mal te viria ;  
Eu sou a Madre de Deos ;  
A quem serves cada dia,  
Que te venho soccorrer  
Em tão extrema agonia ;  
Não temas nenhum perigo  
Princeza nobre e mui pia,  
Porque Deos será comtigo  
Sempre de noite e de dia,

Por muitos bens que fizeste,  
De que elle se servia.  
D'esta herva colherás,  
Que n'este logar nascia,  
Sem levar outra mistura  
Mais que sómente agua fria,  
Na qual cozida será  
Quanto te parecia:  
É um unguento farás  
De grande preço e valia,  
Com o qual darás saude  
A quem a mister havia,  
Em nome do Redemptor,  
Rei de toda a monarchia.»

E estas palavras dizendo  
A Virgem ao céo subia,  
Os animaes que ali estavam  
Nenhum mais apparecia.  
A Imperatriz ficou  
Mui alegre em demazia,  
E dando a Deos as graças,  
E á sagrada Maria,  
Colheu d'aquella herva tanta,  
Quanta mister lhe fazia.  
Acabando de colher,  
Um navio á vela via,  
Capiando-lhe com a mão,  
A gente á terra sahia,  
Mui espantados em vêl-a  
Perguntaram que queria,  
Ou quem a trouxe ali,  
Onde ninguem não vivia.  
Respondendo a Imperatriz,  
D'esta maneira dizia:

«Que vindo com seu marido  
Para Roma sua via,  
A grã tormenta do mar  
Ali lançado os havia,  
E a Nau foi dar á costa  
Com a gente que trazia,  
E que ella escapara  
Sem outra mais companhia :  
Quero-vos rogar, irmãos,  
Por Deos, e por cortezia,  
Me leveis á terra firme,  
Que bem vol-o pagaria.

Todos foram mui contentes,  
Sem curar de mais porfia.  
Como foi posta em terra  
Com mui grande alegria,  
Foi-se direita ao Castello,  
Que Alberto se dizia,  
Pelo nome do Senhor,  
Que sempre n'elle vivia,  
O qual tinha sua mulher,  
A quem elle muito queria,  
Doente de sangue fluxo,  
Que grã pena padecia.  
Não lhe davam cura os Mestres  
Que grande pezar sentia,  
A Imperatriz piedosa,  
Licença ao marido pedia,  
Para curar a mulher,  
Que tanto mister havia:  
E assim logo entrou dentro  
Adonde a mulher jazia,  
Untou-lhe todo o seu corpo  
Com unguento que trazia,  
Pela vontade de Deos

A saude recebia.  
Levantou-se logo em pé,  
O que d'antes não fazia,  
Muito rija e muito inteira,  
E com grande melhoria,  
Clamando por seu marido,  
O qual logo lhe acudia :  
Disse-lhe como era sã,  
Do gram mal que padecia,  
Abraçando a Imperatriz,  
Tão leda, que não cabia,  
Tomou-lhe tão grande amor  
Como a razão o pedia.  
Muita gente a vinha vêr,  
Espantada do que via ;  
Que fosse sã tão depressa  
Quem tanto mal padecia.  
Olhava a Imperatriz  
A quem tal bem lhe fazia,  
Mui espantados de a vêr  
Tão formosa em demasia,  
Sorar tal enfermidade  
Com sua sabedoria.  
Elles a isto assistindo,  
Um cego apparecia,  
E chegando ao Castello,  
Que já dito vos havia,  
Quiz elle pedir esmola  
Assim como antes sohia.  
Vendo-o a Imperatriz,  
Movida com a obra pia,  
Curou-o em nome do Padre,  
Que todas as coisas cria,  
Do filho e do Espirito Santo,  
Que d'entre ambos procedia ;  
A Santissima Trindade



Saude lhe concedia.  
Como o cego se viu sãõ,  
Com grã prazer que sentia,  
Pôz-se ante ella de joelhos,  
Dando vozes de alegria.  
Levantou-o a Imperatriz,  
Que tal coisa não queria,

«Irmão, dae graças a Deos,  
(Mui humilde lhe dizia),  
Que só vos deu a saude  
Com a sua sabedoria,  
E a infinita bondade,  
Que terra e mar enchia.

A fama d'estes milagres,  
Pela terra se estendia ;  
A Clitaneo os contaram,  
E a sua mulher Sophia,  
Os quaes foram mui alegres  
Pelo que agora diria.  
Natão aquelle malvado,  
Que arriba se dizia,  
Que matou a seu sobrinho,  
Do que não se arrependia,  
Que offendendo tanto aquella  
Que nenhum mal merecia,  
Depois de ser derterrada  
Antes de passar um dia,  
Veiu a fazer-se gafo,  
Que nenhum remedio havia,  
Senão pagar com a morte  
No inferno o que devia.  
Era tal sua doença,

Que tudo aborrecia,  
E ninguem chegava a elle  
Tão fortemente fedia.  
Acordou pois Clitaneo  
(Porque muito lhe doía)  
De logo o levar comsigo,  
Adonde Alberto vivia.  
Pois que era seu parente,  
Grande amigo em demasia,  
Disse tambem a mulher,  
Que com elle ir queria.  
Metteram-no em umas andas  
Aonde só ir podia.  
Partiram todos de casa  
Quando a luz apparecia,  
Chegaram ao dito Castello  
A' meia noite seria,  
No qual o parente Alberto  
Mui alegre os recebia.  
Ao tempo que ali chegaram,  
A Imperatriz dormia,  
E não a poderam ver,  
Até que foi bem de dia ;  
Como foi pela manhã,  
A recebê-lo saía,  
Com aquelle acatamento,  
Que a humildade devia ;  
Todos logo a receberam  
Com mui grande cortezia,  
E quiz nosso Senhor Deos  
Que ninguem a conhecia,  
O Conde e a Condessa,  
Nem a sua companhia.  
Todos eram espantados  
Do primor, que n'ella havia,  
Contou Clitaneo então

A causa que os trazia,  
Pela doença do irmão,  
Que tal tormento sentia.  
Dizendo: — Pois Deos lhe dera  
Tal graça e tal valia,  
Que lh'o quizesse curar  
Como aos outros fazia,  
Que se por paga o houvesse  
Quanto quizesse daria.

Respondeu a Imperatriz  
Mui contente do que via,  
Para se manifestar  
Como sem culpa vivia;  
Que fosse onde elle estava,  
Porque ella vêr o queria.  
Foram com ella as senhoras  
Por lhes fazer companhia,  
Tambem todos os senhores,  
Para ver o que fazia.  
Chegando onde elle estava  
Tão fortemente fedia,  
Que não podia soffrel-o  
Toda a gente que ali ia,  
A Imperatriz piedosa,  
Com a humildade que havia,  
Chegando á sua cama,  
D'esta sorte lhe dizia:

«Meu irmão, salve-o Deos,  
Que todas as coisas cria;  
E vos salve vossa alma,  
E ao corpo dê melhora.  
Vós, irmão, quereis ser são?  
(Disse-lhe elle que queria.)  
Haveis-vos de confessar  
Sem cuidar de mais porfia,

Diante d'estes senhores,  
Porque assim fazer cumpria:  
E se vos não confessaes,  
Saude vos não daria  
Christo nosso eterno Deos,  
Porque d'isto se servia,  
Que digaes publicamente  
O que a consciencia sentia.

Confessou-se logo á hora  
Do tudo quanto sabia,  
Mas o que mais relevava,  
Calava, que não dizia.  
Disse-lhe a Imperatriz,  
Como quem o entendia:

« Se tudo não confessaes,  
Eu curar-vos não podia,  
Porque um grave peccado  
Que a Deos muito offendia,  
Convem que satisfaças  
A honra que se perdia  
D'aquella, que vós sabeis  
Quão innocente vivia.

Como isto ouviu Natão,  
Mui fortemente gemia,  
Dava tão grandes suspiros  
Que a alma se lhe sahia,  
Como quem do que fizera  
Muito se arrependia.  
Disse-lhe então o irmão,  
Vendo que tanto temia:

—Como tão grande peccado,  
Tendes vós na fantazia,

Que o não quereis confessar  
Pois que tanto vos cumpria,  
Por haverdes a saude  
De quem dar-vol-a podia?

Respondeu logo Natão :

— Senhor, não tenho ousadia,  
Se vós me não perdoaes,  
E vossa mulher Sophia.

Disse elle; era contente,  
E ella, que lhe aprazia.  
Ouvindo isto Natão,  
Pois tal fazer não podia,  
Chorando lagrimas tristes  
Com mui grave agonia  
Contou logo todo o caso,  
De sua grande falsia :  
Como matára o sobrinho  
Na camara onde dormia,  
Porque ella não quizera,  
Fazer o que elle pedia;  
E de como a commettera,  
E o que ella respondia;  
Contou tudo sem deixar  
Nada, que assim lhe cumpria.

Como isto ouviu a Condessa  
Em terra se amortecia,  
E seu marido Clitaneo  
O mesmo tambem fazia.  
Depois que tornou em si  
A Condessa assim dizia:

— «Oh malvado! quem cuidara

Tua grande hypocrisia,  
Porque te déra o castigo,  
Que tal traição merecia!  
A amiga maior perdi  
Que ninguem nunca perdia,  
Minha fiel companheira,  
Que a mim tanto me queria.  
Não me peza de meu filho,  
Em que a carne o requeria,  
Porque como pequenino  
Mui pouca mingua fazia ;  
Mas a vós, minha senhora,  
Que eu matei com ousadia,  
Tenho tão grande pezar,  
Que a alma se me saía ;  
Eu não posso perdoar  
Aquillo que não sabia ;  
E se eu lhe dei perdão,  
Em muito me arrendia,  
Nem meu senhor e marido  
Perdoar-lhe tal devia ;  
Porque, sendo seu irmão,  
Lhe fez tão grande falsia.

A prudente Imperatriz  
Muitas coisas lhe dizia,  
Porém nada aproveitava,  
Que tanto a aborrecia.  
Até que esta senhora  
A todos se descobria,  
Dizendo que ella era  
Por quem tanto se doía.  
Ouvindo isto a Condessa,  
Pelo que em ella via  
No resplendor do seu rosto,  
E na fala a conhecia,

Porque Deos lhe abriu os olhos  
De sua sabedoria:  
Foi-se c'os braços abertos,  
Que parecia sandia,  
Aos seus da Imperatriz,  
Que outra vez se esmorecia,  
Porque tambem isto faz  
A mui sobeja alegria.  
E seu marido Clitaneo  
De contente não cabia,  
Perdoára a seu irmão,  
Porque ella lh'o pedia;  
E logo quiz dar saude  
A quem lh'a não merecia,  
Untando-lhe todo o corpo,  
E as chagas que n'elle havia,  
E tambem a sua bocca  
D'onde máo cheiro sahia.  
Em nome de Jesus Christo,  
Saude lhe concedia,  
Mais são, e mais esforçado  
Do que antes ser podia.  
Como isto viu Natão,  
Mui contente em demazia,  
Foi-se a fazer penitencia,  
Onde mais não parecia.  
Toda a gente que ali estava,  
Tanta honra lhe fazia;  
Como se todos souberam  
Sua grande senhoria.  
Nunca d'ella se apartava  
A sua amiga Sophia,  
Tambem a mulher de Alberto,  
Que em extremo lhe queria.  
Vinham de todas as partes  
Ali enfermos cada dia,

Aos quaes ella curava,  
Sem nenhuma fantazia,  
E a todos dava saude,  
Porque Deos o permittia.

Como a fama era ligeira,  
Por todo o mundo corria,  
Disse-se ao Imperador  
Que em Roma residia,  
O qual foi mui contente,  
Quando taes cousas ouvia,  
Porque tinha seu irmão,  
De que acima dito havia ;  
Doente em cama, mui gafo,  
Que já viver não podia,  
Mui peor do que Natão,  
Porque em taes casas fedia ;  
Sua carne tão malvada  
De bichos já se comia ;  
Ninguem o podia ver,  
Porque logo adoecia,  
Que tanto era o fedor,  
Que de seu corpo saía.  
Como lhe certificassem  
Ser de mui grande valia,  
Um Duque manda por ella,  
De quem muito se confia,  
Dizendo que lh'a trouxesse  
Antes do terceiro dia,  
Porque não viesse a morte  
A quem tanto lhe doía.  
Vendo o Duque seu mandado  
A grã pressa se partia,  
Chegando ao dito Castello  
Clitaneo o conhecia :  
Logo o foi a receber



Com mui grande cortezia,  
Fazendo-lhe aquella honra,  
Que tal senhor merecia.  
Como tão pouca detença  
O Duque fazer cumpria,  
Perguntou pela senhora,  
Que tantas coisas fazia.  
Como lhe fosse mostrada,  
Grande espanto recebia,  
De ver sua formosura  
Mais que todas quanto via,  
Lembrando-lhe a havia visto,  
Mas aonde lhe esquecia,  
Muito fóra de cuidar,  
Que a Imperatriz seria.  
A mui nobre Imperatriz,  
Que mui bem o conhecia,  
Seu rosto maravilhoso  
D'elle sempre escondia,  
De que causa se assobram  
Porque a todos se encobria.  
O Duque sem mais deter-se,  
Sua vinda lhe dizia,  
Contando-lhe como Albano  
Cruel pena padecia;  
E que o Imperador  
Lhe rogava e lhe pedia  
Que logo o fosse curar,  
Pois tanto mister o havia,  
E que se o desse são,  
Que elle lhe promettia,  
Fazel-a tão grã senhora,  
Como ella bem veria.  
Foi a Imperatriz contente,  
Sem cuidar de mais porfia,  
Determinou ir com ella

A sua amada Sophia;  
Tambem a mulher de Albano  
Disse que não ficaria,  
Assim que ambos os maridos  
Lhe fizeram companhia,  
Porque tambem desejavam  
De ir a Roma em romaria.  
Partiram com tanta pressa,  
Que chegando ao outro dia  
A' grã cidade de Roma,  
Quando o sol claro saía,  
Era tanta pelas ruas  
A gente que a seguia,  
Que quando chegaram ao paço  
Caber n'elle não podia.  
O Imperador Lodonio  
Tão alegre a recebia,  
Que todos se assombravam  
De sua grande alegria.  
Foi ella beijar-lhe a mão,  
Mas elle o não consentia;  
Ia c'o rosto coberto,  
Que pouco lhe apparecia.  
Como ella se viu diante  
De quem mais que a si queria,  
Não podia ter-se em pé,  
Do grão prazer, que sentia.  
O Imperador fez honra  
A todos quantos trazia,  
Maiormente a Clitanco,  
Por sua grande valia;  
Sentou-os todos á mesa,  
Com todos juntos comia.  
Em quanto durou o comer,  
Os seus olhos não desvia  
De sua amada mulher,

Que elle reconhecia ;  
Mas o coração lhe dava  
Sobresaltos de alegria.  
A prudente Imperatriz  
O mesmo tambem fazia.  
Acabando de comer  
A seu marido dizia :

«Clarissimo Imperador,  
Rei de toda a monarchia,  
A quem devem sujeição  
Todos os que a terra cria ;  
Eu, como serva menor  
De quantos no mundo havia,  
Conhecendo o grão pesar  
Que tendes em demasia,  
Pela doença do irmão,  
Que tanto mal padecia,  
Venho aqui para o curar  
Como quem em Deos confia,  
Como elle lhe dará saude  
Por sua clemencia pia ;  
Portanto eu quero vel-o  
Se o Senhor m'o concedia.

O benigno Imperador  
Muito lh'o agradecia ;  
Foram postos muitos cheiros  
Na cama d'onde dormia,  
Porque de outra maneira  
Ninguem lá entrar queria.  
Foram todos juntamente,  
Que ninguem ficar queria,  
A' camara onde estava  
Quem tanto mal padecia.  
Tinha tão grandes tormentos

\*

Que a alma se lhe saia.  
A humilde Imperatriz,  
Por fazer o que devia,  
A rogos do seu irmão,  
A quem tanto amor havia,  
Chegando-se á sua cama,  
Salvando-o como sohia,  
A fazer que o curava,  
Como quem seu mal sentia:  
Albano lhe torna graças,  
Muito alegre em demasia,  
Disse-lhe a Imperatriz  
Com mui grande cortezia ;

«Convém de se confessar  
Logo vossa senhoria,  
Diante do Imperador,  
E esta nobre companhia,  
De todos os seus peccados,  
Que contra Deos commettia,  
Se um só ficar por dizer,  
Saral-o não me atrevia.

Respondeu logo Albano,  
Como quem já se temia:  
Que elle os seus peccados  
Ao Sacerdote os diria,  
E que de outra maneira  
Confessar-se não podia.

«Será logo por demais,  
(A Imperatriz dizia,)  
Minha vinda a este logar,  
Pois nada aproveitaria.

O Imperador agastado,  
A seu irmão respondia :

— Quem agora vos curasse,  
Tam grã milagre fazia,  
Como resurgir um morto,  
Que já come a terra fria ;  
E pois por tal vos contamos,  
Porque vos falta ousadia  
De dizer vossos peccados  
Ante esta tal companhia ?  
Dizei-nos, por Deos, irmão,  
Não cuideis de mais porfia,  
Se vós não confessaes,  
Grã pezar receberia.

Disse-lhe então Albano,  
Que pois isto elle queria,  
Que logo lhe perdoasse  
Um grã mal, que feito havia ;  
O qual era de tal sorte  
Que perdão não merecia,  
E se lhe não perdoava,  
Que não se confessaria.  
Respondeu-lhe o Imperador  
Que mil lhe perdoaria,  
E pois era seu irmão,  
Porque d'elle se temia ?  
Respondeu então Albano,  
Com grã pezar, que sentia :

— Bem sei que sereis lembrado  
D'aquelle tam triste dia,  
Quando d'aqui vós partistes  
Para ir á romaria ?  
Por Governador deixastes,

Como a razão pedia,  
A mim e á Imperatriz,  
Que eu matei com grã falsia.

Contou-lhe todo o successo,  
Porque nada lhe mentia.  
Ouvindo o Imperador  
Bem vereis o que diria:

— Piedoso Jesus Christo,  
Eterna sabedoria,  
Tam altos são teus mysterios,  
Que ninguem os entendia:  
Quem cuidara que um irmão  
Tão grã traição me faria?  
Eu fui mui pouco discreto,  
Pois fiz o que não devia,  
Sem primeiro me informar  
De quem o caso sabia.  
Oh minha amada mulher,  
Claro sol, e luz do dia,  
Minha saborosa lembrança,  
Espelho em que me via!  
Como partiste queixosa  
De uma tão penosa via,  
De mim mais, que do cunhado,  
Porque eu o merecia  
Em vos matar tão sem culpa,  
Sem olhar o que fazia.  
Porque devera olhar  
O que por razão seria,  
Que quem tem fiel amor,  
Nunca mudar se podia.  
Pelejem os elementos,  
E abra-se a terra fria,  
Para que consumma em si

Quem tanto a Deos offendia?  
Escureça o sol, e a lua  
Que todo o mundo allumia,  
Porque ajudem a meu pranto,  
Como a razão o pedia.

Estas palavras dizendo,  
Com a dôr se amortecia,  
Era por morto julgado  
Da gente que assim o via.  
Vem logo todos os Mestres,  
Cada um como podia,  
Os quaes sabendo a verdade,  
Com muita grande agonia,  
Tantas cousas lhe fizeram  
Com sua sabedoria,  
Até que em si o tornaram,  
Como de antes sohia.  
Não quiz mais a Imperatriz  
Encobrir o que sentia,  
Descobriu seu lindo rosto,  
E a seu marido dizia:

«Oh meu bem tam desejado,  
Minha doce companhia,  
Eu sou a que com razão  
Devo de ter alegria;  
Pois Deos me deixou ver-vos  
Como sempre lhe pedia:  
Se agora viesse a morte  
Mui leda a receberia;  
Eu sou a vossa mulher  
Filha do grão Rei de Hungria,  
Que vós mandaste matar,  
Pelo que não merecia:  
Quiz-me guardar Jesus Christo

E a Virgem santa Maria,  
Por guardar fidelidade  
A quem tanto me queria.

Poz-se ante d'elle de joelhos  
Ainda que o não merecia,  
Por força lhe beija as mãos,  
Mas elle o não consentia;  
Antes quando a conheceu  
Tão grã prazer recebia,  
Que abraçando-a docemente  
Todo o sentido perdia.  
Não ha ninguem que escreva  
O que cada um dizia,  
Nem papel onde caber  
O que escrever se podia.  
Em extremo se assombraram  
Clitaneo, e mais Sophia,  
Vendo a Imperatriz  
De tão grande Senhoria,  
Aquella que em sua casa,  
Como escrava os servia;  
Que mandaram desterrar  
Por culpa que não havia,  
Temendo-se que agora  
Algun grã mal lhes viria,  
As mãos postas, de joelhos,  
Mui tristes em demazia,  
Chorando pedem perdão,  
Que logo lh'o concedia,  
Fazendo-os levantar  
Com mui grande cortezia;  
A ambos os dois abraçou,  
Chorando com alegria,  
Contando ao Imperador  
O muito que lhes devia.



Que se por elles não fôra,  
Sua honra se perdia ;  
E do grande agasalhado,  
Que cada um lhe fazia  
E que a vida, e a honra  
A elles ambos devia.

O Imperador mui ledo,  
Quando estas cousas ouvia,  
A Deos dava muitas graças,  
E á Virgem sancta Maria,  
Promettendo a Clitaneo  
Que elle lh'o pagaria,  
Com fazel-o grã o Senhor  
De todos quantos havia.  
Tomou a Imperatriz  
A sua amada Sophia,  
Por sua camareira mór,  
Pelo bem que lhe queria.  
Tudo quanto ella mandava  
No imperio se fazia ;  
Determinou o Imperador  
Por fazer o que devia,  
Queimar a seu irmão vivo  
Doente como jazia,  
Dizendo: — que mais merece  
Quem tal traição commettia?  
A Imperatriz piedosa  
De joelhos lhe pedia,  
Lhe quisesse dar a vida.  
Ainda que não merecia,  
Dizendo que bem bastava  
A pena que padecia.  
Outorgou o Imperador,  
Porque mui chorosa a via,  
Porque a sua nobreza,

A muito mais se estendia.  
Levantou-se d'onde estava  
A que n'elle se veria,  
E se foi deitar á cama  
Em que morrendo vivia.  
E untando-o com ungento  
A saude recebia:  
Ficou muito forte e disposto,  
O qual d'antes não fazia;  
Conheceu o Imperador  
Sua virtude e valia,  
Que era ainda muito mais  
Do que elle cuidar podia.  
Seu irmão, por nome Albano,  
Que muito se arrependia,  
Fez mui grande penitencia,  
Porque bem se arrependia.  
O Imperador Lodonio,  
Mandou fazer cada dia  
Muitas grandes procissões  
A Deos e sancta Maria,  
Dando-lhe infinitas graças  
Pelos bens que lhe fazia.  
Fizeram por toda Roma  
Muitas festas de alegria,  
Os pobres se alegravam,  
E toda a gente dizia:  
Viva a nossa Imperatriz  
Que tanto bem nos fazia;  
Iam-na todos a ver,  
Como vem á romaria,  
A todos benignamente  
A Senhora recebia,  
Fazendo-lhes mais esmolas,  
Do que ella d'antes fazia.  
O Imperador Lodonio

Tambem com vontade pia  
 Fazia mui grandes bens,  
 A todos grã bem fazia:  
 Foram bémaventurados,  
 Segundo a historia dizia.

Folha volante, de 1660

DOM FRANCISCO MANOEL DE MELLO

Romance picaresco, intitulado  
 «Debuco de Pena,»

Que em portuguez a retrate  
 Me rogou Dona Breitís;  
 Porque tem nôjo das côres  
 Dos poetas de Madril.  
 Eil-a vae, escutae, vede,  
 Pois logo vereis se ouvis;  
 Que se não vae para vêr,  
 Vae, ao menos, para ouvir.  
 O *cabello* é pino de ouro  
 Tanto mais que o Potosy,  
 Que ao pino do meio dia  
 Faz cada dia o sol cris.  
 Apodara-lhe eu a *testa*  
 A um pedaço de marfil;  
 Mas ella diz d'esse apodo  
 Que m'o deixa para mim.  
 Os *olhos* são dois soldados  
 Da fronteira ou do Brazil;  
 A quem amor por valentes  
 Deu o habito de Aviz.  
 Trez *meninas* tem travessas  
 Com as duas que lhe vi,

Pois brincando ella com ellas  
São trez meninas, emfim.  
Porque são arcos de flores,  
Me jurou Maria Gil,  
Lhe comprára para a dança  
As sobranceiras sutis.  
*Pestanas* tem, não queimadas  
Por lhe não servir assi,  
Para uns olhos tão dormidos  
As pestanas são dormir.  
Ambas as *faces* parecem  
De obra de agulha gentil,  
Bainha de ambas as faces  
Em lenço feito em Cochim.  
Não falemos no do meio  
Ramalhete de jasmins,  
Que segundo é lindo, e cheira  
E' ramalhete ou *nariz*.  
O carão limpo e luzente  
Uma pessa é do sitim,  
Não picado, que picado  
É só quem tal carão vir.  
O *rosto* livro é de caixa  
Cujas partidas gentis  
Não viu o Infante Dom Pedro  
Emquanto andou por ahi.  
As *orelhas* fogem ás dores  
Porque as não querem sentir,  
Orelhas de mercador  
Vendendo mais dor assim.  
A *boca* d'esta fidalga,  
Se não vem como se diz  
A pedir de boca, é boca  
Que nunca vem a pedir.  
Que pouco direi dos dos *dentes*,  
Bem que muito dizer quiz;

Mas cada *dente* tem dente  
Contra a musa mais subtil.  
Se tomal-a pelo *beijo*  
Quer o cravo e o rubi,  
Ella pelo o beijo toma  
Mil cravos e mil rubis.  
Sem falta a moça não come  
Outro pão, que de ambar gris,  
Segundo vem perfumados  
Seus ãos, quanto mais seus sins.  
Na *garganta* me deu susto  
Quando fui e quando vim;  
Porque co'alma na garganta  
Sempre a verá quem a vir.  
O *talho* de muito inteiro  
E' feito tão sobre si,  
Que tal me depare Deos  
No meu feito o meu juiz.  
Conforme que prende e mata  
Com *olhar* e com *sorrir*,  
A senhora traz no gesto,  
Um algoz e um beleguim.  
Se trez foram como duas  
Que são duas flores de liz,  
Lhe tomára as *mãos* por armas  
De França o mesmo Delphim.  
Ouvi que lhe pediu Venus  
Para pôr nos seus jardins  
Os *pés*, que postos em terra  
Prendem quaes pés de jasmins.  
Quando pisa, o cravo cheiro,  
D'onde já disse Merlim,  
Que *pés* que assim pisam cravo  
São *pés* mãos de almotariz.  
Senhora Breitís, agora  
Comvosco vos conferi;

Que se este retrato é pouco  
Far-vos-hei d'estes cem mil;  
Porque só pinto o que vejo,  
Não lanço adiante o gis,  
Senão, dae-me mais que vêr  
Que eu vos darei mais que rir.  
Quando empunhando o rifão  
Faça crêr, como eu o crí,  
Que a Breitís sempre é das moças  
Qual das aves a perdiz.

*Obras metricas, t. II, p. 219. Edição de 1665.*

---

## M. QUINTANA DE VASCONCELLOS

### Romance da Claridea ao som da harpa da Torre

Todas as vezes que canto  
Por aliviar minha pena,  
Segue o pensamento a voz  
Té chegar á causa d'ella.  
Lá entre mil alegrias,  
Que a memoria representa,  
Tão triste me considero,  
Que me converto em tristeza.  
Ser alivio de um mal grande  
Qualquer gosto, ninguém creia,  
Que augmente ao contrario ás forças  
Uma debil resistencia.  
Rouba o tempo ao mesmo tempo,  
A musica o animo alegre,  
E é tão querida de amor,  
Que amando o mais rudo adestra.  
Tema do seu doce effeito

Prodigiosas experiencias,  
Nas aves de que é seguida,  
Nos animaes que deleita.  
Eu só me affijo cantando,  
E todo o bem me atormenta,  
Que perder vida e memoria  
São os remedios da auzencia.  
Tem por mór mal o da morte  
Nossa fragil natureza;  
Mas, maior mal ha na vida  
Se ha memorias, o soffrel-a.  
Aqui só n'esta prizão,  
E em meu cuidado mais preza,  
Estam tão longe de mim,  
Que nada sei de mim mesma.  
Lagrimas me tem comsigo  
Quando a suspirar-me leva,  
Do que fui tenho saudade,  
E de ser quem sou me pesa.  
Viver co'a dôr que padeço  
Deve ser ventura alheia,  
Inda que dão desventuras  
Forças da nossa fraqueza.  
Mas quem desespera auzente  
Do bem que amando deseja,  
Já não tem dor que sentir,  
E embalde outra morte espera.

## ANTONIO SERRÃO DE CASTRO

**Romance da briga de um cego e um corcovado**

De um Cego e de um Corcovado  
Hoje o desafio escrevo;  
N'um vou á cega lagarta,  
N'outro vou com grande peso.  
N'uma palestra se acharam  
Os dois a um mesmo tempo,  
Um carregado de espaldas,  
Outro de colera cego.  
Vinha o Corcovado armado  
De bacias de barbeiro,  
Uma trazia nas costas,  
Outra trazia no peito.  
Com vir nas conchas metido  
Parece vinha com medo,  
Pois nas conchas com alongo  
Um cágado estava feito.  
No Cego vejo a razão,  
No Corcovado a não vejo,  
Porque é um homem que nunca  
Teve avesso nem direito.  
Esgrimiu o Cego um pau  
E andou com elle tão déstro,  
Que em dois angulos obtusos  
As pancadas deu correndo.  
Descarregou de pancadas  
No Corcovado um chuveiro,  
Porque os chuveiros nos montes  
Dão as pancadas mais cedo.  
Dar o Cego a bateria



No Corcovado era certo,  
Porque duas eminencias  
Tinha por onde batel-o.  
Sem haver pé de pessoa  
Que a briga estivesse vendo,  
Foi o Cego dar com um pau  
Em dois vultos não pequenos.  
Tropeçou o Cego n'elles,  
Que é o tropeçar de cegos;  
E deu de cego pancadas  
Em dois mui grandes torpeços.  
Pôr no Corcovado o pau  
Não foi n'este Cego o erro;  
Que em casas que tem corcovas  
Pôr-lhe pontões é acerto.  
Dando na Casa dos Bicos  
Eram golpes tão horrendos,  
Que lá no Cunhal das Bolas  
Soando estavam seus eccos.  
Sempre um cego ha mister guia,  
Mas eu n'este Cego vejo  
Que não ha mister guiado  
Pois tanger sabe um camello.  
Como os cegos tanger bem,  
Este tangeu tão avesso,  
Que nas costas de um laúde  
Deu bordoadas aos centos.  
N'um mesmo tempo brigou,  
E acclamou o vencimento,  
Pois sempre na briga esteve  
Os atabales tangendo.  
O Cego teve a victoria  
Mas o Corcovado, é certo,  
Que nos despojos levou  
Os dous alforges bem cheios.

## ANONYMO

Romances e cantigas da canonisação de  
Sam Francisco Xavier

Pérola muy bella  
Nos traz Oriente ;  
Mais resplandecente  
Qu'hũa nova Estrella.  
Quanto tem valia  
Muito áquem lhe fica ;  
Pérola tam rica  
No mar não se cria.  
Orvalho dos céos  
Gerou tal belleza,  
Contra a natureza  
Junt'os Pyreneos.  
Vêdes quam ditosas  
São nossas montanhas,  
Pois tem nas entranhas  
Pedras preciosas.  
Não sei se notaes  
Grandeza tão rara,  
Pedras de Navarra  
Vencem orientaes.

Outra cantiga, que fala com o Piloto da Nau, que é o Sancto

Piloto da Nau ligeira,  
Que corre por terra e mar !  
A maré é de rosas,  
O porto seguro,  
As velas mandae tomar.  
No meio do coração  
Vos darêmos gasalhado,  
Que por bem.aventurado  
Se terá com tal patrão.

Tendes vara de codão  
Pera todos cativar.

A maré é de rosas,  
O porto seguro, etc.

Enchestes o Oriente  
De luz e de piedade;  
Visitae esta cidade  
Qu'é senhora d'essa gente,  
E vereis quão diligente,  
Se mostr'em vos festejar.

A maré é de rosas,  
O porto seguro, etc.

De drogas celestiaes  
Vindes muito carregado,  
Vede que sois obrigado  
Repartir c'os naturaes:  
Amor quero, e nada mais  
Por ser pedra de bazar.

A maré é de rosas,  
O porto seguro  
As velas mandai tomar.

-----

Oh Nau que pera a viagem,  
Marinheiros não temais,  
Pois tal Piloto levaes,  
Poderá com segurança  
Quem tal Piloto levar,  
Ou pollo mar com bonança  
Ou por terra navegar.  
Espertae a confiança  
Que dos céos vereis o caes,  
Pois tal Piloto levaes.

Desferi todas as velas,  
E botae de foz em fóra,  
Pera que possam enchel-as  
Ventos galernos emb'ora.  
Alegres todos a ellas,  
Tempestades não temaes,  
Pois tal Piloto levaes.  
Assás covarde será  
Quem receiar a viagem,  
Pois Xavier governará  
Que é Piloto de vantagem.  
Elle franquêa a passagem,  
Iça, iça, mais e mais,  
Pois tal Piloto levaes.

---

Xavier ao leme,  
Anjos a cantar,  
Larguemos a vela  
Pera navegar.  
É sabio o Patrão  
Que assi manda a via,  
Vêm ao Galeão  
Todos á porfia.  
Ledos e contentes  
Pera embarcar,  
E tudo está lestes  
Pera se navegar.  
Galeão fermoso  
E bem artelhado,  
Em tudo lustroso,  
Em partes dourado.  
Quem póde temer,  
Ou arreceiar?

Já se faz á vela  
Pera navegar.  
Pois não teme guerra  
Na terra ou no mar ;  
Por mar e por terra  
Pode caminhar.  
Vae esta Nau bella  
Ao Céu demandar,  
Larga, larga a vela  
Pera bolinar.  
Dourado pharol,  
Dourada bandeira,  
Francisco é o sol,  
Norte de carreira.  
E' Nau de alto bordo,  
Não póde remar,  
Tende logo acordo  
Pera velejar.  
Xavier ao leme  
Anjos a cantar,  
Larguemos a vela,  
Pera navegar.

Relaçam das Festas que a religiam da Companhia de Jesus fez em a Cidade de Lisboa, na beatificação do Beato S. Francisco Xavier, segundo Padroeiro da mesma Companhia, e Primeiro apostolo dos reinos de Japão, em Dezembro de 1620, recolhidas pelo Padre Diogo Marques Salgueiro, etc. Lisboa, por João Rodrigues, 1621.

---

### Cantiga de Abel

Doloroso gado  
De tanto primor,  
Dôa-te o fado  
Do triste pastor.

Lembrae-vos, cordeiros,  
Da minha tristura,  
Ovelhas, carneiros  
Que pastaes verdura.  
Abel sem ventura  
De vós apartado,  
Meu gado amado,  
De mim com amor,  
Dôa-te o fado  
Do triste pastor.  
Doei-vos de quem  
De vós se doía ;  
Lembrae-vos tambem  
Minha companhia,  
De quem ser sohia  
Sou outro tornado,  
Ficaes só deixado.  
Sem ter guardador  
Doei-vos do fado  
Do triste pastor.

*Auto do Dia do Jutzo; — Folha volante  
de 1659.*

---

## FRANCISCO LOPES

### Romance de Santo Antonio e a Princesa

Estava el-rei de Leão  
Casado com uma princeza  
De portugueza nação,  
Devota, por portugueza,  
De Antonio, santo varão.  
Tinha morta esta rainha  
Uma filha já mulher;

A qual não pode soffrer  
Que enterrem, como convinha,  
Pelo muito que lhe quer.  
El-rei e toda a mais corte  
Para a sepultura se ajunta,  
Mas era o amor tão forte,  
Que, tendo a filha defunta,  
Não crê a rainha a morte.  
Trez dias chegou a estar  
A mãe em continuo pranto  
E a filha sem sepultar,  
Com grande fé no seu santo,  
Que lh'a hade ressuscitar.  
Erguendo o rosto choroso  
Ao céo com fé verdadeira  
Ao seu Santo glorioso,  
Tão santo e tão poderoso,  
Orava d'esta maneira :

«Já que sois universal  
Nos milagres que fazeis  
Por todo o mundo em geral,  
O remedio não negueis  
A esta vossa natural.  
E se é justo que sintaes  
Esta ausencia tão esquiva,  
Porque a vida lhe negaes,  
Dae-me minha filha viva,  
Pois tantos ressuscitaeis.»

Inda a rainha não tinha  
Dita a sua oração santa,  
Quando Deos ouve a rainha,  
E Antonio põe a mésinha,  
Com que a moça se levanta.  
Porém a infanta amada,

Que tornou cá a esta vida  
Lá da angelica morada,  
Anojada e offendida  
Contra a mãe responde irada :

— Perdôe-vos Deos, senhora,  
Que me tirastes dos céos,  
Aonde eu estava agora,  
Porque santo Antonio fôra  
O que isto pedira a Deos.  
E Deos como o ama tanto,  
Porque tanto a Deos amou,  
Por aplacar vosso pranto,  
D'entre as virgens me tirou  
Do côro celeste e santo.  
Porém a bondade immensa  
Que tudo move e governa,  
Quinze dias só dispensa  
Que esteja em vossa presença  
E que torne á vida eterna. —

Como o divino recado  
Deu a ditosa menina  
Do que Deos tinha ordenado,  
Sendo este tempo acabado  
Subiu á patria divina.

*Santo Antonio, Milagre xxxvi. — Vide Rom. Ger. n.º 44; Rom. de Aravias, n.º 72. Legitima assimilação popular, de 1620.*



# ROMANCES

DA

## HISTORIA DE PORTUGAL

TIRADOS

DAS COLLECÇÕES HESPAÑOLAS

---

1

### Romance del Conde Alfonso Enriquez

(ANONYMO)

Cuando el Conde Alfonso Enriquez,  
Primer rey de Portugal,  
Hijo del conde Borbon,  
De Borgofia natural,  
Despues que en campo de Ourique  
A muy duro pelear  
Venció siete reyes moros  
Y los trujo á su mandar,  
Y despues que por sus hechos  
Le vino Dios á premiar,  
Dándole sus cinco llagas  
Por armas y por señal;  
Ya que ganó á Santaren  
Con mucha guerra y afan,  
Y puso á Lisboa cerco  
Por la tierra y por la mar,

Salió de dentro el Rey d'ella,  
Llamado Venalmazar;  
Pide al Conde franca entrada,  
El cual se la mandó dar.  
— Habrás de saber, le dice,  
Que ha que tengo en heredad  
A la ciudad de Lisboa  
Treinta y siete años y mas;  
My padre cuarenta y tres  
En quieta y segura paz;  
Mi abuelo la tuvo treinta  
Con guerras e mucho afan.  
Al fin la habemos gozado  
En feliz seguridad  
Desde que el-rey Don Rodrigo  
La perdió con Portugal;  
Y que aquesta noche estando  
En mi casa á mi folgar,  
Vi venir una doncella  
Al parecer celestial,  
La cual hoy me dijo  
Ser su entera voluntad  
Que sin guerra te entregasse  
Mi reino y esta ciudad,  
Y que me torne cristiano  
Para mi alma salvar,  
Y tu que te apartes luego,  
Buen Conde, de mas peccar. —  
El Conde quedó espantado  
De lo que al moro oyo hablar;  
Inclinadas las rodillas  
Comenzó de razonar:  
— Mil gracias le doy á Dios  
Por la merced que me hace,  
Y pues que d'esto se sirve,  
Cúmpla-se su voluntad. —

En esto luego se entraron  
Los dos dentro la ciudad,  
Do al moro hicieron cristiano  
Y al Conde rey natural.

*Romanceiro general, de Duran, t. II, pag. 245.*

---

## 2

**Romance de Don Egas Moniz**

(De Juan de la Cueva)

La villa de Guimaraes  
Don Alonso habia cercado,  
Oitavo rey de Castilla,  
Conmovido y alterado  
Contra Don Alonso Enriquez,  
Su infante y su mayorazgo,  
Que no obedeciendo al Rey  
Contra su edicto y su mando,  
Teniéndole en menosprecio,  
No acudiendo á su llamado,  
Ni á las cortes de Castilla,  
Aunque era á ellas citado,  
Como tenia obligacion,  
Y debe cualquier vasallo,  
Cual el era de Castilla  
Con juramento obligado,  
Y no acudia á sus cosas,  
Ni d'ellas tenia cuidado.  
O fuese por querer suyo,  
O por mal aconsejado,  
Al fin estimaba en poco

Ser de Castilla llamado.  
D'esto el Rey ardiendo en ira  
Contra el Infante indignado,  
Le comenzó á combatir  
Teniéndole ya cercado,  
Dándole por todas partes  
Fieros y duros asaltos,  
Perseverando en su intento,  
Prometiendo y protestando  
Que hade igualar por el suelo  
Su muro reedificado,  
De donde los portugueses  
Se defienden aunque en vano,  
Porque la porfia del Rey  
En un tiempo ya tan largo  
Los tenia tan estrechos,  
Tan sin fuerzas y gastados,  
Faltos de mantenimientos  
E de vituallas faltos,  
Costreñidos de la suerte  
Que estaban determinados  
A rendirse, pues se vian  
Sin remedio en tal estado,  
Y entregar al Rey la villa  
Por no recibir mas daño.  
Todo el pueblo en este acuerdo  
La ocasion anda trazando,  
Viendo que el Rey persevera  
Que su intento lleve al cabo,  
Sin desistir de su intento  
Ni alzar del cerco la mano,  
Y para que venga á efecto,  
Un dia andaba mirando  
El sitio, el lugar y asiento,  
Por uno e por otro cabo,  
Y por d'onde el dia siguiente

Pueda el pueblo ser entrado  
Con mayor facilidad,  
Pues casi estaba arruinado.  
Los de dentro temerosos,  
El presto fin aguardando,  
Viendo que él solicitaba  
Su total miseria y daño,  
Un caballero animoso,  
Que era Egas Nuñez llamado,  
Viendo el peligroso apierto  
Del cerco en que estan cercados,  
Temiendo ver que se entregue  
El pueblo ya acobardado,  
Que viendo al Rey junto al muro  
Todos estaban temblando ;  
Mas él con ánimo fuerte  
Y corazon levantado,  
Determina de morir  
O que su pueblo sea salvo ;  
Y asi con firme braveza  
Armado subió á caballo  
Y sale á do estaba el Rey,  
Y ante el puesto, asi ha hablado :  
— ¿Qué razon hay que tu Alteza  
Con ánimo tan airado  
Asi quiera destruirnos,  
Y en ello ponga el cuidado,  
Siendo razon mas urgente  
Que mires por tus vassallos,  
Que no hacerles tal guerra,  
En la cual no acobardados  
Hallarás los corazones,  
Que nada les pone espanto,  
Ni les forzaré á que hagan  
Por fuerza tu real mandado,  
Pues pueden sufrir el cerco

Y darte guerra diez años,  
Sin que les falte comida,  
Ni cosa para este caso?  
Mas una razon los vence,  
Y es esta quien me ha forzado  
Que venga á pedir que quieras  
Que esto acabe, el cerco alzando,  
Pues la fe que en ti tenemos  
Nos da esfuerzo en el quebranto,  
Que aceptarás nuestro ruego  
Cual te ha sido suplicado.  
A esto vengo como tio  
Del Infante, y su vasallo,  
Por el cual te doy la fe,  
Como noble hijo-dalgo,  
Que en todo cuanto mandares  
Seguirá tu real mandado;  
Y acabe ya esta contienda  
De cristianos á cristianos,  
Y vamos contra los moros  
Que nos hacen tanto daño,  
Entrandose por Castilla,  
Tu poder menospreciando;  
Que en lo que toca á nosotros  
Por la fe que ya te he dadó,  
Juro en nombre del Infante  
Como deudo mas cercano,  
Que el y todos te obedezcan  
Como leales vasallos. —  
Esto oido por el Rey,  
Luego el cerco levantando,  
Egas Nuñez dió la vuelta  
El libre, y su pueblo salvo.  
Fuése el Rey, ordenó Cortes,  
Todo aquesto ya pasado,  
Citan al Infante á ellas

Por edicto señalado,  
Responde que él no hade ir  
A ellas, siendo forzado.  
Oyendo Egas Nuñez esto,  
Y habiendole al Rey jurado  
Que el Infante cumpliría  
Lo que dél fuese mandado,  
Visto que el enganá al Rey,  
Y que él era el obligado  
A cumplir el juramento  
Que hizo como hijo-dalgo,  
Con su mujer e sus hijos,  
Dispuesto y aparejado  
A lo que dél sucediese,  
Para el Rey siguió su paso  
Vestido de peregrino,  
Y de aquel modo llegado  
A la presencia del Rey,  
Le dice ante el humillado :  
— Gran señor, yo me presento  
Ante ti, en ti confiado,  
Que mirarás con clemencia  
La culpa en que soy culpado.  
Yo soy aquel caballero  
Con quien hablaste en tu campo,  
Cuando sobre Guimarães  
Lo tenias asentado.  
Fingiéndome que era tío  
Del Infante, fuete dado  
Seguro de mi palabra  
Que vendría a tu llamado,  
Esto sin mas facultad  
De la que yo hube tomado,  
Pues no es mi deudo el Infante,  
Cual de mi te fue afirmado ;  
Mas es mi rey y señor

Y yo, como su vassallo  
Viendo el peligro y aprieto  
En que lo tenias cercado,  
Quise por aquesta via  
Ser remedio de su daño:  
Y asi pues yo me obligué,  
Y por mi fueste engañado,  
Yó, mis hijos y mujer  
Paguemos este peccado. —  
Esto diciendo Egas Nuñez  
Cruzó en el pecho los brazos,  
Y hincado de rodillas  
Como estaba se ha quedado.  
El Rey de oir la extrañeza  
Aunque de ira incitado,  
Se admiro, y mirando á Egas  
Le dijo, asiendole el brazo:  
— Levanta, que tu lealtad  
Te hace libre, y tu engaño  
Alabo, pues me engañaste  
Por hacer a tu rey salvo;  
Y asi llevarás el premio  
Digno de un hecho tan alto,  
Mandóle dar muchos dones,  
Aderezos e caballos  
Para volver-se a su tierra,  
Do vuelto, fué mui loado  
De todos, y del Infante  
Conforme al hecho estimado.



## 3

**Romãre del rey don Alfonso quando libertó del  
tributo al reino de Portugal.**

(Lorenzo Sepulveda)

En Sevilla estava Alfonso  
Sabio por todos llamado,  
El rey que ganara a Murcia  
Antes que oviesse el reynado;  
El infante don Dionis  
A Sevilla avia llegado,  
Hijo del rey don Alfonso  
De Portugal el reynado,  
Del rey Alfonso era nieto  
El infante ya nombrado.  
Gran plazer tomó su abuelo  
Quando lo vido a su lado,  
De edad era pequeño,  
A quinze años no ha llegado,  
Pedió por merced al rey  
Cavallero lo aya armado  
Con otros sus cavalleros  
Que vienem a acompañarlo.  
Concedierale el buen rey  
Lo que le fue demandado,  
Cavallero era el infante  
A su abuelo se ha humillado,  
Deixole: — Rey, mi señor,  
Pues que soys tan señalado  
Entre los reyes del mundo  
De rey liberal y franco,  
Concedeme lo que os pido  
Seraas mucho loado,  
Y es que quiteys de tributo  
A Portugal mi reynado,  
Y que no vengan sus reyes

A cortes siendo llamados,  
Ne les pidays gentes darmas  
Como hasta oy se os han dado.  
El rey respondió al infante :  
Quel solo por si en su cabo  
No podia responder  
Ni le dá lo demandado  
Hasta llamar los infantes  
Y los grandes de su estado,  
Que estavan alli con el  
Que a cortes se avien juntado,  
Y que si ellos lo han por bien  
El no se lo avia negado.  
Otro dia al rey Alfonso  
Sus grandes avie llegado,  
Declaro delante todos  
Lo qu'el nieto ha demandado,  
Pidio que le den consejo  
Si lo hara o sera negado.  
Todos callaran gran pieça,  
Ninguno no avia hablado,  
El rey se enojo de todos  
Por que no le han replicado,  
Mas contra aquesse don Nuño  
La saña mas ha mostrado.  
Don Nuño se puso en pie  
Con el rostro demudado  
Dixo: «Al rey mi señor  
Mi hablar fuera escusado,  
Estando aqui presentes  
Los infantes vuestros hermanos,  
Y don Estevan con ellos,  
Y don Lope Diaz de Haro,  
Que son mas sabios que yo  
Para tal consejo daros;  
Pero quereys mi consejo  
Daros lo he yo de buen grado,

Y es que hagades mucha honra  
Mucho bien y mucho algo  
Al infante don Dionis  
Que sera bien empleado,  
Por el deudo que le aveys  
A esto soys le obligado,  
Y por que era cavallero  
Arnado por vuestra mano,  
Y si ajuda ha manester  
Tenido soys a ayudarlo  
Como a qualquier hijo vuestro  
De los que teneys amado ;  
Mas quitar de la corona  
De aqueste vuestro reynado  
El tributo que los reyes  
De Portugal han pagado  
A este reyno de Castilla  
Yo no os lo avre aconsejado.»  
Y en diziendo estas palabras  
Salido se ha del palacio.  
No le plugo al rey Alfonso  
De lo que Nuño ha hablado,  
El infante don Manuel  
Y otros han deliberado  
Haga lo que don Dionis  
Le pidio y a suplicado  
Pues el tributo era poco  
Que no se lo aya negado.  
El rey que lo ha en voluntad  
Otorgolo de buen grado,  
Sus cartas le dio de quito  
Y a Portugal se ha tornado  
Muy pagado de su abuelo  
Que su reyno ha libertado.

**Romances de D. Pedro 1.º de Portugal y Dona  
Inez de Castro. — I**

(De Gabriel Lobo Laso de la Vega)

El valeroso Don Pedro,  
Gran principe lusitano,  
Hijo del Rey Don Alonso,  
Sucesor en sus estados,  
De una doncella en Galicia,  
Dicha Doña Inez de Castro  
Y Valladares, fue preso  
De su hermosura forzado,  
Cuya recta descendencia  
Fue del tronco claro y alto  
De los antiguos de Lémos  
Que resplandecen hoy tanto,  
Hija bastarda que fué  
De Pedro Hernandez de Castro,  
Un valiente caballero  
Del Principe primo hermano.  
Digo pues que como fuese  
Este Principe casado  
Dió grandes muestras de estar  
D'esta Doña Inez prendado,  
A quien con sola la vista  
Iba su mal declarando,  
No gozando aun toda veces  
D'esto, que a nadie es negado,  
Que de amor cualquier afecto  
Ofende a un intento casto.  
Hizo muchas diligencias  
De hablarla, y todas en vano,  
Que la bella Doña Inez

Da a su pretension de mano,  
 Viendo que el mejor suceso  
 Tiene de ser en su daño;  
 Mas como és vispera el bien  
 Del acaecimiento malo,  
 Sucedió pués que murió  
 La Princeza en esto estado.  
 Hallóse Don Pedro libre,  
 Ya su mal medio buscando,  
 Se caso con Doña Inez  
 En Berganza con recato;  
 En la cual tuvo trez hijos,  
 De que fue el Rey avisado,  
 A quien peso por extremo;  
 Y de trez malos vasallos  
 Fué inducido con instancia  
 A hacer un hecho villano,  
 Que prosiguiendo adelante  
 Se dirá el suceso infausto.

---

*Romancero y tragedias, etc.*

## 5

**Don Pedro 1.º de Portugal y Dona Inez  
 de Castro. — II**

(De Gabriel Lobo Laso de la Vega)

Contento con Doña Inez  
 Está Don Pedro en Coimbra:  
 No en tanto el futuro cetro  
 Como el poseerla estima,  
 Y le paga Doña Inez  
 Con esta voluntad misma;  
 Y como en el buen estado  
 La constancia está abscondida,  
 Ofreciosele a Don Pedro  
 Una ausencia hacer precisa,  
 Cosa que el que bien amare  
 Sabra bien cuanto lastima.

Sabiendo el Rey Don Alonso  
De su hijo la partida,  
Con lo trez cruels vasallos  
Que al mal, mal le persuadian  
Do está Doña Inez de Castro  
Con gran secreto camina,  
Confuso atemorizado  
Porque los trez le decian  
Que seria el casamiento  
Del reino total ruina,  
Y que el morir Doña Inez  
Era lo que convenia,  
Hirosele duro al Rey  
Su inocente culpa vista  
De que los trez indignados,  
Con suprema justicia  
Que eran del reyno, tomaron  
Sobre si aquesta malicia,  
Finalmente, Doña Ines  
Rindió a sus dagas la vida  
Cuya lastimosa muerte  
Por el Principe sabida  
Mueve guerra contra el padre,  
El cual morio en pocos dias  
De pesadumbre, y los trez  
Se huyeron para Castilla.  
Coronose el Portuguez,  
Segun su fuero en Coimbra,  
Coronando juntamente  
Por reina e mujer legitima  
Los huesos de Doña Ines,  
Que desenterrar hacia,  
Funestas bodas y exequias  
Celebrando un mismo dia;  
Y de los trez, dós cogiendo  
Hizo d'ellos cruel justicia.

## 6

**Don Pedro e Dona Ines de Castro. — III**

(ANONYMO.)

Don Pedro, a quien los crueles  
Llaman sin razon Cruel  
Desde Coimbra a Alcobaza  
Cien mil hachas hizo arder.  
Todas arden, mas que todas  
Arde el corazon del Rey,  
Lo que va de amôr á luces  
Y de cera al querer bien.  
Sentose a su lado y luego  
Los fidalgos y la plee  
Y el reino besó en cenizas  
La mano que nieve fué.  
Para obrar tan gran fineza  
No le falto a Amor ser rey,  
Sin juntarse con las armas  
Del monarca portuguez.  
El sol desconose el dia  
Cuando por tierra la vê  
En la noche de sus luces  
Todo el firmamiento en pié.  
La muerte que solo es fenix,  
Este bodes supo hacer,  
Donde en la vida e la muerte  
Reinan marido y mujer.  
Los clarines y clamores  
Dan pésame y parabien,  
Al vivo de su firmeza,  
Y al cadaver, de su fé.  
Lo que sobro del sepulcro  
Cubre funesto dosel;  
Tálamo y tumulo cubren  
A Don Pedro y Doña Ines.

**Dona Ines de Castro, Cuello de Garza, de Portugal. — IV**

(ANONYMO)

A la Reina de los cielos  
Que con excelencias tantas  
Se coronó de laureles  
Para llevar-se la palma ;  
A aquella que ave divina  
Se remontó bella garza  
A lo mas alto del cielo,  
Adonde está colocada,  
Le suplico que me preste  
Una pluma de sus alas  
Para que escriba mi ingenio  
La crueldad mas inhumana,  
Y la lastima que lloran  
De bronce y marmol estatuas.  
En ese lucido reino  
De la gente lusitana  
Nació un principe famoso,  
A quien dió nombre la fama  
De cruel, aunque para serlo  
Le dieron bastante causa.  
Por gusto del rey su padre  
Con una infanta de España  
Casó el Principe famoso  
Con grandeza soberana,  
Y á Portugal, con su reina,  
Pasó por dama, una dama,  
Cuya hermosura por grande  
Se igualó con su desgracia.  
Era Doña Ines de Castro,  
Ya lo he dicho, que esto basta.



Murió luego en Portugal  
La princesa castellana;  
Sintió Portugal su muerte  
Tanto como le tocaba,  
Y el Principe se portó  
Con grandeza para honrarla;  
    sosegada la pena,  
Que el tiempo todo lo acaba,  
Salió para divertirse  
Al jardin, como estilaba,  
Donde dió vista á una fuente  
De una fabrica tan rara,  
Que era toda de alabastro,  
Com una taza de plata,  
Y alli poniendo sus ojos  
Vió reclinada una dama,  
Que en los frigidós cristales  
Al espejo se miraba.  
Llegó el Principe á la fuente,  
Porque el fuego busca al agua  
Y mirando su hermosura,  
Quedó su vista abrasada.  
Y á su cariñoso estilo  
Volvió Doña Ines la cara.  
Quedóse el Principe helado,  
Y Doña Ines quedó helada,  
Bebiendo se los alientos  
Por los ojos, hasta el alma.  
El fuego venció á la nieve,  
Y derritiendo la causa  
Que aprisionaba su lengua,  
Rendido el Principe habia.  
Palabra le dió de esposo  
Prometiéndolo coronarla  
Por reina de Portugal;  
Y la dama cortesana  
Con juxto agradecimiento

Su candido jazmin saca.  
Dióle la mano de esposa,  
Y en fe de mano y palabra  
Se casaron en secreto  
Con union muy voluntaria ;  
Y temiendo que su padre  
Esta accion les estorbara,  
Para que mas se ocultase  
Del real palacio la saca,  
Aposentando su hechizo  
En una quinta que estaba  
Convecina del Mondego.  
Y su padre, que ignoraba  
Los lances que he referido,  
Trató luego con Navarra,  
Atribuyéndolo á dicha,  
El casarle con su Infanta.  
Concediólo el Rey navarro,  
Y la infanta Doña Blanca,  
Acompañada de grandes  
De su corte y de su casa,  
Pasó á Lisboa, causando  
Mil penas eslaboñadas.  
Visitó el Principe al Rey,  
El cual le ordena y le manda  
Que pues ha de ser su esposo,  
Visitase á Doña Blanca.  
Obedecióle Don Pedro,  
Y recibióle la Infanta  
Con cariñosos cortejos,  
Y el Principe asi le habla :  
— Ilustrissima Señora,  
Cierto me holgara en el alma  
Excusar vuestro disgusto  
Y el mio, por ser yo causa  
De los presentes desaires  
En que os miro estimulada ;

Mas supuesto que es preciso  
Vuestra pena declarada,  
Rompa mi voz el silencio,  
Pues ya no puedo occultarla.  
Casé, Señora, en Castilla  
Primera vez con la Infanta  
Por el gusto de mi padre ;  
Pero pues no está ignorada  
La dicha de estos principios,  
Pasemos á la sustancia.  
Cuando mi querida esposa  
Pasó á Portugal, de España  
Vino asistiendola entónces  
Una bellissima dama,  
Una hermosura, un prodigio,  
Perdóneme el alabarla  
Vuestra Alteza en su presencia :  
De su belleza informarla  
Mi importa, porque disculpe  
Temeridades osadas,  
Cuando advertida conozca  
De estos extremos la causa.  
Es, en fin, por abreviar,  
Doña Ines, Cuello de Garza,  
Tan garza, que su hermosura  
Y discrecion remontada,  
Por ser un cielo, es el centro  
De la gloria de mi alma.  
Vióla mi vista, y perdila,  
Pues me la robó su gracia ;  
Solicité su hermosura,  
Y favoreció mis ansias  
Tanto, que logré la dicha  
De gozar premios por paga.  
Ya Doña Ines es mi esposa  
Que está conmigo casada,  
Su esposo soy tan gustoso

Que á mi dicha no se iguala  
La mayor dicha del mundo,  
Porque es mi dicha tan alta :  
Y asi podrá vuestra Alteza  
Volverse luego á Navarra,  
Que solo Ines hade ser  
En Portugal coronada. —  
Fuese el Principe, y quedó  
En blanco la triste Blanca,  
Dando á los ojos licencia  
Para que tristes lloraran  
La pena que padecia ;  
Y el noble rey de Navarra  
Sintió con grandes extremos  
El desaire de su hermana,  
Mandó que al arma tocasen  
Las trompetas y las cajas,  
Y los fuertes capitanes  
Se pusiesen en campaña  
Con ejercitos valientes  
Bien prevenidos de armas,  
Hasta ver de Portugal  
La corona derribada ;  
Que para recuperar  
El agravio de su hermana  
Solo pretende ponerla  
Por alfombra de sus plantas.  
Sonó el clarin belicoso,  
Crujió el parche de las cajas,  
Poblóse el campo de picas,  
De mosquetes y alabardas,  
Y con fieros estandartes,  
Y banderas tremoladas,  
Le puso sitio á Lisboa ;  
Y temiendo su arrogancia  
El portuguez, pidió treguas  
Y á sus consejeros llama :

Y puesto en el trono altivo  
Su consejo les demanda.  
Era el uno Egas Coello,  
Y Alvar Gonzalez llamaban  
Al segundo consejero,  
Y el consejo que le daban  
Fué que Dona Ines de Castro  
Muriese, que era la causa  
De las guerras, que su muerte  
Era de mucha importancia.  
El Rey replicó que no,  
Que era tirania ingrata.  
Replicaron los traidores  
Que perderia su fama,  
Y que junto con su vida  
Su corona peligraba  
Y en fin, tiranos, alevés,  
Tantos riesgos alegaban,  
Que bajó desde su trono  
El Rey, dejando firmada  
De Doña Ines la sentencia  
De que muera degollada.  
Al Principe aseguraron  
En la prizon de un alcázar,  
Y partieron á Coimbra,  
Donde Doña Ines estaba.  
Aqui la mano me tiembla,  
Aqui la pluma se pára,  
Aqui el pulso titubea,  
Y la lengua aprisionada  
Entre penas y tormentos,  
No pronuncia lo que habla,  
Le leyeron la sentencia  
A aquella cordera mansa,  
A aquella que imitó á Abel  
Entre el furor y la saña  
De tan ingratos Caines ;

Y vestida de mil ansias,  
Rociaron sus auroras  
Perlas, que en la filigrana  
De sus hermosas mejillas  
Se miraron esmaltadas ;  
Y sentada en una silla  
Las manos atras atadas,  
Llegó el tirano homicida,  
Cubrió su cielo una banda,  
Cortó el ingrato cuchillo  
Su bellissima garganta.  
Quedó aquella nieve, roja,  
Aquella luna, eclipsada,  
Aquel sol, todo nublado,  
Aquella luz, apagada,  
Aquella estrella, sin rayos  
Aquel lucero, sin alba,  
Sin purpura, aquella rosa,  
Aquel clavel, sin fragancia,  
Aquel jazmin, deshojado,  
Y sin cuello aquella garza,  
Abatidos ya sus vuelos,  
Y remontada su fama.  
Murió Doña Ines de Castro,  
Dios le dé gloria á su alma,  
Y entre hermosos paraninfos  
S'eternice colocada ;  
Y el Principe mas amante  
Cuando supo la desgracia,  
Sus amorosos extremos  
Digalos por mi la fama ;  
Y desmintiendo la noche  
Con la luz de cien mil hachas,  
Le hizo un entierro solemne  
Desde Coimbra á Alcobaza,  
Donde sobre su cabeza  
Puso la corona sacra,

Y luego todos sus grandes  
Besaron la mano blanca.  
Hizo que todo su reino  
Por su reina la jurara,  
Y á los ingratos traidores  
Por las traidoras espaldas  
Arrancó los corazones,  
Porque su culpa pagaran.  
Emplazado murió el Rey  
Para dar cuanta tan larga:  
Quedó Doña Ines sin vida,  
Y los traidores sin alma;  
Y cuando supo el suceso  
Levantó el sitio Navarra,  
Y el Principe sin consuelo  
Quedó llorando mil ansias.  
Rendido pide el ingenio  
Perdon de sus muchas faltas.

*Pliego suelto.*

---

8

**Romance de Dona Isabel**

— De cómo Dona Isabel quiso en vano ser reina de Castilla. —

(ANONYMO)

Yo me estando en Tordesillas  
Por mi placer y holgar,  
Vinome al pensamiento,  
Vinome a la voluntad  
De ser reina de Castilla,  
Infanta de Portugal.  
Mandé hacer unas andas  
De plata, que non de al  
Cubiertas con terciopelo  
Forradas en tafetan.

Pase las aguas del Duero,  
Paselas yo por mi mal  
En los brazos a Don Pedro  
Y por la mano a Don Juan,  
Fuerame para Coimbra,  
Coimbra de Portugal:  
Coimbra desde que lo supo  
Las puertas mando cerrar.  
Yo triste, que a questo vi,  
Rescibiera gran pezar:  
Fuerame a un monasterio  
Qu'estaba en el arrabal,  
Casa es de religion  
Y de grande santidade;  
Las monjas estan comiendo,  
Yá que querian acabar  
Luego yo quando lo supe  
Envie con mi mandar  
A decir á la Abadesa  
Que no se tarde en bajar  
Que espera Doña Isabel  
Para con ella hablar.  
La Abadesa que lo supo,  
Muy poco tardo en bajar:  
Tomarame de la mano,  
A lo alto me fué a llevar  
Hizome poner la meza  
Para haber de yantar.  
Despues que hube yantado  
Comenzome a preguntar  
Como vine a la su casa  
Como no entré en la ciudad?  
Yó le respondi: — Señora,  
Eso es largo de contar:  
Otro die hablaremos,  
Quando tengamos lugar.



**Romances de Doña Isabel de Cast**

Cómo, porque el Rey tenía hijos de ella, la reina la mando matar. — I

(ANONYMO)

Yó me estando en Giromena  
Por mi placer y holgare,  
Subierame a un mirador  
Por mas descanso tomare:  
Por los campos de Monvela  
Caballeros vi asomare:  
Ellos de guerra no vienem,  
Ni menos vienen de paz,  
Vienem en buenos caballos,  
Lansas y adargas traen:  
Desde que yó lo vi, mezquina,  
Peremelos a mirare,  
Conociera a uno d'ellos  
En el cuerpo y cabalgare,  
Don Rodrigo de Chavella  
Que llaman del Marechale,  
Primo hermano de la Reina  
Mi inemigo era mortale.  
Desde que yó, triste, le viera,  
Luego vi malo señale.  
Tomé mis hijos conmigo  
Y subime al homenaje;  
Yó que yo iba a subir,  
Ellos en mi casa estane:  
Don Rodrigo és el primero,  
Y los otros traz el vane.  
— Salveos Diós, Doña Isabel.

«Caballeros bien vengades.  
 — Conoscedesnos, señora,  
 Pues asi vais a hablare?  
 «¡Yá os conozco, Don Rodrigo!  
 Yá os conozco por mi male!  
 ¿A qu'era vuestra venida?  
 ¿Quien vos ha enviado acae?  
 — Perdonemedes, señora,  
 Porque lo que os quiero hablare,  
 Sabed que la Reina, mi prima  
 Aca enviado me hac,  
 Porque ella es muy mal casada,  
 Y esta culpa en vos estae,  
 Porque el Rey tiene en vos hijos  
 Y en ella nunca los hae,  
 Siendo, como sois, su amiga,  
 Y ella mujer naturale:  
 Manda que murais, señora  
 Paciencia querais prestar. —  
 Respondió Doña Isabel  
 Con muy grande honestidade:  
 «Siempre fuistes, Don Rodrigo,  
 Todo em mi contrariedade:  
 Si vos queredes, señor,  
 Ben sabedes la verdade  
 Qu'el Rey me pedio mi amôr,  
 Yo no se lo quiso dare,  
 Teniendo en mas a mi honra  
 Que no sus reinos mandare;  
 Cuando vió que no queria  
 Mis padres fuera a mandare,  
 Ellos tan poco quisieron  
 Por la su honra guardare  
 Desde todo aquesto vido,  
 Por fuerza me fué a tomare;  
 Trujome a este fortaleza,

Do estoy en este lugar;  
Trez años he estado en ella  
Fuera de mi voluntade,  
Y si el Rey tiene en mi hijos  
Plugo a Diós y a su bondade,  
Y si no los ha en la Reina  
E's asi su voluntade.  
¿Porque me habeis de dar muerte  
Pues no merezco mal?  
Merced os pido, señores,  
No me la querais negare:  
Desterreisme d'estes reinos,  
Qu'en ellos no estaré mares  
Irme he yo para Castilla,  
O a Aragon mas adelante,  
Y si no bastare aquesto  
A Francia me iré a morare.  
— Perdonedenos, señora,  
Que no se puede hacer mas.  
Aqui está el Duque de Bavaria  
Y el Marquez de Villareale,  
Y está el Obispo de Oporto  
Que os viene a confesare.  
Cabe vos está el verdugo  
Que os habia de degollare,  
Y aun aquesto pajecico  
La cabeza ha de llevare. —  
Respondió Doña Isabel,  
Con muy grande honestidade:  
«Bien paresce que soy sola,  
No tengo quien me guardare,  
Ni madre ni padre tengo,  
Pues no me dejan hablare;  
Y el Rey no está en este tierra,  
Qu' ere ido allende el mare;  
Mas de qu'el sea venido

\*

La mi muerte vengarae.  
— Acabedes yá, señora,  
Acabedes de hablare.  
Tomalda señor Obispo,  
Y metedla a confesare.—  
Mientras en la confesion,  
Todos trez hablando estane,  
Si era bien hecho o mal hecho  
Esta dama degollare:  
Los dos dicen que no muera,  
Qu'en ella culpa no hae;  
Don Rodrigo, qu'es muy cruel,  
Dice que la ha de matare.  
Sale de la confesion  
Con sus trez hijos delante,  
El uno dos años tiene,  
Elle otro para ellos vae,  
Y el otro, qu'era de teta,  
Dandole sale a mamare,  
Toda cubierta de negro,  
Lástima es de la mirare:  
«Adiós, adiós, hijos mios;  
Hoy os quedareis sim madre:  
De alta sangre caballeros,  
Por ellos querais mirare,  
Que al fin son hijos de rey,  
Aunque son de baja madre.»  
Tiendenla en un repostero  
Para habella degollare:  
Asi murio esta Señora  
Sin merecer ningun male.

10

## Al mismo asunto. — II

(ANONYMO)

En Ceute estava el buen Rey, •  
Ese Rey de Portugal,  
Cuando le dieron aviso  
De tristeza y de pesar,  
Diciendole que habian muerto  
A Doña Isabel de Liar  
Y que lo mandó la Reina  
Por su mala voluntad.  
Don Rodrigo fué el cruel,  
El que llaman del Marchal.  
Y ese Duque de Salinas,  
Y el Marquez de Villareal,  
Con el o bispo de Oporto,  
Que la fuera a confesar.  
Cuando aquesto supo el Rey,  
No hace sino llorar ;  
Juraba por su corona  
Que le habia de vengar.  
Mandó tocar sus trompetes,  
El real mandara alzar,  
Vistiose todo de luto  
Luego se quizo embarcar  
Con solo diez caballeros  
Que no le quieren dejar.  
No quiso aguardar la flota,  
Por no se tanto tardar,  
Y dentro de siete dias

A Sevilla fué á llegar  
Y de allí a pocos días  
Es llegado a Portugal.  
Fuese derecho a palacio,  
Do salia reposar.  
La reina cuando lo supo  
Vinose a lo visitar ;  
Mas el Rey con mucha saña  
D'esta suerte le fue a hablar :  
— Mal vengades vos, la Reina,  
Malo sea vuestro llegar. —  
En diciendo estas razones,  
La mandó presto tomar,  
Y en el mismo repostero  
Do su amiga fué a finar,  
Mandó degolar la Reina,  
Don Rodrigo cuartear,  
Y a ese Duque de Salinas,  
Y al marquez de Villareal,  
Y al buen Obispo de Oporto  
Le mandó descabezar.  
Hizo sacar a su amiga  
Para con ella casar,  
Y por heredar sus hijos,  
A Don Pedro y a Don Juan.  
Y despues con mucha honra  
La mando luego enterrar ;  
D'este modo vengo el Rey  
A Dona Isabel de Liar.

**Romances del Duque de Guimarans. — I**

Don Juan II de Portugal hace decapitar al Duque de Guimarans, y mata por su mano al joven Duque de Viseo, su primo y cuñado.

(ANONYMO)

Los grandes de Portugal  
Se muestran muy enojados,  
Con gran queja de su rey  
Muy gran odio le han tomado.  
Y el Duque de Guimarans  
Es el que mas le ha mostrado,  
El cual con sus trez hermanos  
Se siente mui agraviado.  
Por muy aspero le acusan  
Y de no bien enseñado,  
Porque mui mal los tratava  
No haciendo d'ellos caso,  
Siendo de su misma sangre,  
Y sus deudos muy cercanos,  
Fuera de lo que su padre  
Siempre los habia tratado,  
Y de la humana llaneza  
Con que era comunicado;  
Agravando el mal presente,  
Mirando en el bien pasado,  
Y con este descontento  
Estando muy indignados  
Publicaban que era el Rey  
Avariento en sumo grado,  
Injusto, incapaz que el reino  
Fuese por el gobernado;  
Lo cual por el Rey sabido,

Mostrando-se muy airado,  
Dicen que les levantó,  
O que fué de ello informado,  
Que el Duque y sus trez hermanos  
Que se habian conjurado  
De matar a su persona,  
Y de tomarle su estado  
Y darlo a su primo el Duque  
De Viseo, su cuñado,  
Y por esto los prendió  
Tomandolos descuidados  
Y procedio contra ellos ;  
Y el processo sentenciado,  
Fué el Duque de Guimarans  
En publico degollado :  
Esotros sus trez hermanos  
Fueron todos desterrados,  
Y al Duque de Viseo  
Perdonó por ser muchacho.  
Y no dende a mucho tiempo  
En que aquesto hubo passado,  
Publicó que aquesto Duque,  
Su primo, queria matarlo,  
Y con otros caballeros,  
Que estaba yá conjurado :  
Envió a llamar al Duque  
El cual vino a su mandado  
De un pequeño luga suyo,  
Donde estaba aposentado,  
En la cámara del Rey  
Entró el Duque descuidado.  
Viendole el Rey ante si,  
Que le maten ha mandado ;  
Pero teniendo respeto  
Nadie quiso ejecutallo  
Por ser su primo del Rey,



Y ser tambien su cuñado.  
El Rey sacando un puñal,  
Fué contra el muy airado  
Diciendole: — ¡ Oh traidor! —  
Y el Duque muy fatigado,  
Viendose llamar traidor  
Respondió muy denodado:  
«Vos sois traidor y mentis  
En eso que babeis hablado.»  
Dijole el Rey: — Tu pensabas  
Levantarte con mi Estado  
Y matarme a mi primero;  
Pues mal te se ha ordenado,  
Que si mi brazo me ayuda,  
No verás lo que has pensado.  
Y abrazandose con el  
Dos puñalados le ha dado,  
Y dejandole alli muerto  
Entró dentro en su palacio,  
Y preguntole a la Reina  
Con rostro disimulado:  
— A quien quisiese matarme  
Y alzarseme con mi Estado  
¿Que os parece que merece  
En pago de su pecado? —  
La Reina le respondió:  
«El que tal caso ha pensado  
Muy cruel muerte merece  
Como traidor y malvado.»  
Dijo El Rey: — Tened paciencia,  
Que asi he hecho a vuestro hermano.

La Duquesa de Guimarans se queja al Rey por  
la muerte que hizo dar a su esposo. — II

(ANONYMO)

— Quejome de vos, el Rey,  
Por haber credito dado  
Del buen Duque, mi marido,  
Do que le fue levantado.  
Mandastemelo prender  
No siendo en nada culpado.  
¡ Mal lo hicistes, mi Señor !  
¡ Mal fuistes aconsejado !  
Que nunca os hizo aleve  
Para ser tan maltratado ;  
Antes os servió, ¡ mezquino !  
Poniendo por vos su Estado :  
Siempre vino a vuestras cortes  
Por cumplir vuestro mandado.  
No lo hiciera asi, señor,  
Si en algo os hubiera errado,  
Que gentes y armas tenia  
Para darse a buen recaudo ;  
Mas vino, como inocente  
Que estaba de aquel pecado.  
Vos no mirando justicia,  
Habeismelo degollado.  
No lloro tanto su muerte  
Como vello deshonorado,  
Con un pregon que decia  
Lo por el nunca pensado.  
Murió por culpas ajenas  
Injustamente juzgado :

El ganó por ello gloria,  
Yó para siempre cuidado,  
Agora vivo en prisiones  
En que vos me habeis hechado,  
Con una hija que tengo  
Que otro bien no me ha quedado,  
Que trez hijos que tenia  
Habeismelos apartado:  
El uno és muerto en Castilla,  
El otro desheredado,  
El otro tiene su ama,  
No espero verle criado:  
Por el cual pueden decir  
Inocente, desdichado.  
Y pido de vos enmienda,  
Rey, señor, primo hermano,  
A la justicia de Diós  
De hecho tan mal mirado,  
Por verme a mi con venganza  
Y a el sin culpa, culpado.

*Cancionero de Romances*

---

## 13

**Romance del Duque de Braganza, Don Jayme**

(ANONYMO)

Lunes se decia lunes,  
Trez horas antes del dia,  
Quando el Duque de Braganza  
Con la Duqueza reñia.  
El Duque con grande enojo  
Estas palabras decia:  
— Traidora me sois, Duquesa;

Traidora, falsa, malina,  
 Porque pienso que traicion  
 Me haceis y aleivosía.  
 «No te soy traidora, Duque,  
 Ni en mi linaje lo habia.»  
 Echo la mano a la espada,  
 Viendo que así respondia:  
 La Duqueza con esfuerzo  
 Con las manos la tenia.  
 — Dejes la espada, Duqueza,  
 Las manos te cortaria.  
 «Por mas cortadas, el Duque  
 A mi nada se daria,  
 Si no, vedlo por la sangre  
 Que mi camiza tenia.  
 ¡Socorred, mis caballeros,  
 Socorred por cortesia!»  
 No hay ninguno allí de aquellos  
 A quien la favor pedia,  
 Que eran todos portugueses  
 Y ninguno la entendia,  
 Sino era un pajecico  
 Que a la mesa la servia:  
 = Dejes la Duquesa, el Duque,  
 Que nada te merecia. =  
 El Duque muy enojado  
 Detrás del paje corria  
 Y cortole la cabeza  
 Aunque no lo merecia,  
 Vuelve el Duque a la Duquesa  
 Antes que viniese el dia.  
 «En tus manos estoy, Duque,  
 Haz de mi a tu fantasia,  
 Que padre y hermanos tengo  
 Que te lo demandarian,  
 Y aun que estos estan en España,

Allá mui bien se sabria.  
 — No me amenaceis, Duqueza,  
 Con ellos yo me avernia.  
 «Confessar me dejes, Duque,  
 Y mi alma ordenaria.  
 — Confesaos con Diós, Duqueza,  
 Con Diós y Santa Maria.  
 «Mirad, Duque, esos hijicos  
 Que entre vos y mi habia.  
 — No los lloreis mas, Duqueza,  
 Que yó me los criaria. —  
 Revolvio el Duque su espada,  
 A la Duquesa heria:  
 Diole sobre su cabeza,  
 Y a sus pies muerta caia.  
 Cuando ya la vido muerta  
 Y la cabeza volvia,  
 Vido estar sus dos hijicos  
 En la cama do dormia,  
 Que reian y jugaban  
 Con sus juegos a porfia.  
 Cuando asi jugar los vido,  
 Mui tristes llantos hacia:  
 Con lagrimas de sus ojos  
 Les hablaba y les decia:  
 — Hijos ¡cual quedais sin madre,  
 A la cual yo muerto habia!  
 Matela sin merecerllo,  
 Con enojo que tenia.  
 ¿Donde irás, el triste Duque?  
 De tu vida ¿que seria?  
 ¿Como tan grande pecado  
 Diós te lo perdonaria?

**A' la muerte del principe de Portugal**

(De Fray Ambrosio de Montesino)

Hablando estaba la Reina,  
 En cosas bien de notar,  
 Con la infanta de Castilla,  
 Princesa de Portugal :  
 A grandes voces oyeron  
 Un caballero llorar,  
 La ropa hecha pedazos,  
 Sin dejar de se mesar,  
 Diciendo : — Nuevas os traigo  
 Para mil vidas matar :  
 No son de reinos estraños,  
 De aqui son d'este lugar :  
 Desgreñad vuestros cabellos,  
 Collares ricos dejad,  
 Derrubad vuestras coronas  
 Y de jerga os enlatad ;  
 Por pedraria y brocado  
 Vestid disforme sayal ;  
 Despedios de vida alegre ;  
 Con la muerte os remediad. —  
 Entreambos á dos dijeron  
 Con dolor muy cordial,  
 Con semblante de mortales,  
 Bien con voz para espirar :  
 «Acabadnos, caballero,  
 De hablar y de matar,  
 Decid : qué nuevas son estas  
 De tan triste lamentar ?  
 Los grandes reys de España  
 Son varios, ó vales mal ?  
 Que tienen cerco en Granada  
 Con triunfo imperial.  
 A qué causa dais los gritos

Que al cielo quieren llegar?  
Hablad ya, que nos morimos  
Sin podernos remediar.  
— Sabed, dijo el caballero,  
Muy rouco de voces dar,  
Que fortuna os es crueldad,  
Y el peligro de su rueda  
Por vos hubo de pasar.  
Yo lloro porque se muere  
Vuestro Príncipe real,  
Aquel solo que paristes,  
Reina de dolor sin par,  
Y el que mereció con vós,  
Real Princesa, casar:  
De los principes del mundo  
Al mayor el mas igual,  
Esforzado, lindo, cuerdo,  
Y el que mas os pudo amar,  
Que cayó de un mal caballo  
Corriendo en un arenal,  
Do yace casi defuncto  
Sin remedio de sanar.  
Si lo quiéres ver morir,  
Andad, señoras, andad,  
Que ya ni ve, ni oye,  
Ni menos puede hablar,  
Suspira por vos, Princesa,  
Por señas de lastimar,  
Con la candela en la mano  
No os ha podido olvidar.  
Con el está el Rey su padre  
Que quiere desesperar:  
Dios os consuele, señoras,  
Si es possible conhortar;  
Qu'el remedio d'estes males  
Es a la muerte llamar.

**Romance de la muerte del enamorado Don  
Bernaldino.**

(ANÓNIMO)

Ya piensa don Bernaldino  
Ir su amiga visitar,  
Da voces á los sus pages  
Que vestir le queiran dar;  
Dábanle calzas de grana,  
Borceguis de cordoban,  
Un jubon rico broslado,  
Que en la corte no hay su par;  
Dábanle una rica gorra,  
Que no se podria apreciar,  
Con una letra que dice :  
«Mi gloria por bien amar.»  
La riqueza de su manto  
No os la sabria yo contar,  
Sayo de oro de mastillo,  
Que nunca se vió su igual,  
Una blanca hacanea  
Mandó luego ataviar,  
Con quince mosos de espuelas  
Que le van compañaar,  
Ocho pages van con él,  
Los otros mandó tornar;  
De morado y amarillo  
Es su vestir y calzar.  
Allegado han á las puertas  
Do su amiga solia estar;  
Hallan las puertas cerradas,  
Empieson de preguntar :



— ¿Donde está doña Leonor,  
La que aqui solía morar?  
Respondió un maldito viejo,  
Que el luego mandó matar :  
«Su padre se la llevó  
Lejas tierras a habitar.»  
El rasga sus vestiduras  
Con enojo y gran pezar,  
Y volvióse á los palacios  
Donde solía reposar :  
Puso una espada á sus pechos  
Por sus dias acabar.  
Un su amigo que lo supo  
Venialo á consolar,  
Y en entrando por la puerta  
Vidolo tendido estar.  
Empiesa á dar tales voces  
Que al cielo quieren llegar ;  
Vienem todos sus vassallos,  
Procurar de lo enterrar  
En un rico monumento  
Todo echo de cristal,  
En torno del cual se puso  
Un letrero singular :  
«Aqui esta don Bernaldino  
Que morio por bien amar.»

### Romances del Rey Don Sebastian — I

(ANONYMO)

Una bella lusitana,  
 Dama ilustre y de valia,  
 Haciendo sus ojos fuentes,  
 Con llanto estiende la vista  
 A la poderosa armada,  
 Que de Lisboa salia,  
 La vuelta el mar de Levanto,  
 Por Sebastiano regida.  
 Y como vido que el norte  
 Sopla furioso y aprisa  
 Dijo con un ¡ai! del alma,  
 Triste, turbada, afligida:  
 «Que no hay quien baste  
 Contra gallardo rey, moro arrogante.»  
 Esta mirando por tierra  
 La mucha gente lucida,  
 Diferenciados en traje  
 Y en diferentes divisas,  
 Porque aunque Cristo llevan  
 La cruz en medio tendida,  
 El galan y enamorado  
 Conforme a su intento pinta;  
 Pero la afligida dama,  
 Que vido una roja insignia  
 En una alta popa puesta,  
 Desde un balcon que partia  
 Digo: «No hay quien baste  
 «Contra un gallardo rey, moro arrogante.»

Mira las lucidas armas  
Que lleva la fidalguia,  
Y de telas de oro y plata  
Costosas ropas vestidas;  
Y las medallas compuestas  
De muy rica pedreria,  
Cadenas de oro pendientes,  
Tantas que la vista admiran;  
Considerando de muchos  
La dolorosa partida,  
Y que ve entre los que parten  
El bien de su alma y vida,  
Dijo: — «No hay quien baste, etc.»  
Tocan las trompas à leva,  
Y las cajas resonantes  
Con los pifaros parleros  
Dicen que todos se embarquen.  
Los marineros dan voces  
Para que el ferro se alce,  
Y los lijeros grumetes  
Al viento velas esparcen,  
Cuando la dama hermosa,  
Procurando consolarse,  
Dice: — «Plega, Diós que vuelvas  
Victorioso y muy pujante,  
«Y habra quien baste  
»Contra un gallardo rey, moro arrogante.»

**El Rey Don Sebastian — II**

(ANONYMO.)

De la sangrienta batalla  
Que tuvo el rey Sebastiano  
Con los africanos moros,  
Rompido y desbaratado  
Se ha escapado un español  
De los que Felipe ha enviado  
Al socorro y obediencia  
Del bando del lusitano.  
Despedazadas las armas,  
Sin aliento y sin caballo,  
En roja sangre teñido,  
Por muchas partes llagado,  
Arrimose el español  
A un arbol espeso y bajo,  
De donde vido en su gente  
Aquel mortifero estrago;  
Y aunque lacio y macilento,  
Dijo, que lo oyó un soldado:  
— No me pesa de mi muerte,  
Pues con una vida pago  
La deuda que a Diós le debe  
El catolico cristiano;  
Mas ¿porque ha de morir  
Un rey mancebo y lozano  
Y con el todos los suyos  
Por ser mal aconsejado? —  
Estas razones diciendo  
Llegó el Rey alborotado,  
Y dijo: «¿Como, español,

En tal priesa, tanto espacio? »  
— Inclito Rey, le responde,  
Oyeme bien lo que hablo,  
Y és que te guardes, señor,  
Y retires todo el campo,  
Y no des al enemigo  
Tan abierta y larga mano,  
Y que los tuyos perezcan,  
Sin que se escape un cristiano.  
Mira que una retirada,  
Cuando és con acuerdo sano,  
Vale mas que un vencimiento,  
Si el tal se alcanza con daño.  
El Rey atento le ha oido  
Y dijole: «Castellano,  
Toma para ti el consejo  
Que me dás, nó todo sano  
Mas con pecho de cobarde,  
Que no de diestro soldado.»  
El capitan que se vió  
Ser del Rey abaldonado,  
Cobró el aliento perdido  
Y tomó presto un caballo,  
Y con la espada desnuda  
Parte al sarraceno campo,  
Y dijole: — Excelso Rey,  
Porque entiendas que mi brazo  
No te ha de echar en afrenta,  
Ten cuenta con lo que hago. —  
Trez alcaides tiene muertos .  
En una hora de espacio,  
Y mas de diez corredores  
De los que andan en el campo.  
El Rey, que atencion le tuvo  
Aunque no estaba parado,  
Dijo a los suyos: «Sin duda

El español es honrado;  
 Haced lo mismo vosotros  
 Los que vos preciais de hidalgos,  
 Y ninguno vuelva atras,  
 Mientras no vuelve mi brazo.»  
 Pero la parca cruel  
 Que tiene el cuchillo alzado,  
 A Sebastiano dió muerte,  
 Y a su reino eterno llanto.

*Romancero general.*

18

### El Rey Don Sebastiano. — III

(ANONIMO)

Discurriendo en la batalla  
 El Rey Sebastiano bravo,  
 Bañado en sangre enemiga  
 Toda la espada y el brazo,  
 Herida su real persona,  
 Pero no de herir cansado;  
 Que en tal valeroso pecho  
 No pudo caber cansacio,  
 A todas partes acude,  
 Do el peligro está mas claro,  
 Poniendo en orden su gente  
 Y temor en el contrario,  
 Entre los alarbes fieros,  
 Haciendo en ellos estrago  
 Con la prisa y peso de armas  
 Sale cansado el caballo.  
 A remediar su peligro  
 Venir vió un valiente hidalgo;

Las armas traíasangrientas,  
Por muchas partes pasado,  
En un caballo lijero  
Contra moros peleando,  
Y sacando de flaqueza  
La voz, dice suspirando:  
— D'este caballo te sirve,  
Inclito Rey Sebastian  
Y salvarás en salvarte  
Lo que queda de tu campo:  
Mira el destrozo sangriento,  
De tu pueblo lusitano,  
Cuya lastimosa sangre  
Hace lastimoso lago;  
Sin orden tu infanteria,  
Rompidos los de a caballo,  
Senal de triste suceso  
Favorable en el contrario.  
Que te apartes d'esa furia  
Te suplican tus vasallos  
Llenos de sangre los pechos,  
Puestas las vidas al caso:  
Pon los ojos en tu fé,  
Y recibe mi caballo;  
Prefierase el bien comun  
A la vida de un hidalgo:  
No abaldones mi deseo,  
Huye las manos del daño. —  
De cuyos ruegos movido,  
Respondió el Rey acetando:  
«A tel estrecho he venido,  
Que tengo de ser forzado  
A receber con tu muerte  
La vida que yá desamo;  
Pero poca es la ventaja  
Que me llevaras, hidalgo,

Que aqui do quiere fortuna,  
No está mal morir temprano.»  
Decende, le dice el Rey;  
Pero no puede el vasallo,  
Que mil honrosas heridas  
Le traian en tal estado:  
Ayudale a decender  
El Rey con sus propios brazos,  
Echandoselos al cuello,  
Y subiendo en el caballo.  
«Adiós, dice, caballero:  
Que a buscar venganza parto  
En los fieros enemigos  
Y a morir con mis vasallos.»

*Romancero general, n. 73 v.*

FIM



## ADDIÇÕES Á PAG. XXXII

Nos *Livros de Linhagens*, dos fins do seculo XIV, já lá se fala nas façanhas dos Doze Pares, do cyclo de Carlos Magno: «muitos rricos homeens que hiam pera lhes acorrerem disseram a el-rey dom Fernando que numca virom cavalleiros nem ouviram falar que tam soffredores fossem, e pose-ram-nos em par dos doze pares:» *Mon. Hist. Scriptorum*. Vol. I, fasciculo III, p. 283.

Dos romances populares feitos á morte de Dona Inez de Castro, cantados pelo povo em Coimbra, fala o P.<sup>o</sup> Dom Marcos de Sam Lourenço, no manuscrito dos *Lusiadas* commentados, cujo autographo existe na Bibliotheca das Necessidades: «As filhas de Mondego, diz Camões que, longo tempo fizeram memoria d'esta morte de Dona Inez, o que se entende nas cantigas que logo saem e se compoem quando algum caso notavel acontece, como quando mataram D. Alvaro de Luna, em Castella. Estas cantigas e romances duraram mais na bocca das moças de cantaro e lavandeiras, principalmente onde a gente é alegre e presenteira como a de Coimbra, onde esta historia aconteceu <sup>1</sup>.» Este commento foi escripto depois de 1633, e é natural que andassem ainda na tradição os cantos que agora vão apparecendo em cadernos de uso popular.

Entre os peccados de bocca, el-rei Dom Duarte enumera, no *Leal Conselheiro* (p. 357), o cantar «*cantigas sagraes*.» N'esta passagem refere-se aos romances da paixão que começaram no principio do seculo XV, os quaes foram prohibidos no tem-

<sup>1</sup> O Visconde de Juromenha, na sua edição de Camões, fala n'este manuscrito, t. I, p. 323 — 328.

po da Reforma, e condemnados nos *Index Expurgatorios* de Portugal e Hespanha no seculo XVI.

Sá de Miranda na ecloga VIII, allude a um romance antigo :

o baboso da aldeia  
Que traz sempre a bocca cheia  
Das *Filhas de Dom Beltrame*. 1

Gil Vicente tambem allude á morte de Roland, do cyclo de Carlos Magno :

E' o precioso terçado  
Que foi no campo tomado  
Depois de morto Roldão. 2

Seropita faz allusão ao romance dos *Sete Infantes de Lara*, quauda fala dos namorados que aos domingos galanteiam do canto das travessas, «os quaes, pela maior parte, não sahem de obreiros de official que para este passo se almofaçam de maneira que vos pareceram uns *Sete infantes de Lara*.» (p. 109 das *Poesias e Prosas ineditas*).

No tempo de Dom Constantino de Bragança, vice rei da India, o povo, ao vel-o mandar construir uma Nau, vinha cantar-lhe injustamente debaixo da janella uma parodia do romance hespanhol :

Mira Nero de Tarpeia  
A Roma como ardia,

d'esta forma :

Mira Nero da janella  
La nave como se hacia. 3

1 Ed. de 1677, p. 477.

2 *Obr.* t. II, p. 416.

3 Juromenha, «Vida de Camões», t. I, pag. 82. — Vid. egualmente t. I, p. 46.

# INDICE

---

## TRANSFORMAÇÕES DO ROMANCE POPULAR DO SECULO XVI A XVIII

Os romances populares soffrem a mesma transformação que em Hespanha receberam no seculo XVI.....	V
Originalidade dos romances portuguezes..	VI
O cyclo da <i>Tavola Redonda</i> em Portugal, no tempo de D. João I.....	VII
A poesia palaciana exclue os romances populares.....	VIII
As glossas do romance popular.....	IX
<i>Pliegos sueltos</i> e cadernos de uso popular. X	
O <i>Cancioneiro</i> de Resende não allude a romances populares.....	XI
Gil Vicente e a Comedia de <i>Rubena</i> .....	XIII
Edições portuguezas de Romanceiros hespanhoes.....	XIII

Luctas da <i>Escóla italiana</i> em Portugal..	XIV
O metro encadecasyllabo e octosyllabo...	XV
Reacção do metro popular.....	XVIII
Lucta de Sá de Miranda.....	XX
Os poetas classicos desprezam a poesia do povo.....	XXIII
A reacção contra a <i>Reforma</i> extingue em Portugal a poesia popular.....	XXIV
Influencia jesuitica nos cantos do povo...	XXV
Condemnação dos <i>Livros de cordel</i> .....	XXVI
O <i>Index Expurgatorio</i> .....	XXVII
Extinção de varias festas populares.....	XXVIII
Instrumentos musicos do seculo XVII.....	XXIX
Introducção dos romances hespanhoes em Portugal.....	XXX
Romances portuguezes em Hespanha....	XXXI
Causa da extensão do Romanceiro hespa- nhol.....	XXXII
Romances conhecidos em Portugal hoje obliterados na tradição.....	XXXII
Adições a pag. xxxii. Vid p. 211 e 212.	
A comedia do <i>Fidalgo Aprendiz</i> encerra a historia do romance em Portugal...	XXXIII
Os romances populares postos em musica.	XLI
Letra castelhana em moda.....	XLII
Romances trovados ou glosados.....	XLIII
Romances ao divino.....	XLIV
As Xacarandinas.....	XLV
O que era o cantar de algaravia en aravia.	XLVI
Os romances mouriscos.....	XLVIII
Forma lyrica dos romances.....	LI
Os romances amorosos dos Mosteiros.....	LII
Estado actual da poesia popular.....	LIII

---

ROMANCES COM FORMA LITTERARIA, DO  
SECULO XVI A XVII

<b>Alvaro de Brito</b> — Trovas á morte do príncipe Dom Affonso, filho de D. João II...	1
<b>Garcia de Resende</b> — Trovas á maneira de romance feitas á morte de Dona Inez de Castro .....	3
<b>Francisco de Sousa</b> —Trovas a um Vilancete.	8
<b>Gil Vicente</b> — Romance em memoria da partida da Infanta Dona Beatriz.....	9
— Romance burlesco, glosando o celebre romance <i>Yo me estava en Coimbra</i> .....	11
— Cantiga dos romeiros.....	12
— Romance ao nascimento do Infante Dom Felipe.....	13
— Romance á morte de Dom Manuel.....	14
— Romance á aclamação de Dom João III.	16
— Cantiga do Natal.....	19
— Vilancete de Abel.....	20
— Fragmento da <i>Bella mal maridada</i> .....	21
— Cantiga cantada em Chacota .....	22
— Cantiga do <i>Auto da Luzitania</i> .....	22
— Cantiga da Comedia de <i>Rubena</i> .....	23
<b>Bernardim Ribeiro</b> — Cantar a maneira de Soláo.....	24
— Romance de Avalor.....	25
— Romance de Cuidado e Desejo.....	27
<b>Christovam Falcam</b> — Cantiga com suas voltas .....	33
<b>Sá de Miranda</b> — Cantiga.....	32
<b>Jorge de Monte-Mór</b> — Canção.....	34
— Outra cançoneta.....	35
<b>Jorge Ferreira de Vasconcellos</b> — Romance da batalha de El-rei Arthur com Morderet.	36
— Romance sobre a Guerra de Troya.....	38

— Romance da morte de Achilles.....	39
— Romance da morte de Policena.....	42
— Romance da Historia de Roma.....	44
— Romance da Batalha da Pharsalia.....	46
— Romance á morte do principe D. Affonso	49
— Romance á morte do Principe D. João..	52
<b>Luiz de Camões</b> — Endechas a Barbora es- crava.....	54
— Mote com sua volta.....	55
<b>Francisco Rodrigues Lobo</b> — Cantiga.....	56
— Outra.....	57
— Romance do Desenganado.....	58
<b>Dom Francisco de Portugal</b> — Romance pas- toril.....	60
<b>Balthazar Dias</b> — Romance do Marquez de Mantua e do Imperador Carlos Magno... — Historia da Imperatriz Porcina (tirada do <i>Speculum historiale</i> ).....	62 104
<b>Dom Francisco Manoel de Mello</b> — Romance picaresco.....	149
<b>Quintana de Vasconcellos</b> — Romance de Cla- ridea.....	152
<b>Antonio Serrão de Castro</b> — Romance da Bri- ga de um Cego com um Corcovado.....	154
<b>Anonymo (1620)</b> — Romances e cantigas da canonisação de S. Francisco Xavier.....	156
— Cantiga de Abel (1659).....	159
<b>Francisco Lopes</b> — Romance de Santo Anto- nio e a Princeza.....	160

---

ROMANCES DA HISTORIA DE PORTUGAL, TI-  
RADOS DAS COLLECÇÕES HESPANHOLAS

1 — Romance del Conde Don Henrique..	163
2 — Romance de Egas Moniz.....	165
3 — Romance del Rey Don Affonso, quan- do libertó Portugal del tributo.....	171
4 — Romances de Don Pedro I de Portu- gal y Dona Inez de Castro — I.....	174
5 — Don Pedro I y Dona Inez — II....	175
6 — Don Pedro I y Dona Inez — III...	177
7 — Dona Inez de Castro, Cuello de Garsa de Portugal — IV .....	178
8 — Romance de Dona Isabel.....	185
9 — Romance de Dona Isabel de Liar — I.	187
10 — Al mismo asunto — II.....	191
11 — Romances del Duque de Guimarans, I.	193
12 — La Duqueza de Guimarans se queja al Rey por la muerte que hizo dar a su es- poso — II .....	196
13 — Romance del Duque de Bragança Don Jayme .....	197
14 — A la muerte del Principe de Portugal.	200
15 — Romance de la muerte del enamorado Bernaldino .....	202
16 — Romances del Rey Don Sebastiano, I.	204
17 — El-Rey Don Sebastiano — II .....	206
18 — El-Rey Don Sebastiano — III .....	208

de *maravilhoso* e da aventura do genio celtico. Todas as provincias do reino e ilhas dos Açores contribuíram para o monumento do seu *Cancioneiro e Romanceiro geral*; a Beira Baixa, interrogada por differentes collectores, apresentou as vellias rhapsodias, em um grande estado de perfeição, rivalisando com os mais velhos romances hespanhoes, e ás vezes completando-os, como se vê pelo romance de conde *Grifos Lombardo*; logo depois, Traz-os-Montes, é a mais rica de lendas cavalleirescas, introduzindo principalmente em cada romance o elemento do maravilhoso e do *milagre*, como se vê no romance da *Justiça de Deos* e do *Conde Ninho*. O Algarve deu as lendas religiosas dos primeiros seculos da monarchia, e as *zambras* mouriscas, semelhantes á aventura do mouro *Galvan*. A provincia do Minho contribuiu com as lendas piedosas dos santos e da hospitalidade. Coimbra, a terra das serenadas e das cantigas, deu a mais vasta collecção da *Sylva*, verdadeiro colar de perolas, a que o povo prendeu a historia dos seus amores. Sobre tudo, a genuina poesia popular portugueza foi encontrada no estado de inteireza e rudeza primitiva, nas Ilhas dos Açores; ali a tradição está pura e simples, como nos fins de seculo XIV, quando começou a elaboração poetica do Romanceiro da Peninsula; a linguagem d'ella é esse portuguez archaico do tem-



